

Quando, pelo contrario, se faz a mistura dos dois corpos no estado solido, forma-se no fim de algumas horas um corpo oleoso, que mancha o papel. A mistura torna-se pastosa e alcalina, enquanto o soluto, de que já fallámos, é ligeiramente acido.

D.

Ensaio das quinas

(EXTRACTO)

M. Landrin dedicou-se a uma serie d'experiencias tendentes a pesquisar as quinas por meio dos diversos vehiculos usados para este fim; os ensaios foram feitos com agua fervente, alcool e agua acidulada com acido chorhydico, na *quina succirubra*.

Antes d'indicar os resultados obtidos, M. Landrin fez conhecer o processo que empregou para determinar a riqueza em alcaloides da quina a ensaiar, processo de que faz uso diariamente para o ensaio das quinas.

Toma 300 grammas de quina, reduzida a pó grosso pela peneira n.º 40; d'outra parte, prepara um leite de cal com 75 grammas de cal caustica, e junta a este leite de cal 75 grammas de soda caustica liquida a 4º Baumé ¹ e um litro d'agua; depois, lança a quina n'esta mistura, de maneira a obter uma massa homogenea; junta uma porção d'agua, se a mistura está muito espessa.

Feita a mistura, lança sobre a quina dois litros d'oleo de schisto; leva á temperatura de 100º por espaço de vinte minutos, agitando constantemente; decanta e substitue o oleo decantado por outros dois litros d'oleo; aquece como precedentemente e decanta. O primeiro liquido contem pouco mais ou menos os nove decimos dos alcaloides da quina; o segundo contem o ultimo decimo; é inutil uma terceira lavagem, porque a quina se pôde considerar como pouco mais ou menos completamente lixiviada.

¹M. Landrin liga uma grande importancia á mistura dos dois alcalis para pôr em liberdade os alcaloides das quinas.

Os quatro litros d'oleo de schisto quente são reunidos e lavados por duas vezes differentes por uma mistura de 150 centimetros cubicos d'agua e 75 centimetros cubicos d'agua acidulada com acido sulfurico ao decimo; cada lavagem dura dez minutos, e, depois de cada tratamento, M. Landrin decanta. Renova a mesma operação por terceira vez, mas com uma quantidade duas vezes menor que o liquido acidulado.

Reune os dois primeiros liquidos, que neutralisa, á ebullicão, com ammoniaco, a fim de separar as resinas; o terceiro liquido serve para lavar o filtro.

Pelo resfriamento, os sulfatos alcaloidicos crystallisam em grande parte (pouco mais ou menos os nove decimos); separam-se por filtração, e M. Landrin precipita em seguida pela soda caustica os alcaloides existentes nas aguas mães. Estes alcaloides, seccos, são tratados pela agua acidulada com acido sulfurico, em quantidade sufficiente para os dissolver sem acidificar o liquido. Finalmente pesam-se os sulfatos.

Operando d'este modo, M. Landrin verificou que a *quina succirubra* continha por um kilogramma:

Alcaloides.....	75 gram.	92
Saes crystallisaveis.....	51 »	83
Sulfato de quinina.....	21 »	27

Tratou pela agua fervente, até completa lixiviação, um kilogramma d'esta quina; depois de secco o residuo, pesou e analysou. O residuo pesava 560 grammas e continha 11^{gr},50 d'alcaloides, dos quaes 8^{gr},34 de saes crystallisaveis e 3^{gr},12 de sulfato de quinina.

O extracto aquoso, secco, pesava 340 gram. e continha 64^{gr},42 d'alcaloides, dos quaes 43^{gr},49 de saes crystallisaveis e 15^{gr},85 de sulfato de quinina.

O kilogramma da quina analysada continha:

Materias insoluveis.....	560 gram.
Materias extractivas soluveis.....	340 »
Agua.....	100 »

Total..... 1:000 gram.

O mesmo tratamento foi practicado com alcool e com agua acidulada com acido chlorhydrico; os resultados foram os seguintes :

	Tratamento pelo alcool	Tratamento pela agua acidulada
Materias insolueis..	575 gram.	640 gram.
Mat. extract. soluv..	325 »	260 »
Agua.....	100 »	100 »
Total...	1:000 gram.	1:000 gram.

A quantidade de alcaloides da parte insoluel e da parte soluel, encontra-se indicada na seguinte tabella :

	Tratamento pelo alcool			Tratamento pela agua acidulada		
	Alcaloides totaes	Saes cristallisa-veis	Sulfato de quinina	Alcaloides totaes	Saes cristallisa-veis	Sulfato de quinina
Parte insolu-vel.....	9 gr. 95	6 gr. 12	3 gr. 00	17 gr. 24	12 gr. 22	7 gr. 39
Parte soluel	65 gr. 97	45 gr. 71	18 gr. 27	58 gr. 68	39 gr. 61	13 gr. 88

Resulta, d'estas experiencias, que a agua rouba á quina a maior parte dos principios que ella contém. *Á priori*, este resultado parece extraordinario; mas é preciso considerar que as pesquisas de M. Landrin foram feitas na *Q. succirubra* e que o resultado póde talvez ser differente operando em outra variedade de quinas.

O alcool rouba sensivelmente á quina a mesma quantidade de principios extractivos e alcaloides que a agua acidulada com acido chlorhydrico; a agua tira menos alcaloides, dá menos extracto. Pelo contrario, este ultimo processo de lixiviação apresenta mais vantagens: a de exigir menos liquido que os outros methods, e a de produzir um extracto mais soluel na agua e de sabor mais franco.

CHIMICA

O resorcinol na pesquisa dos nitratos

O sr. Lindo mistura a meio centim. cubico de soluto de nitrato, uma gotta de acido chlorhydrico, uma gotta de soluto de resorcinol (a $\frac{10}{100}$) e dois centim. cubicos de acido sulfurico.

A reacção colorida observa-se por opposição sobre uma superficie branca. A presença do acido nitrico descobre-se por uma côr de purpura, perceptivel ainda a uma diluição de 1 por 500,000. A 1 por 20,000 o colorido é por fórma que não se pôde reconhecer bem, senão na parte superior do liquido.

(Reportoire de pharm.)

Ensaio do azeite que se suppõe falsificado pelo oleo de algodão

PELO SR. HIRSCHSOHN

Verte-se em um tubo de ensaio 3 a 5 centim. cubicos do oleo suspeito; junta-se-lhe 6 a 10 gottas de um soluto de chloreto de ouro em chloroformio (1 gramma para 2 centim. cubicos); mergulha-se o tubo em agua a ferver por espaço de 15 a 20 minutos.

Quando a percentagem do oleo de algodão no azeite é de $\frac{1}{100}$, depois de 15 minutos de aquecimento o liquido apresenta-se cor de rosa, que passa a violeta desmaiada ao fim de 20 minutos.

Quando a mistura dos oleos attinge a proporção de $\frac{5}{100}$ a cor rosada apparece no fim de 5 minutos, e observa-se, passados 20 minutos, uma côr de vermelho-framboesa com reflexo azulado.

Nenhum outro oleo apresenta estas cores; alguns, como o de linhaça, de ricino, de amendoim, reduzem o chloreto de ouro, que se deposita no estado de pó metallico.

A pesquisa do oleo de algodão em mistura com outros oleos não dá o mesmo resultado com este processo, ainda mesmo na proporção de 20 por 100.

D.

TOXICOLOGIA

Sobre o envenenamento pelo acido oxalico; pesquisas toxicologicas

PELO SR. RUSSO-GILIBERTI

No envenenamento agudo pelo acido oxalico, o sangue, a urina, e os rins, contem um elemento precioso de diagnostico, que consiste na presença de numerosos cristaes de oxalato de cal no sangue, de um sedimento abundante de oxalato na urina, e, enfim, na obstrucção dos canaliculos uriniferos por cristaes da mesma natureza.

Estas alteraçõs do sangue, dos rins, e da urina, que se póde considerar como pathognomonicas do envenenamento oxalico, persistem mesmo em um estado de putrefacção adiantada, e permitem ao perito o pronunciar-se affirmativamente muitos mezes depois do acontecimento.

O oxalato de cal que póde achar-se na urina, nas condições normaes (ou elle provenha dos alimentos ou dos medicamentos) ou nas condições morbidas (oxaluria), não permite erro de diagnostico.

Fóra dos casos de envenenamento não se observa a obstrucção dos canaliculos uriniferos; os cristaes contidos no sangue são mui pouco numerosos; e a urina, quando muito, offerece um deposito cristallino insignificante, em comparação do precipitado que se encontra no caso de intoxicacção. Além d'isso, no envenenamento, entre as fórmas cristallinas do oxalato, são os agrupamentos em que predominam muito, em quanto que em qualquer outra circumstancia o octaedro é a fórma ordinaria.

Que o perito se não illuda pela presença de cristaes de oxalato calcareo provenientes da putrefacção de substancias

organicas, da vegetação de algumas mucedineas, de substancias animaes. Com effeito, em todos estes casos os cristaes são constantemente octaedricos; além d'isso, são pouco numerosos na putrefacção e, seja qual for a sua abundancia na pululação dos bolores, a sua producção é sempre limitada á parte invadida nos cogomellos.

Sobre a oxaluria

PELO SR. PETTERUTTI

O acido oxalico das urinas forma-se á custa dos alimentos albuminoides, pelo menos tantas vezes como á custa dos alimentos azotados. Fóra do organismo não se fórma mais acido oxalico na urina, á custa do acido urico, mas, muitas vezes o oxalato de cal da urina não se precipita todo,—ou tão sómente por incompleto, ou mui lentamente.

Seja qual fôr o regimen, o acido oxalico apparece nas urinas, exclusivamente, ou na sua maior parte, durante os periodos digestivos; por isso é que a urina da manhã contem muito menos acido, quando o contem, do que a urina da tarde.

A dieta de carne não supprime a oxaluria, ao contrario do que pensa Cantani e outros. A administração do carbonato de cal favorece o apparecimento do acido oxalico nas urinas, enquanto o bicarbonato de soda produz o effeito contrario.

A' frente das doenças em que se encontra a oxaluria está o catarrho gastro-intestinal chronico (36 por 10); seguem-se depois as doenças do systema nervoso central, que se complicam com perturbações digestivas; a diabete, que precede sempre e jámais segue a oxaluria; as affecções thoracicas, nas quaes a respiração é insufficiente.

Apenas se conhece um symptoma da oxaluria, quasi sempre constante—as perturbações da digestão estomacal. A lombalgia, que o sr. Petterutti tem observado algumas

vezes, é devida, segundo elle, a calculos renaes. Quanto aos phenomenos que predominam a maior parte das vezes, são a consequencia das perturbações digestivas. A forunculose, que o sr. Petterutti apenas tem notado duas vezes, não lhe parece estar em relação directa com a oxaluria. Em summa, não ha symptoma caracteristico da oxaluria, senão o apparecimento do acido oxalico nas urinas.

A divisão da oxaluria em physiologica e morbida não se justifica, por isso que, em muitos individuos, não se encontra acido oxalico nas urinas. A unica classificação, util na pratica, consiste em admittir uma oxaluria manifesta e outra latente, conforme o acido oxalico se precipita espontaneamente, ou não. A primeira fórma é a mais importante, em vista da unica consequencia prejudicial da oxaluria—a formação de calculos urinarios de oxalato.

O auctor não admittie na oxaluria, não vê n'esta doença os resultados de uma alteração especial da nutrição; para elle, a oxaluria é tão sómente occasionada pela diminuição das oxidações normaes, nem deve ser considerada como uma doença propriamente dita, e é a maior parte das vezes o symptoma de um catharro chronico do estomago e do intestino.

Finalmente o sr. Petterutti preconisa o acido phosphorico como tratamento, porque o phosphato acido de soda mantem o acido oxalico em solução na urina.

(Do Report. de Pharm.)

da Ordem dos Farmacêuticos

FORMULARIO

Maneira de disfarçar o amargor da quinina

O dr. Hugo Engel recommenda a preparação seguinte.

Sulfato de quinina	1 parte
Chlorhydrato de ammoniaco.....	4 »
Alcaçus	4 »

Misture as duas ultimas substancias, previamente reduzidas a pó, encorpore-lhes o sal de quinina e faça electuario com xarope ou mel.

(Mon. th.)

Emprego da exalgina (G. BARDET)

A exalgina é pouco soluvel na agua fria, mais na agua quente, muito soluvel na agua ligeiramente alcoolisada.

Eis uma formula de poção :

Exalgina.....	2 ^{sr} ,50
Alcoolato de hortelã.....	15

Dissolva e junte :

Xarope.....	30 gram.
Agua.....	105 »

Cada colher contem 25 centigr. Dóse 1 a 3 colheres nas 24 horas.

(Nouv. rem.)

Suppositorios, de Eckstein

SUPPOSITORIOS PELA GLYCERINA

Segundo o auctor, obtem-se um preparado superior ao de todas as formulas até hoje conhecidas, pelo modo seguinte:

Glycerina.....	100 gram.
Sabão.....	10 »
Stearoleo de cacão.....	50 »

Dissolve-se o sabão na glycerina a b-m. e junta-se o stearoleo; depois de fusão, agita-se convenientemente, até chegar á consistencia propria para moldar em papel.

D.

VARIEDADES

Irmãs de caridade condemnadas pelo tribunal de Florac, por exercicio illegal da pharmacia.—A irmã Cesarina, por ter aberto uma pharmacia em Ispagnac, sem diploma, foi condemnada em 500 francos para o estado, e mais nas custas do processo (instaurado pelo sindicato dos pharmaceuticos da Loreze) registo e extracto do julgamento etc.; e a fechar o estabelecimento.

O tribunal correccional de Lyão, em 7 de janeiro ultimo, tambem condemnou a sr.^a Drivon, em religião irmã Petronilha, em 500 francos, por se occupar especialmente da direcção de uma pharmacia, muito conhecida na cidade desde longa data, installada em um convento das irmãs de S. Carlos, e que, embora se não denunciasse ao publico por algum signal exterior, auferia ainda assim muito bons lucros. O sr. Descombes, pharmaceutico, que cobria a pharmacia (la Pharmacie des Quatres-Chapeaux) teve a mesma pena. O tribunal ordenou mais: que a pharmacia fosse fechada; que os réos pagassem solidariamente ao sindicato dos pharmaceuticos de Lyão (promotor do processo) a quantia de 100 francos a titulo de indemnisação.

Por cá vive-se no melhor dos mundos possiveis.

O filho de um pharmaceutico condemnado por exercer a profissão illegalmente.—Tendo fallecido em Gontaud (Lot et-Garonne) o sr. M. A., pharmaceutico da localidade, a viuva e o filho conservaram a pharmacia aberta durante o anno seguinte, segundo a lei regulamentar; passado esse praso, foram intimados a fechar o estabelecimento, em vista da reclamação feita á auctoridade pelo pharmaceutico que depois do fallecimento do sr. M. A. se tinha estabelecido ali. Como não attendessem a intimação, foram condemnados em 500 francos e a fechar a pharmacia.

Isto passa-se na França republicana.

Condemnação, em Paris, de cooperativas que distribuíam medicamentos a seus membros.—Os *Archives de pharmacie*, deram conta da condemnação inflingida em 17 de setembro de 1887, pelo tribunal do Senna, e em 24 de novembro seguinte pelo supremo tribunal de Paris, á *Revendication*, de Puteaux, que distribuía medicamentos a seus membros.

O tribunal do Senna acaba de confirmar esta jurisprudencia, condemnando em 10 de maio ultimo mais duas sociedades a *Egalitaire* e a *Bellevilloise*, incursas no mesmo delicto.

Acção salutar dos perfumes.—O *Pharmacista Italiano* dá-nos conta da opinião (para nós demasiado optimista) do sr. Ungerer a respeito da influencia do perfume das flores sobre o organismo.

Segundo o auctor, os perfumes constituem um agente therapeutico de primeira ordem. A habitação em uma atmosphera perfumada preserva das affecções pulmonares e retarda o desenvolvimento da tísica. Sete individuos, sujeitos a este tratamento odorifero, recobriram rapidamente a saude, depois de já terem sido unanimemente condemnados.

O sr. Ungerer cita, em apoio da sua these, a cidade de Grasse, onde a tísica é rara, e attribue esta quasi immuni-
dade que ali se desfructa, aos vapores aromaticos que se exhalam das fabricas de distillação.

Se a doutrina do sr. Ungerer é verdadeira, parabens aos perfumistas.

Errata.—No numero anterior o artigo de form. sobre *pediculi pubis* saiu truncado. Acrescente-se-lhe o seguinte:

Applica-se por meio de uma esponja, friccionando as partes a tratar.

O simples emprego do pó é menos energico do que a tintura, e mais difficil de applicar.

A tintura póde ainda ser aproveitada para a destruição dos insectos, que invadem as aves de pequeno talhe; para isso dilue-se em agua, e emprega-se a mistura em pulverisações.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 7 DE MAIO DE 1889.—Presidencia do sr. DRAGK

O sr. presidente abriu a sessão ás 9 horas da noute.

Não estando presente o sr. 2.º secretario, foi convidado a substituil-o o socio Mattos Miranda.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões de 26 de março e 9 de abril.

O sr. 1.º *secretario* (Emilio Fragoso) deu conta da correspondencia, entre a qual figurava um officio do sr. 2.º secretario, em que este socio expunha as rasões porque não podia assistir á sessão, e pedia tambem para ser substituido, visto a sua ausencia se prolongar por algum tempo.

O sr. dr. *Alves* declarou que tencionava retirar-se do reino por alguns mezes, offerecendo os seus serviços á sociedade nos paizes que percorresse, o que foi objecto de especial agradecimento da parte do sr. presidente.

ORDEM DA NOITE

Continuação da discussão do parecer sobre as propostas dos srs. Mendes e Pessoa

O sr. *Silva Michado*, relator, enviou para a mesa as propostas dos socios Mendes e Pessoa, visto ellas não terem sido transcriptas no parecer, o que tinha sido objecto de critica.

Fallaram de novo em defeza do *parecer* os srs. Pessoa, Mendes e o sr. relator, e contra, o sr. 1.º secretario.

O sr. *Coelho de Jesus* declarou que lhe parecia que o grande mal para a classe não era o facto de alguns individuos terem pharmacia, apesar de não serem diplomados. N'isto estava de accôrdo com o sr. 1.º secretario, assim como tambem concordava com elle, quando dizia que qualquer individuo, perante a lei, pôde ser proprietario

d'uma pharmacia. Fez varias considerações sobre o assumpto, mostrando-se partidario dos que sustentam que nas leis actuaes temos remedio para todos os males.

O sr. dr. *Alves* fallou largamente sobre a questão, mostrando-se favoravel á idéa dos que sustentam que nas drogarias é que está o grande mal para a classe.

A proposito narrou um caso curiosissimo, acontecido com elle havia poucos mezes, e que attestava bem os meios de que se estavam servindo os droguistas para explorar o publico.

O caso foi o seguinte:

Tinha-lhe ido parar ás mãos uma carta da provincia, subscriptada para *Joaquim José Alves*, nome igual ao seu. Abriu-a, e qual não foi o seu espanto quando de dentro lhe saem umas estampilhas no valor de 300 réis, acompanhando-as uma carta, em que lhe pediam que comprasse uma caixa de *pomada lusitana* e a remetesse para, se o *attestado* que elle passava, exaltando as virtudes de tal pomada, podia merecer confiança.

Intrigou-o bastante tal pedido, o que o levou a proceder a indagações, que lhe deram a saber que effectivamente havia um outro individuo de nome igual ao seu, e que era elle quem abonava as milagrosas virtudes da pomada vendida pelo droguista. Procurou-o e foi dar com um pobre velho, cego, pedinte, que declarou ter dado o seu nome, porque lhe deram uns vintens ! E era com attestados d'estes e outros d'egual natureza que se faziam vergonhosos reclames com o fim de enganar o publico.

O sr. *Silva Machado*, relator, propoz que a sociedade consultasse um advogado para este dar opinião sobre o seguinte quesito: os individuos não diplomados, podem ser proprietarios de pharmacias ?

Eram 11 horas da noite encerrou-se a sessão, ficando ainda o assumpto pendente.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1889.—Presidencia do sr. SILVA MACHADO
2.º vice-presidente

O sr. presidente abriu a sessão ás 9 horas da noute.

Não estando presente o sr. 2.º secretario, foi convidado a substituil-o o socio Mattos Miranda.

O sr. *Silva Machado* declarou que, sendo a sessão de hoje a primeira em que a sociedade se reunia apoz o fallecimento do socio benemerito o sr. Manuel Vicente de Jesus, cumpria-lhe deixar consignado o sentimento de que estava possuido por tamanha perda.

Tão prestimoso como era o fallecido, cuja intelligencia se avigorou com o estudo e trabalho aturado, foi realmente sentida a sua morte pela classe pharmaceutica, que ia assim, a pouco e pouco, perdendo os homens que mais a ennobreciam e a levantaram na consideração publica.

Em signal de sentimento convidava a assembléa a levantar a sessão, transmittindo-se ao illustre filbo do fallecido, nosso consocio, e á inconsolavel viuva, tal resolução, que considerava como uma demonstração publica do altissimo valor em que a sociedade tinha a pessoa do illustre pharmaceutico.

O sr. *Fernandes Pessoa* pediu que se consignasse, em especial, na acta, que elle se associava ao voto de sentimento da sociedade.

Cumpria-lhe consignar esta declaração, por isso que tinha pelo fallecido o maior respeito e consideração, sendo-lhe até devedor de muitas finezas. Se, em tempo — por informações erradas, destituídas de fundamento — o socio fallecido se tinha julgado aggravado, attribuindo-lhe um procedimento que não existiu, nem por isso era menos o seu sentimento perante a perda de tão prestante collega.

Consultada a assembléa sobre a proposta do sr. 2.º vice presidente, foi unanimemente approvada, levantando-se em seguida a sessão.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

PHARMACIA

Pesquisa do acido tartrico no acido citrico

M. Salzer inventou um methodo novo para reconhecer os diferentes acidos organicos por meio dos oxidantes. Quando se cõra de amarello um soluto de acido citrico com uma gotta de chromato amarello de potassa, a cõr mantem-se por muitos dias á temperatura ordinaria, mesmo depois de juntar-se-lhe algumas gottas de acido sulfurico. Um soluto de acido tartrico transformarã n'estas condições o sal amarello em sal de oxido de chromio violeta. Se a experiencia se prolonga por algumas horas, pode-se constatar até $\frac{1}{2}/100$ de acido tartrico no acido citrico.

O permanganato de potassa tambem reage de modo diferente sobre os dois acidos.

Um soluto de 0,5^{gr} de soda em 20^{cc} de agua, á qual se junta 0,1^{gr} de acido citrico e uma gotta de permanganato de potassa ($\frac{1}{500}$) conserva a cõr por todo o tempo que se lhe não junte acido tartrico. Depois de termos empregado nas mesmas condições 0,1^{gr} de acido tartrico percebe-se logo uma mudança de cõr, e, passados 5 a 10 minutos, a cõr desaparece.

Algodão hydrophilo

E' o algodão cardado e privado das substancias gordas e resinosas, que o acompanham.

Para se obter, procede-se do modo seguinte: emerge-se em agua fervendo, e levemente alcalina pela adição da potassa ou da soda; expreme-se. Submette-se a um banho de um soluto de chloreto de calcio a 5 0/0; expreme-se, lava-se em agua pura e emerge-se depois em um banho d'agua acidulada pelo acido chlorhydrico. Lava-se novamente com agua pura e secca-se ao ar.

Assim tratado, absorve a agua com a maior facilidade, e

serve muito bem como filtro para pequenas quantidades de liquido.

Administração do oleo de figado de bacalhau

O sr. Seig, para disfarçar o mau gosto e mau cheiro do oleo de figado de bacalhau, communicando-lhe o cheiro da carne defumada, propõe a formula seguinte:

Oleo de figado de bacalhau.....	2000 gram.
Creosota.....	2,50 »
Saccharina.....	0,16 »

Camphora em pó

O sr. Eglaud diz ter conseguido a conservação da camphora em pó, juntando-lhe 5 % de parafina no acto de a pulverisar e guardando-a bem secca.

D.

CHIMICA

Pesquisa do alumen no pão

Humedece-se fragmentos de pão com um infuso, recente e expressamente preparado, de pao Lima, ou com um soluto de alisarina na proporção de 1 por 100 de alcool. Se o pão tem alumen toma a cor vermelha.

D.

(*Chemiker Zeitung*)

TOXICOLOGIA

Pesquisa toxicologica do mercurio; sua pesquisa na urina

PELO SR. LUDWIG

O professor Ludwig propõe o processo seguinte para a pesquisa do mercurio na urina: acidula-se a urina com

acido chlorhydrico e junta-se-lhe depois pó de zinco, que precipita o mercurio; o precipitado é lavado e secco; em seguida o mercurio é separado por distillação debaixo de uma corrente de ar. Por este processo pôde achar-se 97 a 98 por 100 de mercurio contido na urina.

Nos casos toxicologicos, a determinação da presença do mercurio nos órgãos offerece mais difficuldades. Constatando que as massas amarellas que se formam na destruição da materia organica por meio do chlorato de potassa e do acido chlorhydrico retém quasi 40 por cento do mercurio contido nos órgãos, o professor Ludwig modificou o processo pelo modo seguinte: faz-se ferver os órgãos durante muitas horas com acido azotico, para favorecer a oxidação das materias albuminoides; quando a massa está transformada em caldo, introduz-se em um matraz (ligado a um refrigerante) cheio de acido chlorhydrico medianamente concentrado, e aquece-se por tres ou quatro horas, agitando; deixa-se arrefecer e junta-se-lhe pequena porção de chlorato de potassa; filtra-se para separar o precipitado insolúvel, que se produz, e junta-se então o zinco em pó; agita-se por um minuto, deixa-se depôr e aquece-se novamente até 50 ou 60 graos, tendo o cuidado de agitar o matraz para obter a precipitação completa do mercurio; passado um dia de repouso, faz-se nova adicção de zinco em pó em pequena quantidade, e opera-se como antecedentemente; decanta-se de novo o soluto, reúnem-se os precipitados sobre um filtro, lavam-se e seccam-se debaixo de uma corrente de ar. Para separar o mercurio do amalga de zinco, toma-se um tubo curvado em U em uma de suas extremidades, no qual se introduz primeiramente um pouco de amianto, depois uma camada de cal, a seguir uma camada de oxido de cobre, e emfim o amalga.

A parte curva do tubo, que serve de forno, é mantida fria por meio de agua; leva-se ao rubro a cal, depois o oxido, e por ultimo o amalga, tendo cuidado de deixar circular o ar no tubo durante a operação toda. O mercu-

rio apparece debaixo da fórma de pequenas espheras na parte do tubo frio.

Obtem-se assim 97 a 98 por 100 do mercurio contido nos orgãos.

O sr. Ludwig tem constatado que o mercurio se localisa principalmente no figado, e sobretudo nos rins. Pouco se encontra na bilis, no cerebro e nos ossos. D.

(Report. de Pharm.)

HISTORIA NATURAL — BOTÁNICA

Excerpto de «Os climas e as produções, das terras de Malange á Lunda.»

POR SESINANDO MARQUES
SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

«*Mabolle, maboque, ou mohungo* dos gingas. *Loganeaceas* que habitam nas mattas e prados, de porte regular, e tronco cylindrico, ordinariamente tortuoso e muito ramificado, que me parece ser uma especie muito proxima da *Strychnos columbrina*. — As folbas são simples, oppostas e alternas, sem estipulas, espessas, ovaes-apiculadas, verde-lustrosas, curtamente peioladas, com 0^m,05 a 0^m,07 de comprimento por 0^m,03 a 0^m,04 de largura. As flores, são

Por falta de espaço não podemos dar ainda na secção competente uma noticia, ainda que breve, de um trabalho importante do nosso illustre collega e amigo, o sr. Sesinando Marques, o qual, fazendo parte da expedição ao Muata-Ianvo, na Africa occidental, tomou o encargo do estudo da parte historico-natural, além do estudo de outros assumptos.

Desejamos, porém, desde já informar os leitores de algumas das innumerables riquezas que se acham dispersas, e muitas completamente desconhecidas ou mal estudadas, que se acham dispersas, dizemos, pelas nossas extensas e feracissimas provincias do ultramar e sobre uma parte das quaes recaiu a attenção do illustre explorador.

Assim, respigaremos do seu interessante trabalho a parte que mais directamente pôde interessar os nossos collegas, e por onde poderão ver quão importante é o manancial de preciosidades, que aquella possessão offerece ao estudo das artes, das sciencias e das industrias.

Repetiremos apenas a descripção dos individuos botanicos das terras de Malange os quaes por alguma das suas partes offereçam interesse á medicina, deixando ao leitor mais curioso a faculdade de ler o original, se desejar conhecimentos mais vastos sobre a nossa flora da região percorrida pela expedição.

Nona serie. — Anno de 1889.

dispostas em pequenos grupos axillares, ou nos troncos por baixo das folhas, hermaphroditas, completas, regulares, brancas e miudas.

Os fructos, quando maduros, são bagas amarellas, esphericas, grandes, parecidas com as laranjas, de casca coriacea e meso-carpo fibroso, succolento, amarello, molle, de sabor levemente acidoce, com um grande numero de sementes castanhas, irregulares, pelo tamanho de uma lentilha com o albumen corneo e cinzento-claro. — São comestiveis, e dão-lhe tambem o nome de «laranjas do mato».

Ca-bolle. Estas *loganiaceas*, se não são uma variedade das mesmas — *maboque* — são uma especie muito proxima. Vivem nos mesmos terrenos, mesmas condições, e têm o mesmo porte; differem no entanto das primeiras, nas folhas, que são pouco mais pequenas, no fructo, que tem menores dimensões, na inflorescencia, que é terminal e em fórma de pequena umbella, e na semente, que é mais chata, mais circular e pelo tamanho de um tremçoço. — Os fructos são tambem comestiveis, mas dizem ser indigestos e fazerem mal comidos em excesso.

Mulolo. *Bauhinia reticulata*, D. Candolle. Pequenas arvores, muito irregulares, de troncos mais ou menos contorcidos, cylindricos, curtos, ramificados, com a camada cortical muito fendida, abundante em seiva viscosa, poderosamente adstringente, com o liber muito espesso, fibroso, e côr de rosa. Habitam nas matas, são um tanto copadas e a sua altura é de 3 a 6 metros.

Folhas simples, alternas, estipuladas, pecioladas, coriáceas, espessas, caducas, glabras, verde-lustrosas na pagina superior, cordiformes, bi-acuminadas, similhando duas folhas unidas por uma das margens.

Flores em espigas, oppostas ás folhas, completas, irregulares, poly-petalas, levemente rosadas, aromaticas, com o calice curtamente tubuloso, e irregularmente pentalobado.

Os fructos são vagens de 0^m,004 de espessura, 0^m,05 a 0^m,06 de largura, e 0^m,015 a 0^m,25 de comprimento, le-

nhosas, mais ou menos contorcidas e algumas vezes estranguladas com sementes côr de castanha, muito lustrosas, rijas, pouco mais pequenas que tremoços e com a mesma configuração.

Os indigenas dão-lhe varias applicações; debaixo do ponto de vista therapeutico, com as sementes e cascas das raizes seccas em pó, ou verdes no estado de pasta, tratam as ulceras e obtêm bellos curativos, e com o succo da mesma casca tratam internamente os doentes de maculo, do que contam curas maravilhosas; porém como ao mesmo tempo empregam topicos locaes, e alguns de propriedades escaroticas, fica-nos o direito de duvidar se os bons resultados são provenientes d'aquelle, se d'este medicamento ou se finalmente da promiscuidade dos dois.

Na qualidade de producto industrial, os abamquistas usam as cascas dos troncos juntas com as da *panda*, contundidas, como cortume, á falta de outras mais usuaes, que de preferencia empregam.

Canhe Ngilla ou *cafufula* dos lundas, Arvores que vivem nas mattas, copadas, ramosas, que attingem a altura de $\frac{1}{2}$ a 6 metros, de troncos mais ou menos cylindricos, ordinariamente tortuosos e com o diametro de $0^m, 10$ a $0^m, 15$. É grande a area da sua distribuição geographica.

Folhas inteiras, simples, lisas, estipuladas, curtamente pecioladas, alternas, um tanto pubescentes, flexiveis, espessas, offerecendo ao tacto a impressão do feltro, ellipticas, um tanto acuminadas para o apice, medindo as maiores $0^m, 13$ de comprimento, por $0^m, 065$ de largura.

Flores muito miudas em amentilhos dispersos, do comprimento de $0^m, 06$ $0^m, 10$, e grossura de uma penna de ganso; são apetalas, gamo-sepalas, com tres estames livres curtos, erectos com antheras escarlates bi-lobadas e pistillo rente. Os fructos são bagas esphericas pelo tamanho de pimentas, que, segundo o estado de maturidade podem ser verdes, amarellas, vermelhas ou roxas e finalmente negras, com o meso-carpo carnoso e abundante em succo de bonita côr de vinho, doce e agradável, contendo uma pequena se-

mente um tanto orbicular sulcada de rugas, parecendo facetada.

Os indigenas da Lunda e Congo têm as raizes d'esta planta na conta de poderoso anthelmintico.

Consta-me ser muito vulgar nos prados de Ambaca, em a nossa provincia de Angola, onde tem a nome do *munango lundo*. A sua madeira é branca, rija, boa para carpinteria.

Gighia. Creio ser o *Parinarium capense* de Harw. Arvore robustissima que attinge 25 a 30 metros de altura, cuja copa muito ramosa cobre uma superficie de 18 metros de diametro; tem o tronco cylindrico; erecto, de casca bastante fendida, e chega a ter a circumferencia de 4 ou 5 metros.

As folhas são compostas e têm geralmente oito foliolos alternos, oblongos, peciolados, coriáceos, com a parte superior do limbo verde lustroso, e a inferior revestida de ligeiros pellos esbranquiçados os antigos, e os mais novos são pubescentes, côr de canella na parte superior e acinzentados quasi brancos na inferior, medindo os maiores 0,^m41 de comprimento por 0,^m04 de largura. Inflorescencia em espigas terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, muito miudas com cinco petalas brancas, e seis ou oito escames ferteis e deseguaes. Fructos drupas amarelladas pelo tamanho de pequenos marmellos, muito aromaticas, de peri-carpo rude ao tacto, meso-carpo branco-esverdinhado, molle, pouco espesso, saboroso, contendo um endo-carpo duro. Encontra-se a mesma especie no estado arbustivo, com a tige pouco mais grossa que uma penna de gallinha, produzindo eguaes fructos um pouco mais pequenos. A madeira é boa para construcção e seus fructos são comestiveis e ás vezes empregados em bebidas fermentadas.

Muxillo-Xillo. *Vitex* sp. «especie proxima, se não identica ao *vitex cuneata*¹». *Verbenaceas* elegantes e robustas

¹ Sr. Conde de Ficalho, Plantas uteis da Africa Portugueza.

de tronco cylindrico e erecto, que habitam nas mattas e prados, e florescem em agosto e setembro.

Folhas oppostas, alternas, longamente pecioladas, compostas de cinco foliolos ob-ovaes, inseridos sobre um peciolo commum, dispostas em semicirculo; são verdes, asperas, glabras, coriáceas, e maiores que a palma da mão. Tem flores roxas, inodoras, hermaphroditas, completas e irregulares.

Seus fructos, do tamanho de azeitonas, são oblongos, mono-spermos, negros-luzidios, muito oleoginosos e comestiveis, ainda que acerbos e desagradaveis. O oleo é fluido, amarello, quasi insipido e inoffensivo, podendo applicar-se na economia domestica e usos industriaes. É grande a sua distribuição geographica.

Mubota ou *Cambolambia*. É um *thalamiflora*, D. Candolle. Arvores geralmente de muito pequeno porte, com troncos cylindricos, curtos e tortuosos, que florescem em setembro, e habitam nas florestas e mattas.

São um tanto esguias, e a sua altura maxima nunca excede a 5 metros. Os seus troncos, feridos, porejam uma gomma-resina alaranjada, muito semelhante á gomma gutta, tornando-se avermelhada-denegrada com a exposição do ar. Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores miudas, completas, regulares, com cinco petalas brancas raiadas de roxo, e pubescencia sedosa na parte superior do limbo e inserem sobre o receptaculo; pistillo curto com cinco estyletes de estygma espherico; estames hypogineos em numero superior a dez, reunidos pelos filetes em cinco grupos; calice com cinco sepalas reunidas pela base. Fructos, bagas esphericas, vermelhas, do tamanho de pimentas com quatro sementes ovoides. As folhas são oppostas, glaucas, glabras, simples, inteiras, lustrosas, ovaes-acuminadas, curtamente pecioladas e medem proxima-mente 0^m,055 de comprimento por 0^m,029 de largura maxima. Creio ser uma variedade da *Psorospermum febrifugum*.

Os indigenas da provincia de Angola e os povos lundas

empregam o cozimento das cascas em lavagens nas erupções de pelle, a que dão o nome de sarna, e dizem-me que com muita vantagem.

Talaguihi. Arvores de pequeno porte, bastante irregulares, de tronco cylindrico, que habitam nas mattas e prados. Folhas alternas, verde-amarelladas, simples, inteiras, pecioladas, estipuladas, serreadas, um tanto ob ovaes, medindo as maiores 0^m,15 de comprimento por 0^m,05 de maxima largura. Inflorescencia em pequenos grupos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, de calice persistente com cinco sepalas unidas pela base, verde-rosadas envolvendo cinco petalas amarellas, concavas, e muito caducas; estames hypogineos, indefinidos, filiformes, e muito curtos; pistillo simples, erecto, grosso com dobrado comprimento dos estames. O ovario representa um pequeno akenio com oito capsulas.

Os indigenas empregam as cascas das raizes frescas porphyrisadas, por fricção sobre uma pedra, nas ulceras antigas e feridas contusas.

Mupando-pando. Pequenas arvores, pouco elegantes, geralmente tortuosas e muito irregulares, de troncos cylindricos, que habitam nas mattas e prados.

Folhas simples, oppostas e alternas, pecioladas, levemente estipuladas, lisas, espessas, verdes, pouco lustrosas na pagina superior, completamente sombrias na inferior, com pubescencia côr de canella, curta e macia.

Inflorescencia em pequenos grupos axillares e terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, gamosepales e mono-petalas: calice verde, tubuloso com quatro dentes: corolla hypoginea, tubulosa, com oito divisões no limbo, sendo este amarello, pontuado de côr de castanha; estames em numero de doze com filetes rentes e antheras ellipticas, inseridas na garganta; pistillo simples, erecto, com estygma lamellar e ovario conico.

Fructos capsulas lenhosas, bi-valvas, dehiscentes, disper-

mas pelo tamanho e configuração de peras. Florescem em agosto e setembro.

A infusão ou cosimento das folhas são usados pelos indígenas nas conjuntivites.

Pela cultura, podia tornar-se bonita arvore ornamental, por serem as flores muito elegantes e bastante vistosa a folhagem.

Mussombo ou muzombe. Arvores cujos troncos cylindricos e geralmente tortuosos attingem a altura de 2 a 3 metros com a copa, e medem de circumferencia proxima-mente 0^m,5 a 0^m,6. São muito ramosas; pouco ou nada elegantes e habitam á margem do riacho Malape.

Folhas simples, inteiras, alternas e oppostas, muito juntas, ellipticas, rentes ou curtamente pecioladas, privadas de estipulas, glaucas, glabras e espessas. Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares; corolla com quatro petalas rosadas, pequenas, concavas e caducas; estames indefinidos. compridos, branco-rosados, filiformes, livres, deseguaes, tomando pela sua disposição a fôrma de pincel; estylete branco, livre e sovelado; ovario infero; calice verde-amarellado, carnoso, tubuloso com quatro ou cinco dentes.

Fructos drupas pyriformes, do tamanho de azeitonas, de epi-carpo roxo-denegrado, sarco-carpo carnoso, succulento, roxo-vermelho, de sabor doce levemente adstringente. São comestiveis. Florescem em setembro. Ha uma outra arvore com o mesmo nome.

Mupeixe, ou *mupepe* dos lundas. Arvores de pequeno porte, pouco ramosas, muito irregulares, tortuosas, de troncos cylindricos, que habitam nos prados e mattas.

Folhas simples, inteiras, ovaes-lanceoladas, pecioladas, estipuladas, verde-amarelladas, espessas e alternas, medindo o limbo das maiores 0^m,08 de comprimento por 0^m,04 de largura.

Flores—sem duvida monoicas—compõem-se as femeas de um calice com seis sepalas, quasi lineares, e de um

ovario foliaceo, laminar, cordiforme, vermelho, terminado por dois estyletes divergentes da mesma côr. Não conheço as masculas. Florescem em agosto e setembro, e é grande a distribuição geographica d'esta planta.

As flores femeas, que, se pôde dizer, se reduzem aos ovarios, são muito apreciadas pelos indigenas como substancia alimenticia, cosinhadas com carne, peixe ou mesmo sós com alguns condimentos.

Tduhé. Arvore silvestre, que ordinariamente habita junto aos pantanos e em terras humidas ou alagadas, e tem o porte e similhaça de algumas laranjeiras. As folhas são simples, inteiras, pecioladas, espessas, ovaes-lanceoladas, oppostas e sempre-verdes.

As flores são pequenas, hermaphroditas, completas, regulares, infundibuliformes. corolla gamo-petala, branca, quinquefida einodora; estames em numero de cinco, muito curtos, inseridos na garganta; calice mono-sepalo, verde, carnoso, com cinco dentes e insere sobre o ovario. O fructo é verde, pequeno, mono-sperma, similhante a uma baga de louro.

Os indigenas, na sua therapeutica, mastigam as cascas dos troncos a que attribuem propriedades vermifugas.

Mafuca-mahoge. E' uma arvoresinha de 2 a 3 metros de altura, pouco ou nada copada com o tronco de 0^m,02 proximamente de diametro; porém o seu estado é quasi sempre arbustivo, muito ramoso, constituindo moitas de bonito effeito, por ter os eixos mais novos, as nervuras das folhas são dispersas, verdes, sem estipulas, compostas de tres a quatro pares de foliolos, com impar, oblongos, peciolados, espessos e glabros.

Inflorescencia em cachos longamente pedunculados, dispersos nas extremidades dos ramos.

Flores miudas, hermaphroditas, completas, regulares e pubescentes; corolla inserida debaixo do ovario, com cinco petalas branco-rosadas; estames em numero de doze, unidos em fôrma de estojo e inseridos no receptaculo; calice mono-sepalo avermelhado com cinco dentes agudos. O

fructo no seu perfeito estado de maturação é do tamanho e côr de uma cereja, de sarco-carpo muito carnosos e succolentos.

Os indigenas, nos casos de scorbuto, usam as folhas em masticatorio, ou a sua infusão em bochechos.

(Continúa.)

VARIÉDADES

Joaquim José Alves—A *Independence Belge* na 2.^a edição do dia 4 do corrente dá-nos uma noticia, que vem corroborar o conceito em que desde muito temos o nosso distincto collega e amigo Joaquim José Alves, a personificação da perseverança e do trabalho. Transmittimos a noticia, tal qual a recebemos, certos de que o seu conteúdo será aceite pelos nossos leitores com contentamento igual ao nosso.

«M. Joaquim-José Alves, de Lisbonne, qui a laissé les meilleurs souvenirs dans la capitale, où il conquist, en 1868, avec distinction, le grade de docteur en sciences de l'Université de Bruxelles, vient d'y terminer de la même manière ses études médicales. Reçu antérieurement candidat en médecine, il avait subi son premier doctorat il y a deux ans et son second doctorat récemment. L'épreuve finale, le troisième doctorat, lui a valu les suffrages du jury de la Faculté, qui l'a proclamé, avec distinction, docteur en médecine, chirurgie et accouchements, de l'Université de Bruxelles. C'est un résultat auquel applaudiront sans aucun doute les nombreux amis portugais et belges du très sympathique docteur, et un nouvel exemple, que nous sommes heureux d'enregistrer, de ce que peut le travail uni à une persévérante énergie.»

Novo chefe do serviço pharmaceutico naval.—Pela reforma do nosso collega dr. Alves, passou a desempenhar as funções d'este illustre funcionario o nosso collega Joaquim Urbano da Veiga.

Congresso pharmaceutico internacional.

—Recebemos de Milão uma circular, assignada pela commissão organisadora do setimo congresso pharmaceutico internacional, participando-nos que este ficava transferido para setembro do futuro anno proximo, em consequencia da multiplicidade de congressos que se hão-de reunir em Paris e que necessariamente haviam de prejudical-o.

Congresso pharmaceutico francez.—A associação geral dos pharmaceuticos de França, a pedido de muitas sociedades pharmaceuticas da mesma nação, tomou a iniciativa de convocar um congresso nacional, em Paris, o qual encetará os seus trabalhos a 8 de agosto, a 1 hora precisa, na Escola de pharmacia.

Pharmaceuticas russas.—Segundo o *Pharmaceutische Zeitung* um ukase do imperador da Russia auctorisa as mulheres ao exercicio da pharmacia, sujeitando-se aos exames e mais formalidades exigidas aos homens.

E segundo os periodicos yankeés (diz o *Est. pharm.* donde extraímos esta noticia) nos Estados Unidos duas senhoras acabam de receber a nomeação de capitãs (ou capitans?) de porto, de cujas funcções estão investidas.

Antidoto do acido phenico.—Segundo o *Restaurador Pharmaceutico*, o melhor antidoto do acido phenico parece ser o sabão ordinario, ou outro qualquer. Deve administrar-se logo depois dos primeiros symptoms, repetindo as doses até que desapareçam todos os phenomenos toxicos.

Cavallo phenomenal.—«Esteve ultimamente em exposição em Nova-York, (diz a *Gazeta dos Campos*) um cavallo, que pesava 1369 kilos! Para fazer idéa das suas dimensões bastará dizer que a cabeça tinha quasi um metro de comprimento!»

Pela cabeça se pôde avaliar que tal seria a cauda.

Pergunta innocente.—O illustre investigador chinês do *Jornal da Sociedade das sciencias medicas de Lisboa* poder-nos-ha dizer como é que no celeste imperio se tra-

ta os doutores que teem por habito negar-se a certas e determinadas horas do dia, e da noite tambem, a prestar os soccorros da sua arte; os que são despedidos das associações de beneficencia por negligentes; os que se esquivam a fazer as authopses para as quaes são judicialmente nomeados, etc., etc.?

Naturalmente, em vez de chibata nas costas, como lá fazem aos boticarios negligentes, passam-lhes trouxas de ovos pelos labios venerandos!

NECROLOGIA

Mais um membro dedicado d'esta sociedade baixou á campa. João Thomaz da Silva Pinto, varias vezes reeleito bibliothecario do archivo d'esta Sociedade, e sempre prompto em prestar-nos os seus bons serviços, era dos collegas para quem não havia distancias, quando os trabalhos da sociedade reclamavam a sua presença, apesar de habitar afastado da séde da associação. Tinha o seu estabelecimento no Largo da Paschoa, onde exerceu a profissão por largos annos com geraes sympathias.

O seu cadaver foi conduzido á mão para o cemiterio occidental, acompanhado de muitos amigos. A sociedade fez-se representar no prestimo, como faz, sempre que lhe chega ao conhecimento, a tempo, o passamento de alguns dos seus membros. Os nossos sentimentos a sua desolada esposa.

Ao nosso illustre collega e bom amigo, Emilio Fragozo consignamos n'este logar o profundo pesar que nos causou a noticia do fallecimento de seu estremoso pae.

O nosso sentimento e as nossas saudações em nome da redacção.

BIBLIOGRAPHIA

Formulario Officinal e Magistral, por Joaquim Urbano da Veiga
Com um Supplemento por Alfredo da Silva Machado e Emilio Fragoso

A bibliotheca da *Gazeta de pharmacia*, sob a direcção do nosso intelligente e laborioso collega e amigo E. Fragoso, acaba de editar, em volume separado, a obra cujo titulo encima esta breve noticia, e que foi publicada conjunctamente com a *Gazeta*.

A publicação de livros de sciencia entre nós é por tal modo rara, que o facto em si é já um acontecimento extraordinario, que revela muito mais amor ao trabalho do que ao dinheiro: o dispendio da impressão é certo, e os leitores são sempre poucos. Os livros que tratam de uma especialidade são por isso mesmo empresa muito mais ariscada, e os seus auctores muito mais dignos de estima e admiração. Por isso, o livro de que nos occupamos, até ao momento da sua publicação, podia dizer-se unico entre nós.

A competencia provada do nosso collega Urbano da Veiga, a sua posição especial em um hospital de primeira ordem, a sua dedicação pelo estudo, e o seu largo tirocinio profissional, são garantia mais do que sufficiente do merito real e da importancia do seu *Formulario*, que dispensa qualquer recommendação, por mais justa e bem cabida, que d'elle podessemos fazer.

Escripto em 1882 e publicado por folhas mensaes, é claro que ao terminar não podia pôr-nos ao corrente das ultimas conquistas da pharmacologia, cujos trabalhos n'estes ultimos annos se teem multiplicado de uma maneira assombrosa.

Os multiplos affazeres do auctor obrigaram-o a declinar o trabalho da revisão no *director da Gazeta de pharmacia* e este collega, de collaboração com o nosso amigo Silva Machado, ampliou o seu encargo, enriquecendo ambos com

um copioso *Supplemento* o *Formulario*, que assim veio a ficar em dia com a sciencia da actualidade.

O leitor sabe que tanto o nosso collega E. Fragoso, como o nosso collega Silva Machado, exercem a pharmacia no hospital de mais movimento do paiz, cujo serviço medico é desempenhado por muitas das primeiras capacidades da nossa sciencia; além d'isso, são elles dois moços que pelo seu talento e dedicação extraordinaria pelo estudo teem alcançado um logar distincto entre os membros da nossa classe: por tanto a sua intervenção nos trabalhos de *Formulario* veio realçar o merito d'este, e preencher uma lacuna inevitavel, em vista das circumstancias que acompanharam a publicação.

Além de todas as formulas legaes inseridas na *Pharmacopea*, o *Formulario* contém muitas outras, cuidadosamente escolhidas dos melhores auctores, e na sua grande parte auctorizadas pela pratica constante da corporação medica nacional, e entre ellas não poucas ha do *Formulario* do hospital de S. José.

O *Supplemento* traz-nos tudo quanto modernamente tem tido cabimento nos livros d'esta ordem, e está experimentado entre nós principalmente. A resorcina, o iodol, a hyoscina a gelsemina, o eugenol, a cocaina, acetanilide, aparaldehyde, os differentes peptonatos em uso, a terpinina e o terpinol, e muitos agentes da moderna therapeutica, que teem ganho fóros de cidade, teem o seu logar de honra no *Formulario*. Uma das secções mais completas é incontestavelmente a dos solutos para injeccão hypodermica, dos quaes o *Formulario* nos dá umas cem formulas.

Além das tabellas que acompanham a *Pharmacopea* traz mais:

«Tabella synoptica para a diluição do alcool (G. Pfersdorff);

Correspondencia dos graus do areometro de Baumé com as densidades para os liquidos mais densos que a agua distillada;

Tabella comparativa dos thermometros centigrado, Reaumur e Fahrenheit;

Misturas frigoríferas ;

Numero de gottas correspondente a 1 gramma, feita a mensuração á temperatura de 15° e por tubo «calibrado», com o diametro exterior de 5 millimetros ;

Tabella das doses maximas dos medicamentos energicos —para os adultos ;

Tabella das quantidades de extracto produzidas por 1000 grammas de substancia.»

Uma das muitas bellas da nossa legislação medico-pharmaceutica, que demonstra até onde chega a egualdade e o bom senso, está em exigir-se ao pharmaceutico a posse e o uso da pharmacopea legal, sem que egual exigencia seja extensiva á classe medica. Esta pratica tem consequencias prejudiciaes e tem dado origem a reparos infundados por parte de alguns clinicos com detrimento do credito de alguns pharmaceuticos.

A actual pharmacopea adoptou para alguns medicamentos formulas mais energicas do que as até então geralmente seguidas.

Muitos clinicos que, ao pôr-se em vigor o uso da pharmacopea legal, não tomaram conhecimento d'ella, notaram differença na acção de alguns medicamentos, attribuindo o facto a erro ou negligencia dos pharmaceuticos, e increpando estes, quando a falta era sua propria.

Entre outros casos lembra-nos um logo após a adopção da Pharmacopea, succedido comnosco, a proposito do xarope de ipecacuanha, e outro a proposito do xarope diacodio.

Pois o *Formulario* do sr. Veiga aproveita por este lado aos medicos que, não possuindo a pharmacopea, o consultarem, offerecendo-lhes a vantagem de encontrarem a par de outras, todas as formulas d'aquelle livro, de cuja commissão de redacção o nosso amigo tambem fez parte.

D'aqui dirigimos as nossas felicitações ao auctor da obra e seus collaboradores, e o nosso agradecimento ao primeiro d'estes nossos estimaveis amigos pelo exemplar com que nos obsequiou.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 31 DE JULHO DE 1889.—Presidencia do sr. GUILMARÃES DRACK

Abriu-se a sessão ás 9 horas da noite.

Não estando presente o sr. 2.º secretario, foi convidado a substituil-o o socio Mannel Fernandes Pessoa.

Foram lidas as actas das sessões ordinarias de junho, sendo approvadas.

O sr. 1.º secretario (Emilio Fragoso) leu a seguinte correspondencia:

Um officio do sr. Silva Alegria sobre assumpto da thesouraria.—Respondeu-lhe o sr. 1.º secretario;

Um officio do sr. Antonio Mendes Lopes em resposta a outro que lhe fôra enviado pelo sr. 1.º secretario;

Um officio do sr. Francisco Bernardo de Sousa sobre assumpto da thesouraria.

Um officio do sr. Miguel José de Sousa Ferreira, dignissimo delegado da sociedade no Porto, sobre assumpto da thesouraria.—Respondeu-lhe o sr. 1.º secretario;

Um officio do sr. Manuel Vicente de Jesus Abrantes agradecendo, em seu nome e no de sua illustre mãe, a manifestação de sentimento que a sociedade tributou a seu presado pae;

Um officio do sr. Manuel Vicente de Jesus Abrantes agradecendo á sociedade o ter-se feito representar no saimento de seu pae, promettendo, ao mesmo tempo, não só continuar a honrar a sua memoria como o de *manter inalteravel a veneração que elle tributava á sociedade*;

Um officio do sr. Antonio Duarte Silva, agradecendo as manifestações de sentimento tributadas pela sociedade á memoria do seu chorado irmão e notabilissimo chimico Roberto Duarte Silva;

Um convite para a *sociedade* se fazer representar no congresso medico de Berlim, de 1890.

O sr. *presidente* declarou que estavam sobre a mesa algumas publicações importantes offerecidas á *sociedade* pelos seus auctores. Entre ellas figurava a descripção da fauna e flora de Malange, trabalho de altissimo valor, em que o seu auctor o nosso consocio, o sr. Sisenando Marques, distincto pharmaceutico militar e sub-chefe da expedição ao Muata-Ianvo, mostrou os seus recursos de escriptor aprimorado e homem de sciencia.

O sr. 1.º *secretario* passou a fazer a leitura dos titulos das publicações:

1.º—Expedição ao Muata-Ianvo; os climas e as produções das terras de Malange á Lunda;

2.º—Formulario officinal e magistral de Joaquim Urbano da Veiga, com um supplemento por Alfredo Machado e Emilio Fragoço:—Offerecido pelo sr. Veiga.

3.º—Analyse micrographica da agua potavel, por Zune; redactor do *Moniteur do Praticien*;

4.º—Microscopia por Zune, etc.

O sr. *Silva Machado* propoz que a sociedade lançasse na acta um voto de sentimento pela perda do pae do sr. 1.º secretario.—Foi unanimemente approvado.

O sr. *presidente* communicou o fallecimento do consocio João Thomaz da Silva Pinto, a quem acompanhou até á ultima morada, pedindo que se lançasse tambem na acta um voto de sentimento pela perda d'aquelle nosso collega.—Foi approvado unanimemente.

Antes de se entrar na ordem da noite, pediu o sr. presidente á assembléa, que resolvesse sobre o destino a dar a um masso de jornaes, devidamente cintados e lacrados, que tinham sido enviados á sociedade com a indicação de n'elles estar contido um trabalho destinado ao concurso para o premio José Dionysio Corrêa; acrescentou que os jornaes tinham sido enviados sem qualquer outra indicação, e sem os acompanhar a *carta fechada*, exigida no programma do concurso, para por ella se saber, no caso de se conferir o premio, o nome do auctor da memoria. Que desejava, portanto, ouvir a opinião da assem-

blêa sobre o destino a dar ao masso de jornaes, afim da sociedade adoptar um expediente e não ficar ainda para outra vez a resolução d'um assumpto, que tinha de ser resolvido dentro de alguns dias por causa da sessão solemne, que se aproximava.

Sobre este assumpto fallaram os srs. Sousa Telles, 1.º secretario, Silva Machado e Reya Campos, concordando todos em que a pessoa que enviava o masso de jornaes, não tinha seguido o programma do concurso, devendo a mesa proceder immediatamente á sua abertura para vêr se o trabalho estava assignado, visto tratar-se de artigos publicados em jornaes, e não ter a mesa recebido a *carta fechada* como era do programma.

Procedendo-se á abertura do masso, viu-se que se tratava d'uns artigos publicados em 1888, no *Correio de Aveiro*, sendo o seu auctor o sr. João Cardoso, pharmaceutico residente actualmente em S. Thomé.

O sr. *Sousa Telles* declarou que o facto de já se saber o nome do auctor dos artigos, que se propunham a premio, mais arreigava no seu espirito a convicção de que elles estavam fóra do programma do concurso. Que lhe parecia, no entanto, rasoavel, que a *sociedade* nomeasse uma commissão, com o fim de vêr o trabalho do sr. João Cardoso, dando parecer sobre elle, visto tratar-se d'um assumpto de interesse de classe, como o indica o titulo dos artigos —A pharmacia militar no ultramar.

Consultada a assemblêa, approvou a proposta do sr. *Sousa Telles*, sendo este socio e os srs. Oliveira Abreu e Fernandes da Cunha os encarregados de dar parecer sobre o trabalho do sr. João Cardoso.

Elegeu-se a commissão revisora de contas, saindo eleitos, por maioria, os srs. Soares Teixeira, Venancio Sampaio, e Fernandes Pessoa.

Tratou-se em seguida da continuação da discussão do parecer dos srs. Silva Machado, Mendes e Pessoa, a respeito dos abusos das drogarias e pharmacias que tem á frente individuos sem diploma—mêros aspirantes.

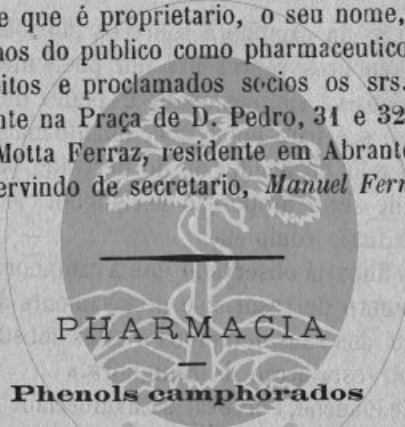
Lido de novo o PARECER ¹ pelo sr. 1.º secretario usaram da palavra varios socios, resolvendo-se, por proposta do sr. Sousa Telles, ampliando a do sr. Silva Machado, feita na ultima sessão, que se pedisse o parecer da associação dos advogados sobre os seguintes quesitos:

1.º—É permitido a qualquer individuo, embora não tenha o diploma de pharmaceutico, ser proprietario d'uma pharmacia?

Permittindo-o a lei, pôde elle inscrever nos rotulos da pharmacia de que é proprietario, o seu nome, passando assim aos olhos do publico como pharmaceutico?

Foram eleitos e proclamados socios os srs. João Canteiro, residente na Praça de D. Pedro, 31 e 32, e Manuel Ferreira da Motta Ferraz, residente em Abrantes.

O socio, servindo de secretario, *Manuel Fernandes Pessoa*.



PHARMACIA

Phenols camphorados

M. Désesquelle publicou nos *Archives de Pharmacie* em 1888, pag. 385, uma nota sobre o naphtol camphorado, no qual, guiado por uma simples deducção, dizia ter procurado saber se a camphora pôde produzir com os naphtols, como com o phenol, misturas liquidas.

Esta propriedade notavel do phenol foi notada, em 1875, por M. Buffalini, italiano, e M. Yvou demonstrou, n'essa epocha, por uma serie d'experiencias concludentes, que, ao contrario da opinião de Buffalini, o phenol camphorado constitue uma simples solução, e não uma combinação dos dois corpos que entram na mistura.

Depois de ter procedido ás primeiras pesquisas sobre o naphtol camphorado, M. Désesquelle foi conduzido muito rapidamente a verificar que a acção da camphora não é particular ao phenol e ao naphtol mas que é commum aos

corpos da classe dos phenols e tambem a certos derivados phenolicos.

Em novembro de 1887 dirigiu ao dr. Constantin Paul uma nota publicada em 15 de dezembro seguinte na *Agenda medical* para 1889, na qual dizia:

«Podem-se obter productos identicos ao naphtol camphorado e ao phenol camphorado, misturando, em proporções variaveis, a camphora com outros phenols e alguns dos seus derivados, como a resoracina, pyrosgsllot, o thymol, o salol, etc.

Esta acção da camphora sobre os phenols e alguns derivados phenolicos representa um phenomeno physico: a camphora abaixa simplesmente o ponto de fusão d'estas substancias, e é para notar que, quanto mais elevado fôr o ponto de fusão do phenol ou do derivado phenolico, tanto maior ha de ser a proporção da camphora a empregar para produzir a fusão completa.

Planche tinha já observado que a camphora amollece um grande numero de resinas; é precisamente á presença dos phenols ou dos seus derivados n'estas substancias que elle faz attribuir esta acção da camphora.»

Antes de Planche, Perceval e Chamberlain tinham feito a mesma observação. M. Andoucet, que ignorava a publicação da nota inserida na *Agenda medical*, publicou no *Bulletin medical* de 30 de dezembro de 1888 e no *Répertoire de pharmacie* de 7 de janeiro de 1889 as pesquisas por elle feitas sobre os mesmos corpos e que o conduziram a resultados identicos áquelles que foram obtidos

O professor Bouchard, que ensaiou o naphtol camphorado, e o dr. Pèrier, que fez uso no seu serviço hospitalar do mesmo medicamento e do salol camphorado, verificaram que estes dois corpos gosam de propriedades antisepticas; além d'isso a applicação do naphtol camphorado não é dolorosa, graças á acção anesthesica exercida pela camphora.

Eis as formulas seguidas para a preparação do naphtol e do salol camphorados:

Naphtol beta	100	grammas
Camphora	200	»
Salol	300	grammas
Camphora	200	»

E' indispensavel pulverisar finamente cada uma das duas substancias misturadas; aqnecem-se docemente até fusão completa; filtra-se e conservam-se em frascos bem fechados.

Tomando os numeros theoricos, poder-se-ha introduzir, n'estas misturas, uma quantidade elevada de naphtol e de salol; preferiu-se tomar numeros faceis de reter; pôde acontecer que os frascos fiquem destapados durante um certo tempo, então, evaporando-se parte da camphora, o phenol ou o derivado phenolico poderá crystallisar.

E' d'utilidade indicar, d'uma maneira geral, as propriedades mais salientes dos phenols camphorados.

Estas misturas effectuam-se com abaixamento de temperatura consideravel, que se pôde facilmente apreciar se o operarmos a frio.

Os liquidos obtidos são mais densos que a agua, insolúveis n'este vehiculo, misiciveis com os oleos fixos e volateis, ether, alcool, etc.

Podem servir para a conservação dos instrumentos de cirurgia, dos quaes não deterioram nem o metal, nem a madeira.

Gosam da curiosa propriedade de dissolver o iodo em grande quantidade; pode-se preparar a frio a mistura seguinte, que recebem, no serviço do dr. Périer, importantes applicações:

Naphtol camphorado	90	grammas
Iodo pulverisado	10	»

O chlorhydrato de cocaina, os alcaloides da quina dissolvem-se em proporções notaveis, sobretudo com o auxilio d'um doce calor. Pôde-se prever, para todos os phenols camphorados, a faculdade de dissolver um grande numero

de substancias. A este respeito, haverá uma serie d'ensaios a tentar e estudos a fazer sob os pontos de vista medico e pharmaceutico.

Podemos affirmar que, até ao presente, a acção especial da camphora se exerce exclusivamente sobre os phenols e seus derivados; obtem-se o mesmo resultado com o chloral, e M. Andoucet verificou a producção do mesmo phenomeno de liquefacção com o menthol ou alcool menthólico.

A.

Causticidade do acido phenico

Quando se dissolve o acido phenico puro em glicerina pura ou alcool concentrado as suas propriedades causticas são consideravelmente diminuidas; a causticidade reaparece porém logo que n'esses solutos se faça intervir a agua, ainda que seja em fraca proporção.

Em consequencia, no caso de queimadura pelo acidô phenico concentrado deve ser empregado o alcool e não a agua para lavar a parte affectada.

S. M.

Analyse das peptonas do commercio

POR MM. J. KÖNIG E W. KISCH

Encontram-se actualmente no commercio muitas variedades de peptonas, cujas propriedades e composição podem ser muito differentes. Citaremos em primeiro logar as peptonas obtidas com o auxilio da papaina ou do succo pancreatico e as que se preparam com a papaina. Encontram-se tambem peptonas que se obtem simplesmente aquecendo sob pressão com ou sem acido chlorhydrico a carne natural ou desembaraçada previamente pela agua das substancias extractivas e gelatinosas.

A analyse chimica só fornece sobre a natureza e valor d'estes productos indicios muito restrictos. Pode-se do-sear a agua, as materias mineraes (potassa e acido phos-

phorico,) substancias gordas, materias allubinoideas insolueis e as que se coagulam sob a acção do calor.

A dosagem das diversas materias albuminoides faz-se da seguinte maneira: Diluem-se 5 a 10 grammas da substancia na agua, recolhe-se sobre um filtro o residuo insoluel e dosea-se pelo processo Kjeldahl a quantidade d'azote que contem. Multiplicando esta quantidade por 6,2%, ter-se-hia o peso dos albuminoides insolueis.

Faz-se ferver o liquido filtrado depois de acidulado com uma pequena quantidade de acido acetico, e tem-se assim as materias albuminoides coagulaveis pelo calor, que se separam e que se doseam pelos processos ordinarios.

Separadas d'este modo as duas variedades de materias albuminoides, ajunta-se agua ao liquido restante de maneira a fazer 500 centimetros cubicos. Tiram-se d'estes 100, que se reduzem a 10 centimetros cubicos por concentraçõ. Addicionam-se-lhes a frio 10 centimetros cubicos d'um soluto saturado de sulfato d'ammoniacico. Os *albuminoses*¹ precipitam-se. Recolhem-se sobre um pequeno filtro tarado, lavam-se com o soluto de sulfato d'ammoniacico, secam-se e pesam-se n'um pequeno balão.

Dissolve-se em agua o contendo do balão, eleva-se a 500 centimetros cubicos, medem-se 100 centimetros cubicos do liquido no qual se dosea o acido sulfurico. O peso do acido sulfurico achado permite calcular a quantidade de sulfato d'ammoniacico misturado com a substancia albuminoide. Uma simples subtracção dá os albuminoses.

Tiram-se 100 centimetros cubicos do primeiro liquido; acidifica-se fortemente com acido sulfurico e ajunta-se o soluto usual de phospho-molybdato de soda contendo $\frac{1}{2}$ do seu volume d'acido sulfurico diluido (1 : 3) até se formar umf precipitado. Este precipitado é recolhido sobre um filtro, lavado com acido sulfurico diluido (1 : 3) e finalmente tratado com o filtro ainda humido pelo methodode Kjeldahl (dosagem

¹ Como se vê, os auctores dão á palavra *albuminose* uma significação diferente d'aquella que tem sido dada por Bouchadart e Mialhe'

do azote). Multiplicando o peso do azote achado por 6,25, temos a totalidade dos albuminoides designados com o nome d'albuminoses e de peptonas. E' facil então obter a quantidade de peptonas diminuindo o peso dos albuminoses achado na operação precedente.

Os numeros assim achados não são completamente exactos; são comtudo melhores do que os que se podem obter pelos methodos propostos até hoje.

(*Journ. de Ph. et Chim*)

A.

Emprego da creosota na tísica

O dr. Bouchard emprega a forma :

A. Creosota.....	10 grammas
Pó e sabão amygdalino.....	25 »

Para 100 pilulas. Oito a dez por dia, de duas em duas horas. Para doses mais elevadas, serve-se da formula :

B. Creosota.....	50 grammas
Oleo de bacalhau.....	q. s. para 1 litro

Verta muito lentamente agitando o oleo na creosota. Cada colher de sopa contem 0,75 de creosota. Dar-se-ha uma ou duas colheres de manhã e de tarde.

Substituição da codeína á morphina

Diz Fischer que, ha cinco annos, tem empregado a codeína em todos os casos em que está indicada a morphina; recommenda-a com muito efficaç e muito menos perigosa. Isto é na condição de ter um producto perfeitamente puro, o que, parece-lhe, não é sem difficuldade.

A.

Curare

O curare (*Vowrari*, *Wourara*, *orari*, etc.) é um veneno terrível, do qual os índios das margens do Orenoco, Amazonas e seus afluentes se servem para envenenar as flechas. Prepara-se com muitas *Strychnos* e diversas plantas pertencentes a famílias diferentes. Em toda a região do Amazonas, Pebas, Ticunãs, Silimoëns, Javari, Ica, Yapura, é extrahido de *Str. Castelnaleana*, Wedd. (*Str. Castelne*, Benth.). Nas vizinhanças da Guyana ingleza, é fornecido pela *Str. toxifera*, Benth. Nas Indias Trios, no Alto-Perù, para o norte da embocadura do Amazonas, é produzido pela *Str. Crevauxiana*, H. Bn. Finalmente, Humbolde Kunth viram preparal-o, perto da serra de Jovita, com a *Str. Curare*, H. Bn.

Muitas *Strychnos* do Brazil ou dos paizes vizinhos são citadas como podendo tambem produzir o curare. Taes são; *Str. Jobertiana*, H. Bn. *Str. triplioianedu*, Martr. *Str. depanperato*, H. Bn. *Str. subcordata*, Prog. *Str. guianensis*, Martr. *Str. bransiliensis*, Martr. *Str. gubleriana*, G. Plauch; *Str. rubigininna*, A. D. C.; *Str. cogeos*, Benth.

H. Baillon apresenta a lista seguinte das plantas que pertencem a outras famílias e que entram no curare;

O *Cocculus? toxiferus*, Wedd. (Ménispermeas), que é chamado *Pani* pelos índios e que Baillon classifica nos generos *Chondrodendron* ou *Abuta*.

A *DiAffenbachia Seguine*, Schott, diversos *Pothos*, o *Taro*, etc., plantas da familia dos Araidéos.

A *Schaenobiblus daphnoides*, Sieb. e Zucc. (Thyméléas). Os índios Juris julgam esta planta muita activa.

A *Petiveria tetrandra*, Gom. (Phyrolaccetas) é empregada em Calderao, sob o nome de Yoné ou Joné. Entra principalmente no curare destinado á caça das aves.

Todos os curares contêm pelo menos uma Piperacea notavelmente as *Piperannonolia*, *P. trichonefnrou*, *P. Pseudo-Churumago*, C.

Fazem-se entrar tambem ramos novos de diversas Aristo-

lochias pouco mais ou menos indeterminaveis, e muitas *Cannanga* (Anonaceas), principalmente a *C. Jobertiana*, H. Bn. Estas ultimas plantas são aromaticas, ordinariamente não venenosas e empregadas pelos indios Juris.

Para preparar o curare, os indos maceram em primeiro logar a casca das *Strychnos* em agua fria. Obtêm assim um liquido vermelho, que fazem ferver, com diversas plantas, até á consistencia de extracto. Misturam-lhe depois o pó d'um certo numero de vegetaes, de maneira a obter uma massa solida, que encerram em cabaças ou em pequenos potes d'argilla.

O curare assim obtido é uma substancia extractiforme, solida, d'um escuro quasi negro, algumas vezes cinzenta, d'aspecto resinoso e que fornece um pó escuro amarellado. Amollece na agua dissolvendo-se em grande parte, dando um soluto vermelho escuro. Preyer isolou d'elle o principio activo, que Boussingault e Roulin tinham já designado sob o nome de *curarina*.

A *curarina* (C⁴⁰ H¹⁵ Az, Prayer) é um alcaloide crystallisavel em prismas quadrilateras, incolores, muito amargos, hygroscopicos, muito soluveis na agua e no alcool, pouco soluveis no chloroformio e no alcool amylico, insoluveis no ether, benzina, sulfureto de carbone e essencia de terebinthina. Apresenta reacção fracamente alcalina.

O acido sulfurico cora-a em azul; o acido azotico em purpura, o bichlomato de potassa e acido sulfurico em violeta.

«C. Bernard viu que o curare não tem acção sobre os orgãos da circulação e que não rouba ao sangue as suas aptidões physiologicas; tira as manifestações do systema nervoso e deixa intacto o systema muscular, o que faz prever que a contractibilidade muscular e a irritabilidade dos nervos motores são duas propriedades distinctas; deixa intactos os nervos sensitivos, os musculos e todos os outros tecidos do organismo.» (Reveil.)

Segundo Alvarez Reynoso, o chloro e o bromio neutralizam os efeitos do curare; o iodeto e o brometo de potassio retardam a sua acção sobre a economia.

Tem-se ensaiado o curare contra os tetanos, hydrophibia e epilepsia, mas não tem sempre dado bons resultados.

A.

CHIMICA

Nova reacção do thymol

Ao liquido em que exista o thymol juntam-se algumas gotas de potassa caustica e quantidade sufficiente d'um soluto d'iodo iodado, de maneira que o liquido fique corado d'amarillo e sem que contenha muito iodo livre. Aquecido ligeiramente, produz-se uma bella colorisação vermelha, que augmenta lentamente, mas não é estavel. Desapparece com o tempo e pela acção d'um forte calor, dando logar a um precipitado incolor.

A reacção é muito sensivel. Diluido a 1 p. 20,000 percebe-se ainda a colorisação vermelha.

Os outros phenols não dão esta reacção.

(Archiv der Pharmacie).

A.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Excerpto de «Os climas e as produções,
das terras de Malange á Lunda»

POR SESINANDO MARQUES
SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

(Continuado da pag. 149)

Mututo. Arvores que habitam nas matas e prados, da altura de 4 a 8 metros, com troncos cylindricos, muito ramosas, com a circumferencia de 0^m,3 a 0^m,4. As folhas são simples, alternas, ou em verticillos, pecioladas, amplas, palmadas com tres grandes lobos denteados, verde-claras, espessas, lustrosas na pagina superior e pubescen-

tes na inferior. Inflorescencia em grandes corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares e brancas; calice persistente, gamo-sepalo, com cinco grandes lobos terminados em ponta aguda; petalas em numero de cinco, e estames em numero superior a onze. O fructo é uma pequena baga pluri-locular com sementes pretas muito miudas. É arvore bastante copada e de bellissimo effeito ornamental. Floresce em agosto e os indigenas comem suas folhas cosinhadas.

Cazonzonzo. É uma arvore que habita nas matas; da altura de 3 a 4 metros, de tronco cylindrico, fendido no sentido longitudinal e a casca tem apparencia de cortiça. Folhas simples, alternas, miudas, pecioladas ovaes-lanceoladas, macias ao tacto com a nervura central e peciolo vermelhos.

As flores são uni-sexuaes em amentilhos conicos, quasi esphericos; as femeas são muito pequenas, apetalas, pistilladas e de fórma ovoide, e as masculas são um pouco maiores com estames indefinidos. O fructo é uma baga vermelha semelhante a uma cereja, multi-valva e poly-sperma.

Os indigenas usam a infusão das folhas, que é adstringente, em bochechos como anti-scorbutico.

Mussache. Arvoresinhas — *Thalamiflores*, D. Candolle — com a altura de 2 a 3 metros, de troncos cylindricos e grossura de um pulso ou pouco mais, em numero de tres a seis, e ás vezes mais sobre cada raiz, muito ramosos, intrincados em fórma de moitas altas, com espinhos do comprimento medio de 0^m,02. Florescem em agosto e habitam no pequeno valle do riacho Malange. Folhas parecidas com as do damasqueiro, simples, inteiras, alternas, serreadas, estipuladas, pecioladas, espessas, glabras, verde-lustrosas e ovaes-lanceoladas, medindo o limbo das maiores 0^m,075 de comprimento por 0^m,035 de largura.

Flores dispersas, solitarias, grandes, hermaphroditas, completas, regulares, e de aroma muito suave; medem 0^m,07 de diametro quando abertas, e têm todos os cara-

cteres bem definidos das *rosaceas*; calice gamo-sepalo com quatro grandes lobos ligeiramente reunidos pela base, verdes, ellipticos e concavos; petalas em numero de dez, brancas, ellipticas, concavas na prefloração e inseridas sobre o calice; estames livres, eguaes, amarellos, muito juntos, em numero indefinido e muito abundantes, inseridos tambem sobre o calice; estylete do tamanho dos estames, porém muito mais grosso, alargando para a parte superior onde termina por um largo estygma verde, discoide e um tanto concavo.

Fructos-bagas globosas pelo tamanho de pequenas laranjas, de epi-carpo amarello, sарo-carpo delgado e lenhoso, e endo-carpo carnoso e poly-spermo—parecem-se um tanto com as romãs.

É bonita arvoresinha ornamental e crível que pela cultura se torne ainda mais elegante.

Os indigenas empregam os fructos nos seus processos juridicos e de adivinhação.

Mucia, *Terminalia angolensis*, Welwitsch. Arvores de porte medio, de troncos cylindricos e tortuosos, camada cortical muito fendida, cujo diametro attinge a 0^m,2, e altura, incluindo a copa, varia de 2 a 5 metros, que habitam nas matas e prados.

Folhas dispersas nas extremidades dos ramos, verdes, espessas, pecioladas, simples, inteiras, privadas de estipulas, ovaes-lanceoladas, medindo o limbo das maiores cerca de 0^m,11 de comprimento por 0^m,03 de largura.

Flores miudissimas em amentilhos axillares, são apetalas, gamo-sepala com dez estames livres.

Fructos mono-spermas indehiscentes, seccos, representando um loculamento central com as margens foliaceas.

Os troncos feridos manam uma gomma semelhante a arábica, um tanto menos friavel e mais hygrometrica.

Os indigenas têm as cascas e raizes como substancias altamente medicamentosas, usam-nas pisadas juntamente com as folhas como topico no esphinter do anus, na doença chamada maculo.

Mufufuta. Creio ser esta a *Albizzia angolensis* de Welwitsch, bonitas leguminosas, de porte elevado, muito ramosas e copadas, que habitam nas florestas.

Tem amplas folhas muito abertas, alternas e dispersas, brevemente estipuladas, longamente pecioladas, pubescentes, verdes, muito macias ao tacto, decompostas, com quatro pares de pinnas, e estas compostas de quatro a cinco pares de foliolos, de peciolos curtos, espessos, ovaes e ob ovaes, medindo os maiores, termo médio, 0^m,030 de comprimento por 0^m,020 a 0^m,022 de largura.

Inflorescencia em grandes corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, calice gamo-sepalo, quinquefido; petalas em numero de cinco, esverdeadas, muito pequenas e muito caducas, ovaes, concavas, alternas com as divisões do calice e a elle adherentes; estames indefinidos, filiformes, quasi eguaes, brancos desde a base até dois terços da altura e verde-amarellados na parte superior restante, inseridos sobre o calice, livres ou levemente reunidos pela base em um só feixe, com o comprimento de 0^m,025 a 0^m,035, offerecendo a apparencia de um pequeno pincel. Fructos vagens com quatro a seis sementes.

A sua madeira é branca amarellada, rija, muito boa para carpinteria e marcenaria.

Na therapeutica usam os indigenas as raizes rasuradas e suspensas em agua como clysteres nas tympanites das creanças.

Ha mais duas outras leguminosas, especies muito proximas d'esta, a que tambem dão o nome de *Mufufuta*.

Quilluanza. É uma leguminosa arborea que habita nas florestas, copada, elegante, com a altura de 5 a 6 metros, de tronco cylindrico, e casca muito grossa e fendida.

Folhas estipuladas, compostas, com nove ou dez pares de foliolos, sem impar, sesseis e ovaes.

Inflorescencia em espigas, quasi corymbos, axillares.

Flores muito miudas e pareceram-me uni-sexuaes, havendo masculas e femeas no mesmo pé.

O fructo é uma vagem pendente, grande e larga, contendo seis ou oito sementes côr de castanha, luzidas e lenticulares.

A casca segrega gomma branca, alambreada, parecida com a arabica de qualidade inferior.

O seu tronco produz boas madeiras.

Munguife. Arvoresinhas, e ás vezes arbustos, leguminosas papilionaceas que habitam nas matas e terrenos seccos.

Folhas compostas com dez pares de foliolos e um impar, peciolados, verdes, glabros, e ovaes-acuminados.

Flores em grandes espigas terminaes, roxas, papilionaceas. Fructos, vagens pequenas com tres a seis sementes. Florescem em setembro.

Os indigenas empregam o cozimento das raizes em semicupios, em caso de dôres de rins; em injeccões nas gonorrhœas, e tomam a infusão das cascas das raizes como purgante.

Mussema. Parece ser a *Albizzia coriarea* de Welwitsch. É uma leguminosa elegante, de porte medio, da sub-familia das *mimoseas*, de folhas decompostas, verdes, glabras e muito copada com troncos cylindricos que habita nas florestas e matas, e floresce em agosto.

Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, com o calice quinquefido, e corolla hypogenea com cinco petalas quasi eguaes, soldadas pela base; estames mono-delphos, eguaes, em numero superior a vinte, muito cumpridos, filiformes, brancos da base até meio e vermelho-rosados para a parte superior; pistillo simples, confundindo-se pelos seus caracteres com os estames.

Transuda uma seiva branca semi-fluida e viscosa, que se solidifica e torna friavel ao ar, constituindo uma gomma muito semelhante á melhor gomma arabica.

A casca d'esta arvore é muito adstringente, e emprega-se industrialmente em cortumes, e na therapeutica indigena a infusão da mesma como collutorio.

Mutungo ou mutundo. Sãa pequenas arvores que habitam

pelasm atas e prados, de troncos cylindricos com o diametro de 0^m,05 a 0^m,10.

Folhas simples, inteiras, brevemente estipuladas, curtamente pecioladas, verdes, glabras, oblongas ou ovaes, alternas, medindo o limbo dos maiores 0^m,04 de comprimento por 0^m,02 de largura.

Inflorescencia em espigas terminaes côr de rosa e inodoras.

Flores hermaphroditas, completas e irregulares; calice vermelho com quatro lobos deseguaes; corolla poly-petala, côr de rosa carregada; estames em numero de oito, eguaes, mono-delphos, curvos, brancos com antheras amarellas; estylete côr das petalas com estyma verde e lamellar; ovario verde, um tanto discoide.

Fructos vagens mono-spermas, foliaceas, falciformes, espheroides na base e ao centro no lugar da semente.

As raizes contundidas e applicadas aos tumores escrophulosos dizem ser de bellissimo effeito, e a infusão da raiz tomada tem applicação na mesma doença. O cozimento das cascas é usado em bochechos nas odontalgias, e ainda usam as raizes raladas em casos de cephalalgia, applicadas sobre a região frontal no estado de pasta.

Molungo. Arvores leguminosas. *Erythrina suberifera*, de Welwitsch. São pouco bellas e de pequeno porte, porém nos mezes de agosto e setembro adquirem fôrmas vistosas, devido á bonita folhagem e longas espigas de flores papilionaceas escarlates.

Habitam nas matas e nos prados, e têm grandes folhas, longamente pecioladas com tres foliolos verde amarellados.

O seu tronco é cylindrico e a casca é espinhosa, e similhante a cortiça.

Esta arvore é tambem cultivada em algumas senzalas, como ornamental.

Em medicina popular empregam o cozimento das cascas juntas com as da *quifuba puiache* em casos de ictericia tomado internamente.

Mutele. Parece-me ser a *Haronga madagascariensis*. São

árvores de porte medio que se encontram nas florestas e matas, com o tronco cylindrico que nas mais robustas pôde attingir 2 metros de circumferencia, com a camada cortical muito fendida e friavel.

Folhas compostas de quinze a dezeseite foliolos alternos, peciolados, glabros e ovaes-lanceolados.

(Continúa.)

FORMULABIO

Rataphia de cacau DO DR. JEANNEL

O auctor recommenda a formula seguinte :

Cacau caraca torrado e partido.....	0,750
Baunilha	0,002
Alcool de 53°	4,000

Macere por 15 dias e cõe; junte ao residuo:

Agua distillada, fervendo.....	1,100
--------------------------------	-------

Depois do arrefecimento cõe e junte ao infuso, assim obtido :

Assucar branco partido.....	1,300
-----------------------------	-------

Solva, misture depois ao liquido alcoolico e filtre.

Pastilhas contra o mau halito

(AMERICANO DRUGGIST)

Café torrado e pulverisado.....	75 gram.
Carvão em pó.....	25 "
Acido borico em pó.....	25 "
Saccharina.....	0,65 "
Tinctura de baunilha.....	q. s.
Mucilagem de gomma.....	q. s.

F. s. a. partilhas de 0 g^r 70, cada uma.

**Pastilhas vermifugas e purgantes
de santonina insolada, com calomelanos**

(KAUFFEISEN)

Calomelanos.	12,5
Santonina ins.	12,5
Chocolate.	500

F. s. a. 500 pastilhas, contendo cada uma 0g^r,025 de santonina e de calomelanos.

Para tomar 1 a 3 por dia de manhã e de tarde, segundo a idade.

Notou-se recentemente que a santonina insolada não perturbava a vista, como faz a santonina ordinaria, e o sr. Kanffeisen constatou o facto pessoalmente.

D.

VARIEDADES

Condemnação de irmãs de caridade.—O tribunal de Floraco condemnou em 500 francos de multa as irmãs de caridade que exerciam a pharmacia em Ispagnac, communa do departamento de Lozère, muito proxima de Florac, e vendiam ao publico; o tribunal ordenou tambem que fosse fechada a officina illegalmente aberta. As perseguições exercidas contra ellas foram a instancias do Syndicato dos pharmaceuticos de Lozère.

Aggregação do Syndicato dos pharmaceuticos de Jura á Associação geral.—Este syndicato acaba de notificar a sua aggregação á associação geral dos pharmaceuticos de França. Estão inscriptos muitos socios, que funcionam com a maior regularidade.

Procedamos nós como elles e acabará de vez a venda de medicamentos officinaes nas drogarias.

Oxalato de cafeina.—O dr. Leipen communicou á academia de Vienna que o oxalato de cafeina, ao contrario, de outros taes d'este alcaloide, é estavel, não sendo de-

composto pela agua e podendo soffrer repetidas crystallisações sem se alterar.

Solubilidade do precipitado branco.—Segundo o *Chem. News* o sr. Stillingfleet-Johnson reconheceu que o carbonato de ammoniaco se oppõe melhor do que o chlorhydrato á precipitação do bichloreto de mercurio pelo ammoniaco. Não só a presença do carbonato no ammoniaco produz a redissolução do precipitado a cada adicção de pequenas quantidades de soluto de bichloreto, mas até, depois da completa precipitação de um soluto de bichloreto pelo ammoniaco, a adicção do carbonato permite redissolver o precipitado.

Grenalha de porcelana.—Fabrica-se em Munich com este nome pequenos globulos de porcelana, destinados á limpeza das garrafas e frascaria, em substituição da escunilha de chumbo.

Conservação das plantas nos hervarios.—O sr. Schontand aconselha o methodo seguinte para conservar as flôres com a côr propria.

Prepara-se um soluto aquoso e saturado de acido sulfuroso, do qual se tomam 4 partes e se lhe junta 1 parte de alcool metilico. As plantas de folhas grandes supportam um banho d'esta mistura por espaço de dôse a deoito horas; as flôres delicadas soffrem um banho de cinco a vinte minutos, segundo os casos.

Em seguida trata-se de enxugar as partes emergidas, por meio do calor do sol ou de uma estufa a temperatura branda, collocando-as depois entre folhas de papel sem colla, d'onde se mudam, sendo necessario, depois de bem enxutas.

Este processo não só conserva a côr, mas tambem facilita a dissecação, de modo que a *sempervirens* se pode seccar em dois dias, as *orchis* e o *arum* em um só dia. Quando o acido sulphuroso descora as petalas, estas readquirem a côr primitiva depois de seccas.

A difficuldade está em distender convenientemente as flores delicadas sem as partir, ao retiral-as do banho. D.

PEÇAS OFFICIAES

SESSÃO DE 13 DE AGOSTO DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK

Aberta a sessão eram nove horas, estando na sala numero legal de socios.

O 2.^o *secretario* fez a leitura da acta da sessão anterior.—Approvada.

Leu-se a acta da sessão de 31 de julho de 1889.—Approvada.

O sr. *Teixeira* participou o fallecimento do sr. Antonio Emiliano Gonçalves Nobre, de Elvas, e propoz que se lançasse na acta um voto de sentimento e se participasse á viuva do fallecido, e propoz igual voto pelo fallecimento do enteado do sr. José Mendes Jara.

O sr. *presidente* observou que por falta de numero de socios se não realisaram as duas penultima s sessões, que deveriam ter logar nas noites regulamentares e que, dependendo a sessão solemne do parecer previo da commissão revisora de contas e sua approvação, esta mesma sessão tivera de ser addiada.

O sr. *Machado* propoz e foi approvado um voto de confiança á mesa para esta tratar do assumpto como entendesse.

O sr. *Machado* apresentou um parecer da commissão de chimica, que teve primeira leitura.

O sr. *Machado* communicou á sociedade ter feito exame de medicina e partos o nosso consocio o sr. dr. Joaquim José Alves.

A sociedade recebeu com especial agrado a communição do sr. Silva Machado.

O 2.^o *secretario* communicou á sociedade ter obtido a medalha de ouro na exposição de Paris, unica distincção para a classe, quer nacionaes quer estrangeiras, a pharmacia Franco & Filhos.

A sociedade recebeu com agrado a noticia e que d'ella já tinha conhecimento pelos jornaes.

O 1.º *secretario* entre a correspondencia leu um officio da ex.^{ma} sr.^a Benevenuto Clara Pinto, agradecendo os sentimentos da sociedade pelo fallecimento do seu marido, João Thomaz da Silva Pinto.

O sr. *Pessoa* desejou ser informado se já a mesa tinha consultado a associação dos advogados ácerca das propostas por elle apresentadas e cuja discussão está dependente.

Deu explicações o sr. *Fragoso*.

O 1.º *secretario* apresentou uma proposta para socio com nota de urgente; approvada a urgencia, foi proclamado socio correspondente nacional o sr. José Joaquim de Campos Taborda, director da pharmacia do hospital da misericordia de Evora.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 horas da noite.—O 2.º *secretario* *D. F. da Silva Noqueira*.

SESSÃO DE 27 DE AGOSTO DE 1889.—Presidencia do sr. SILVA MACHADO

Aberta a sessão eram nove horas da noite, e não se achando na sala o 2.º *secretario*, o sr. presidente convidou o socio o sr. Manuel Fernandes Pessoa a occupar aquelle logar.

O 2.º *secretario* não fez a leitura da acta em consequencia d'esta não ter sido presente.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia, que constou de impressos.

Usando da palavra o sr. Simões de Abreu, apresentou por parte do ex.^{mo} sr. dr. Costa Simões, de Coimbra, um volume por elle publicado, e que tem por titulo *A minha administração dos hospitaes da Universidade*; esta offerta para a bibliotheca da sociedade foi recebida com especial agrado.

ORDEM DA NOITE

Feita a leitura do parecer da commissão revisora de contas, ponderou o sr. presidente que a sessão era muito

pouco numerosa, e que melhor seria addiar a discussão do referido parecer.

O sr. *Assumpção* entende que o parecer pôde ser discutido afim dos trabalhos seguirem regularmente. Consultada a sociedade, esta resolveu discutir o parecer.

Posto á discussão e seguidamente a votação, foi approvedo.

O sr. *Assumpção* lembrou a conveniencia de se proceder á sessão solemne da sociedade.

O sr. *Pessoa* disse que lhe parecia que a mesa tinha na mente celebrar a sessão solemne muito breve, porque, fallando com o sr. presidente da mesa, este lhe recommenidou para activar os trabalhos do exame de contas por causa da referida sessão.

O sr. *secretario* participou ter recebido do nosso collega e consocio o sr. Joaquim Paschoal de Faria, de Moura, uma amostra de *carbonato de magnesia*, para ser *ensaiado* no laboratorio; disse mais que aquelle nosso estudioso collega já tinha feito alguns ensaios com os recursos de que pôde dispor.

Foi enviada á commissão de chimica.

Não havendo mais a tratar, foi encerrada a sessão, eram 10 horas da noite.—O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

Acta da sessão solemne
commemorativa do quinquagesimo quarto anniversario
da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. GUIMARÃES DRACK

Em 16 de outubro de 1889, pelas oito horas e meia da noite, achando-se na sala grande numero de convidados, de socios benemeritos, honorarios e effectivos, o sr. *presidente* abriu a sessão solemne anniversaria e convidou o *segundo secretario*, Francisco Domingos da Silva Nogueira, a fazer a leitura do seguinte:

Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana durante o quinquagesimo quarto anno da sua installação

Senhores: — Se houvesse mister de justificar perante vós a minha comprovada insufficiencia, não creio que outra occasião por mais solemne, reunisse condições mais de molde do que a que n'este momento se me depara. Mas essa insufficiencia vae mais além de tudo que possa attingir a vossa apreciação, que deixará de ser justa por delicadamente generosa!

A justificação do meu nenhum merito, para assumir o logar que tantas responsabilidades me permite, está sovemente demonstrada na esterilidade dos meus serviços que, revelando uma deficiencia enorme, não poderão, com-tudo accusar sem injustiça grave, falta de dedicação e desejo intimo de me aproximar de tudo que possa, emfim, ser motivo de prosperidade e engrandecimento para o que vós mais do que eu, tendes trabalhado, mercê de uma illustração que me cabe a honra de saudar!

A minha insufficiencia, senhores, vae mais além, vae mais além, dizia, e vae mais além por que a vejo com magua, a reflectir-se na difficuldade que me é impossivel vencer, para expressar o meu enthusiasmo sincero, contando para esta sociedade mais um novo periodo de existencia!

Tal é, pois, o que, n'este momento solemne, vem como um espelho a reproduzir a mesquinhez do meu espirito, que nunca usufruiu o desejo de subir mais alto do que agora, em que a vontade e o amor da razão e justiça me impõem o dever de, primeiro do que tudo, prestar culto a todos que com tão devotada intelligencia e acerto tanto teem feito para os creditos d'esta sociedade.

Na confissão sincera da minha incapacidade intellectual para fazer o justo elogio de que são dignos tantos serviços uteis e louvaveis, encontrarei decerto, mais uma vez, a vossa complacencia a desculpar, se é possivel, os meus erros, denunciantes do meu nenhum saber, mas evidenciados pelo desejo natural de pôr á vossa disposição todo o meu prestimo e todo o meu trabalho!

E' esta a segunda vez que me cabe a subida honra e para vós a triste desillusão, de ser investido de um cargo de que hoje ficareis convencido ser superior ás minhas aptidões.

Doou-m'ó a vossa confiança, mas bem sabeis ser missão espinhosa para um desempenho util e digno !

Havia entre vós quem, por todas as razões, devesse merecer a vossa eleição, a eleição de nós todos, mas a minha recusa, com quanto perfeitamente baseada, tanto mais que já vos havia provado o meu nenhum valor, a minha recusa, repito, poderia, n'um momento de surpresa, afigurar-se-vos uma como que deserção, ou falta de camaradagem, (permitta se-me a phrase), e tal interpretação constituiria para mim, por menos verdadeira, uma offensa de character, que não desejarei merecer-vos; porém cumprindo o vosso honroso mandato venho hoje aqui a apresentar-vos o relatorio dos trabalhos que mais especialmente foram o objecto do vosso estudo, no cumprimento do § 3.º do artigo 9.º do nosso regimento interno.

Está bem patente no espirito de todos vós o ostracismo a que tem sido votada a pharmacia portugueza que, embora cause magua, força é dizer: quanto tem merecido a attenção dos que officialmente tinham por dever auxiliar-a, n'uma ociosidade ou mal escolhido proposito, cujos resultados não são, pelo menos, tão proficuos quanto desejavamos, e quanto precisaram ser !

A nenhum de vós cabe responsabilidade tamanha, o que não significa motivo bastante para que desapareça em todo o pesar natural do que, por cortezia, podemos alcunhar de desfavor.

Oxalá que coubesse a qualquer dos que me escutam e por qualquer dedicação pertencesse ao seio do nosso gremio, erguer poderosamente a voz de alarme á qual accu-

disse o soccorro official de que tão justamente carecemos, por que elle se não fazia esperar!

Em solemne momento que a historia patria não esqueceu, disse um notavel estadista:

«Cada um em sua casa pôde muito!»

De facto assim é, e só nos resta a consciencia tranquilla de que a mingua do auxilio de que carecemos nos não tem sido recusada por fraqueza de esforços que todos temos empregado em prol d'esta sociedade.

A' nossa classe exige-se por principios perfeitamente entendidos, uma auctoridade scientifica, que não deveria servir-nos unicamente para um alistamento; mas sim deveria acompanhar-nos sempre, com especialidade em proveito d'uma causa que a todos interessa, havendo de se reclamarem direitos que julgamos garantidos.

Perdoae-me se n'este desabafo me excedo e vos obrigo a acompanhar-me, mas o espirito de classe arrasta-me a isso e, ainda que por mais humilde, não me julgo no direito de ser dos ultimos a pedir justiça.

E' indispensavel que nós unamos, afirmando assim o verdadeiro principio associativo!

A nossa quotisação é assaz diminuta, o que todos vós conhecereis na leitura attenta dos documentos que accusam o nosso movimento associativo, e, portanto façamos um esforço que se me afigura diminuto, para melhorar quanto possivel a nossa existencia.

No grandioso certamen que a França inaugurou, fomos dos poucos que ali não concorreram em pessoa, e comtudo, era a nossa classe uma das que certamente com mais proveito devia fazer-se representar.

Havia muito a lucrar de uma visita, da qual expontaneamente brotaria uma séria observação e minucioso estudo, proprio de homens que não hesitam divulgar os seus conhecimentos e o resultado das estudiosas observações, em conhecimento e proveito de uma classe.

Entre os que me escutam ha intelligencias robustas e não vulgares aptidões que, de bom grado, ousou affirmal-o, se pres-

tariam a ser commissionados por esta sociedade, só com o fim de lhe offertarem conhecimentos novos e novas applicações que fartamente nos compensariam de qualquer sacrificio.

Meus senhores: Os trabalhos mais importantes que a sociedade teve de apreciar, foram os seguintes, que para me não tornar mais fastidioso exporei em breve trecho.

A classe pharmaceutica de Braga dirigiu uma representação á sociedade, para que esta representasse superiormente, pedindo a execução da lei de saude de 1882.

A classe pharmaceutica de Guimarães representou no mesmo sentido, adherindo ao pedido dos nossos collegas de Braga. A sociedade interpretando o motivo das referidas representações deu-lhes o devido destino.

Por indicação de alguns socios deliberou-se representar ao governo sobre infracções commettidas com manifesto desprezo das leis de saude.

O socio o sr. Manuel Fernandes Pessoa propoz representar superiormente contra a indicação em taboletas e rotulos de nomes de individuos não devidamente diplomados, e pediu mais que aquelles individuos fossem riscados do caderno da contribuição industrial. Nomeou-se uma commissão especial para sobre os abusos e infracções das leis de saude apresentar um parecer para servir de base á discussão da sociedade. A commissão apresentou o seu parecer, que ficou pendente por se ter deliberado consultar a benemerita associação dos advogados d'esta capital, com a qual nos honramos de manter as mais cordeaes relações de amizade.

Todas as commissões se desempenharam cabalmente dos trabalhos que lhes foram confiados, manifestando mais uma vez os membros que as compunham inexcusable zelo e dedicação; e a vossa commissão de chimica acaba de submeter á vossa esclarecida opinião o seu parecer sobre uma amostra de magnesia alva, que lhe destes a estudar.

O nosso consocio Alfredo da Silva Machado offereceu á sociedade para ser publicado no jornal uma tabella da solubilidade de um certo numero de substancias; o sr. Ma-

chado coordenou este trabalho segundo a pharmacopêa portugueza.

Tambem este digno e illustrado consocio, apresentou á sociedade uma interessante communicação ácerca da *Emulsão de oleo de fígados de bacalhau com hypo phosphitos de cal e de soda*.

O nosso consocio Agostinho Sezinando Marques offereceu á sociedade um exemplar da sua publicação ácerca da expedição do Muata-Ianvo, na qual serviu como sub-chefe, logar em que prestou relevantissimos serviços ao paiz.

A classe pharmaceutica representou-se dignamente na exposição industrial portugueza, o que é para nós honroso attestado e motivo de entranhada satisfação.

Com grande pezar vos participo o fallecimento dos seguintes consocios:

Manuel Vicente de Jesus, benemerito.

Roberto Duarte Silva, correspondente, professor de chimica analytica na escola central de artes e manufacturas de Paris.

José Moreira Feyo, effectivo.

José Joaquim Brochado Caldas, correspondente, do Porto.

Agostinho Dias Lima, correspondente, de Boticas.

Dr. Francisco Antonio Ferreira da Costa, benemerito, lente jubilado da escola polytechnica.

João Thomaz da Silva Pinto, effectivo.

Antonio Emiliano Gonçalves Neves, correspondente, de Elvas.

*
* *

Depois do que acabo de expor-vos, só me resta agradecer-vos a attenção e indulgencia com que acabaes de me ouvir.

Disse.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. *primeiro secretario*, Emilio Frago, para dar conta dos assumptos seguintes:

Premio José Dionysio Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da instituição da Sociedade

PROGRAMMA DE CONCURSO

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno.

«Memoria sobre qualquer questão de pharmacia ou sobre assumpto de interesse profissional»

CONDIÇÕES

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de *membro benemerito*, acompanhado de um *bonus* de cinquenta mil réis em moeda sonante ao premiado em primeiro logar.

No diploma de *membro honorario*, aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da Sociedade por todo o mez d'abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela Sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*», recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade n'este programma.

Lista dos doadores e objectos doados á Sociedade durante o quinquagesimo quarto anno

Pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, de Coimbra : — A minha administração dos hospitaes da universidade.

Pelo sr. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, de Lisboa : — Curso de silvicultura, tomo 2.^o — Esboço de uma flora lenhosa portugueza, por Antonio Xavier Pereira Coutinho — Os quercu de Portugal, idem.

Por mr. Auguste Zune, de Bruxellas : — *Traité de microscopie médicale et pharmaceutique*, par Auguste Zune. — *Analyse des eaux potables et détermination rapide de leur valeur hygiénique*, idem.

Pela Camara Municipal de Lisboa: — Elementos para a historia do municipio de Lisboa, tomo 3.^o da 1.^a parte.

Pelo sr. commendador José Tedeschi, de Lisboa : — *Los Avisos Sanitarios de Madrid*. — *Semanario Farmaceutico*, de Madrid. — *El sentido católico en las ciencias medicas*, de Barcelona. — *Boletin del cambio farmaceutico español*, de Madrid. — *Gaceta de oftalmología, otología y laringología*, de Madrid. — *El Restaurador farmaceutico*, de Barcelona. — *El Porvenir Farmaceutico*, de Madrid. — *La Farmácia española*, de Madrid. — *Boletin de hidroterapia*, de Barcelona. — *Revista de sanidad militar*, de Madrid. — *Boletin de Medicina y Farmácia*, de Barcelona. — *Boletin Farmaceutico*, de Barcelona. — *La Gaceta científica*, de Lima (Perú). — *El Monitor médico*, de Lima (Perú). — *La Crónica médica órgano de la Sociedad «Union Fernandina»*, de Lima (Perú). — *Anales de la «Sociedad de Farmácia de Santiago de Chile»*. — *Revista médica*, de Chile. — *Revista medica*, de Bogotá. — *Giornale medico del esercito e della marina*, de Roma. — *Giornale di farmacia, di chimica, e de scienze offini* publicato dalla Società, di farmacia di Torino. — *L'Orozi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini*, publicato per cura d'ell'associazione chimico farmaceutica fiorentina. — *Bulletin des travaux de la «Société de Phar-*

macie de Bordeaux».—Bulletin de la «Société de Pharmacie du Sud-Ouest», Toulouse.—Bulletin de la «Société Royale de Pharmacie», de Bruxelles.—Bulletin général de thérapeutique, de Paris.—Bulletin commercial, annexe de l'Union pharmaceutique.—Moniteur de la pharmacie belge, de Bruxelles.—L'Union pharmaceutique. journal de la Pharmacie Centrale de France.—Gazette de gynécologie, de Paris.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales, de Paris.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—Gazeta Medica, da Bahia.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Revista de medicina desimetrica, do Porto.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Correio Medico, de Lisboa.—Boletim de therapeutica e pharmacia, de Lisboa.—Der Fortschritt, de Genebra.

Pelo sr. dr. Guilherme Candido Xavier de Brito, do Rio de Janeiro : — Algumas considerações sobre physiologia, pathologia e pathogenia geraes e sobre a pathogenia e o tratamento do cholera asiatico.

Pelo sr. João Belmiro Leoni, do Rio de Janeiro.—Do diagnostico e tratamento do tabes dorsalis. These por Antonio Caetano da Silva Junior.—Da operação de Alexander-Adams. These por José Alfredo Granadeiro Guimarães.—Dos nervos vaso-dilatadores. These por Jorge da Rocha Miranda.—Das atrophias musculares. These por Jorge Torres da Costa Franco.—Diagnostico differencial entre as diversas especies de cirrhosos hepaticas. These por Fernando Terra.—Processos de redução do craneo (esmagamento) qual o preferivel? These por Caetano Furquine Werneck de Almeida.—Talha hypogastrica. These por Francisco de Salles Marques.

Pelo sr. Joaquim Urbano da Veiga, de Lisboa : — Formulario official e magistral, por Joaquim Urbano da Veiga, com um supplemento por Alfredo da Silva Machado e Emilio Fragozo.

Pelo sr. dr. Pinto Portella, do Rio de Janeiro : — A orthopedia na Italia e França.—Impressões de uma viagem a Italia e França debaixo do ponto de vista da moderna orthopedia.

Pelas redacções : — Annaes do Club Militar Naval.—Correio Medico de Lisboa.—Gazeta de pharmacia de Lisboa.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias, de Lisboa.—A Medicina Contemporanea, de Lisboa.—Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa.—Jornal de pharmacia e chimica, de Lisboa.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica» do Porto.—Revista de medicina dosimetrica, do Porto.—Boletim da Sociedade Broteriana, de Coimbra.—O Instituto de Coimbra.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Jornal de horticultura pratica, do Porto.—A Pharmacia Portugueza, do Porto.—A saude Publica, do Porto.—Boletim de medicina homoeopathica, de Lisboa.—Revista popular de conhecimentos uteis, de Lisboa.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Gazeta Medica, da Bahia.—El Restaurador Farmacéutico, de Barcelona.—Boletim de Medicina y Farmacia, de Barcelona.—El sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—El Observador Médico, do México.—El Siglo Médico, de Madrid.—Boletim del Instituto médico valenciano.—Gazeta Médica, do México.—Les Nouveaux remèdes, de Paris.—Journal d'hygiène.—Climatologie, de Paris.—Der Fortschrett, de Genebra.

Pelo sr. dr. Samuel Morales Pereira, do Mexico : — Puebla. Su higiene, sus enfermedades, por el doctor Samuel Morales Teixeira.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa: — Boletim da «Sociedade de Geographia de Lisboa». — Mappas de diversas possessões africanas.

Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 54.º anno da sua instituição

FORAM ADMITIDOS

Para a classe de effectivos

Arnaldo Augusto de Moraes, *Lisboa.*
 Boaventura Jordão, *Lisboa.*
 João José Machado, *Lisboa.*
 Joaquim Duarte Ferreira, *Lisboa.*
 José Bernardo Lopes da Silva, *Lisboa.*
 José Maria de Jesus Reya Campos, *Lisboa.*
 Mathias Lopes da Cruz, *Lisboa.*

Para a classe de correspondentes nacionaes

Alexandre Gomes da Silva, *Braga.*
 João Chrisostomo d'Almeida, *Coruche.*
 José Luiz Pipa Junior, *Braga.*
 José Rodrigues Pereira, *Braga.*
 Manuel Ferreira da Cunha, *Ilhavo.*

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes

Augusto Cesar Marques, *Maranhão.*
 José Mendes dos Santos, *Montemor-o-Novo.*

FALLECERAM

Benemeritos

Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, *Lisboa.*
 Manuel Vicente de Jesus, *Lisboa.*

Effectivos

José Moreira Feyo, *Lisboa.*
 Silvestre Polycarpo Correia Belem, *Lisboa.*

Correspondentes nacionaes

Agostinho Dias Lima, *Bahia.*José Joaquim Brochado Caldas, *Porto.*Roberto Duarte Silva, *Paris.*

RESUMO

Ficam existindo

Protector.....	4
Benemeritos.....	21
Honorarios nacionaes.....	33
Honorarios estrangeiros.....	32
Effectivos.....	112
Correspondentes nacionaes.....	215
Correspondentes estrangeiros.....	29
Total.....	<u>443</u>

Finalmente o sr. *presidente* leu o seguinte

Discurso

Meus collegas e amigos :

E' com o maior praser, e animado do mais grato reconhecimento, que tenho a honra de presidir ao quinquagesimo quarto anniversario d'esta nossa Sociedade, á qual todos temos prestado o culto sincero do nosso trabalho, estima e consideração, em homenagem aos seus fins e tradições honrosas.

E bom é que lhe solemnisemos o anniversario, recordando a sua valiosa organização, para não deixarmos esfriar no animo dos nossos noveis successores, n'este tempo de egoismo pessoal que vae correndo, aquelle calor vital, aquelle espirito de classe entusiasta, de que os nossos intrepidos instituidores nos deram nobre exemplo, e que, arcando com os inveterados preconceitos d'outr'ora, nos conquistou este periodo de existencia mais desafogada, que actualmente disfructâmos, embora estejamos ainda muito longe de termos alcançado a verdadeira carta de alforria, a que nobremente aspirâmos pelo engrandecimento intellectual.

Podemos dizel-o affoutamente, com a profunda convicção de quem profere uma verdade incontestavel—a instituição d'esta Sociedade marca na historia da pharmacia patria uma epoca de regeneração moral, a qual uma classe, embora necessaria e importante como a nossa realmente é, segundo eu julgo, jámais obteria sem ella, attentas as circumstancias especiaes da sua existencia social.

Sem esta poderosa alavanca que nos pinta ao espirito o symbolo da dedicação e o fructo do trabalho dos nossos fundadores, jámais teriamos alcançado no nosso paiz cousa alguma da vida technica independente, de tal ou qual regularisação de ensino profissional, e d'essa pouca representação social que, ainda assim, e embora pese a outrem, usufruimos.

Os nossos collegas, que nos legaram este instituto, como um precioso thesouro d'onde devia sair a prosperidade do nosso provir, comprehenderam com a fina intuição de quem lê no futuro pela experiencia do passado, que não se devia esperar da iniciativa isolada de um ou outro, o que só podia naturalmente derivar do esforço presevante e inabalavel da collectividade, e fortes n'esta idéa metteram hombros á empreza.

Cumpre agora á geração presente, e ás futuras, tornarem-se emulos dignos da geração inaugural d'esta corporação, honrando, pe os seus actos e dedicação acrisolada á nossa causa, os nomes illustres e benemeritos de Dionisio Correia, Sousa Pereira, Bernardo dos Santos, Sousa Telles, Leitão, A. Rodrigues d'Oliveira, e de tantos outros, que fôrão os fundadores e principaes obreiros d'esta util e patriotica instituição.

N'esta lucta pela existencia em que todos vivemos empenhados, cercados como estamos de elementos poderosos, que nos disputam o campo, é necessario, indispensavel, armarmo-nos de muita firmeza d'animo, de muita energia e prudencia simultaneamente, de muita sabedoria, emfim, para conjurarmos os perigos que nos rodeiam, e alcançarmos o patrimonio que os fundadores d'esta Socie-

dade desinteressadamente nos delinearam e nós devemos procurar obter.

Mas para atingirmos o nosso fim, é preciso pela nossa dedicação á sciencia e ao trabalho, e pelas repetidas provas que continuarmos a dar do nosso amor civico desinteressado e independente, é preciso, digo, sabermos conquistar a estima publica e official, porque assim a victoria pacifica da nossa causa, mais tarde ou mais cedo, será certa.

Os favores officiaes não nos teem coadjuvado muito n'esta nossa empreza humanitaria e patriotica, creio até que poderia dizer que nada nos teem coadjuvado; não os solicitamos ainda assim, e dar-nos-hemos por felizes e bem recompeosados, quando virmos attendidos os nossos requerimentos e solicitações em prol da sciencia, da saude publica, e da justa remuneração dos nossos serviços sociaes.

Não somos dos que prestam menores serviços á collectividade; entretanto, muitos mais prestaríamos, se uma administração sabia e previdente nos encaminhasse os passos na infancia, desbravando o terreno que penosamente temos de percorrer, para chegarmos muitas vezes exanimés á estrada franca da sciencia.

Nenhuma classe está em condições tão favoráveis, como a nossa, de prestar serviços assignalados, de toda a ordem, á sciencia, ás artes e ás industrias. Os conhecimentos polytechnicos e a vida de laboratorio, consumida no estudo e manipulação constante dos innumerables productos e materias primas que constituem o arsenal pharmaceutico, teem sido nos paizes mais adiantados um manancial constante de descobertas, muitas d'ellas colhidas ao acaso pela sagacidade dos seus auctores, e com as quaes se teem enriquecido as duas alavancas formidaveis que se traduzem em progresso e bem estar da humanidade. Dil-o a historia de todos os tempos, como d'este logar vol-o recordei na ultima sessão anniversaria, que celebrámos, ao citar-vos os factos mais salientes da vida scientifica dos principaes ornamentos da nossa classe. Os nossos estadistas conhe-

cem perfeitamente os nomes e os trabalhos de Bayen, Pelletier, Caventou, Vouquelin, Le Fevre, Lemery, Baumé, Scheele, Beller, Seba, Leblanc, Souburin, Dorvault, Thomé Pires, e de tantos outros; não lhes chega porém o tempo para estudarem e attenderem todas as multiplas necessidades do serviço publico, e, como as aspirações justas, e as injustificaveis, são muitas, succede que os que mais proximo vivem do sol, são os unicos aquecidos.

Os trabalhos recentes do nosso illustre consocio e benemerito explorador, Sésinando Marques, que estão em via de publicação, mostram á evidencia quanto o paiz podia já dever á iniciativa da pharmacia official no ultramar, se, em vez do abandono completo a que nos tem sacrificado, auxiliasse com o necessario ensino profissional a mocidade estudiosa que se dedica á nossa profissão. Uma educação scientifica methodica e regular, á altura das necessidades da nossa profissão bem comprehendida, como só o estado pôde proporcionar, e uma classe de aspirantes pharmaceuticos no quadro da armada, como se faz no exercito de terra, e na propria armada, para auxiliar os alumnos que se destinam ao serviço medico — eram duas medidas mais do que sufficientes para assignalarem a passagem de um estadista pelos bancos do poder. Não deveriamos ao acaso a gloria que Thomé Pires e um ou outro seu imitador intrepido providencialmente nos teem dispensado; veriamos necessariamente caminhar com passo certo e firme o estudo da nossa extensa flora e fauna ultramarinas, e veriamos enriquecer o commercio com muitos artigos, até hoje desconhecidos ou mal apreciados, em proveito das artes e da industria. Seria, emfim, mais uma tentativa honrosa, mais um exforço, se tanto lhe quizerem chamar, para entrarmos com brilho na communhão das nações que teem uma parte activa no progresso da humanidade, deixando de representar o humilde papel de comparsa, ao qual uma orientação impensada, ou para melhor dizer, uma imprudente desorientação, fatalmente nos tem condemnado.

Mas que o estado nos dê já ou não, o que de direito nos pertence, não nos esqueçamos nunca dos deveres que contraímos ao aceitarmos o diploma, e supramos com os nossos esforços individuaes e collectivos o deficit que do mesmo estado recebemos.

Disse.

Em seguida o mesmó sr. *presidente* encerrou a sessão eram dez horas.—O 2.º secretario, *F. D. da Silva Nogueira*.

PHARMACIA

Creolina

O *Jornal de Pharmacia da Lorr.* dá-nos esclarecimentos muito interessantes sobre a natureza e composição da creolina, a qual tem sido objecto de muitas e repetidas investigações, sem que até hoje tenha sido possível obter conhecimento exacto da composição d'este remedio, tão gabado debaixo do ponto de vista pharmaceutico e considerado como um desinfectante de primeira ordem e um antiseptico de futuro.

A creolina de Jeyes foi tomada a principio por um producto da distillação secca de uma certa hulha.

Todavia, Schenkel julgava que ella não passava de um composto identico ao seu *sapocarbol*, mistura de productos de alcatrão com ponto de ebulição elevada, contendo phenol com gordura e agua,

Outros chimicos reputaram-a composta: de hydrocarbonetos com ponto de ebulição elevada, de phenoes insolúveis, de corpos basicos, de corpos mineraes.

Um facto constante, registado por todos os observadores, é que a emulsão de creolina é precipitada pelo acido chlorhydrico ou pelo acido sulphurico diluido. Por isso alguns chimicos tem tentado descobrir a presença de um sabão e, encontrando acido abietico, tem tirado a conclusão de que na creolina existe um sabão de resina, capaz de emulsionar os productos do alcatrão.

A creolina é um liquido côr de castanha, carregada, lim-pido, possuindo cheiro desagradavel, de 1,048 de densidade, soluvel no alcool, no ether, e no chloroformio. Quando se lhe junta uma certa porção d'agua, emulsiona-se, podendo readquirir a sua primitiva limpidez se lhe juntarmos acido chlorhydrico ou acido sulphurico, soda ou chloreto de sodio, e n'estes casos deixa precipitar uma massa resinosa, molle plastica, que séca pelo arrefecimento e da qual se pôde extrair pelos processos ordinarios o acido abietico.

Os carbonetos de hydrogeneo que entram na sua composição, sujeitos a uma distillação fraccionada, passam entre 200 e 350°. Quanto aos phenoes, que se tem separado da emulsão por meio do acido sulphurico e tratados pelo ether, distillam entre 200 e 310°.

Com estes dados já se pôde reproduzir a creolina de Jeyes e vê-se que ella é formada pelo acido carbolico bruto, do commercio, enriquecido provavelmente com acido carbolico crystallizado.

Deverá ter a composição seguinte:

Hydrocarboneto fervendo de 200 a 350°..	59,6
Phenoes brutos, fervendo de 200 a 310°...	10,4
Bases pyridicas.....	0,8
Acido abietico.....	23,0
Soda.....	2,8
Agua.....	3,4

E' pois uma mistura de phenoes de ebullicão elevada, de uma pequena quantidade de pyridina e d'um sabão resinoso de base de soda, e obter-se-ha facilmente uma preparação identica á creolina ingleza, misturando um sabão de resina com oleos de alcatrão fervendo de 190 a 350° e kresol a 100 % de acido phenico.

Segundo estes resultados, colhidos pela analyse chimica, já se pode fixar de antemão o valor d'este producto de-baixo do ponto de vista medico. «Se nós admittirmos que a acção anticeptica da creolina é devida aos phenoes con-tidos no acido carbolico e que estes phenoes que não se tem podido empregar pela sua fraca solubilidade na agua,

não precisam ser emulsionados para possuírem toda a sua actividade, é-nos facil obter uma preparação analoga á creolina, preparação que conterà a mesma quantidade de phenoos e que, portanto, possuirá a mesma propriedade.»

«De facto, em uma emulsão, acrescenta o mesmo jornal d'ondo extrahimos este artigo, — as particulas das substancias emulsionadas são por tal modo tenues, que essa emulsão se parece com um soluto.»

No commercio giram, além da creolina de Jeyes, a de Hartemann e outras; aquella, porém, não tem sabão de resina, nem mesmo phenoos. O que ella tem são carbonetos emulsionados; mas com que producto?

Heis o que ainda não foi possível descobrir.

D.

Emulsão de naphtol

A insolubilidade do naphtol é um grande obstaculo á administração, sob a fôrma liquida, d'este desinfectante e antiseptico, tão preconizado actualmente no tratamento antiseptico de febre typhoide. No entanto, por difficuldade na deglutição de substancias solidas, mais rapida absorpção, ou qualquer outra circumstancia, pôde haver conveniencia na adopção da fôrma liquida.

O sr. Mainiel, interno dos hospitaes de Paris, tendo tido necessidade de preparar poções de naphtol, propoz-se resolver o problema.

Empregou como intermedio diversos dissolventes — ether, alcool, glicerina e oleo de amendoas. Os solutos ethereo, alcoolico e glycerico, preparados em proporção de 1:4, deixavam precipitar o naphtol pelo arrefecimento, ou por simples mistura com o julepo gommoso. Pelo contrario o soluto oleoso, preparado na proporção de 1:9, foi facilmente emulsionado com a agua e o naphtol conservou-se assim perfeitamente dissolvido. A formula adoptada pelo sr. Mainiel é a seguinte:

Looch ou emulsão de naphtol

Soluto oleoso de naphtol, de $\frac{1}{10}$ 20 gram.

Gomma arabica em pó.....	20 gram.
Xarope simples.....	30 gram.
Agua de flores de laranjeira.....	20 gram.
Agua distillada.....	60 gram.

Faz-se uma mucilagem com a gomma e o dobro do seu peso de agua; ajuntta-se a pouco e pouco o soluto oleoso, agitando vivamente, dilue-se finalmente com o restante liquido.

S. M.

Decomposição dos solutos d'iodoformio

FOR M. GARLES

Quando um soluto ethereo d'iodoformio se approxima do termo da saturação, torna-se instavel, e, sob a influencia de causas as mais pequenas, decompõe-se tomando uma côr semelhante á da tinctura d'iodo officinal.

Lançando algumas gottas d'este soluto alterado sobre uma folha de papel, nota-se que este se cora em azul, o que prova que uma parte do iodo estava em liberdade.

Em geral, a decomposição está na rasão directa do grau de saturação do soluto.

Com o ether anhydro e chimicamente puro, as cousas passam-se como com o ether medicinal.

Com o ether alcoolisado, a decomposição retarda-se; do mesmo modo se o soluto está privado da acção da luz.

A acção do ar e do ozone não deve ser invocada como sendo as causas da decomposição de que se trata.

A quantidade de iodo em liberdade é tão pouco consideravel que não podemos avalial-o pelas apparencias; para o reconhecer, é sufficiente agitar o soluto alterado com um globulo de mercurio; o iodo livre combina-se com este metal formando o proto-iodeto de mercurio, e o soluto ethereo estando menos saturado torna-se por isso mais notavel.

Comtudo, os solutos ethereos, nos quaes uma parte do

iodoformio foi decomposta, pôdem ser empregados em cirurgia sem nenhum inconveniente.

Os solutos chloroformicos d'iodoformio comportam-se como os solutos ethereos.

(*Journal de Ph. et Chim.*)

A.

O leite como vehiculo do iodeto de potassio e da quinina

M. Lassar aconselha dar o iodeto de potassio no leite que, melhor que todos os outros vehiculos usados, mascara o gosto d'este sal. M. Ewald, confirmando tambem a asserção de M. Lassar, accrescenta que o leite pôde servir tambem para fazer desaparecer o gosto desagradavel ou amargo de muitos outros medicamentos e entre elles a quinina.

A composição d'alguns leites condensados

J. C. Shenstone acaba de praticar uma serie d'analyses de leites condensados. Para dosear as materias proteicas, servia-se do methodo de Rithausen. As materias gordas foram separadas pelo ether. As dosagens do assucar do leite e do assucar de canna foram feitas da seguinte maneira :

Dissolveu 30 grammas de leite condensado em agna distillada quente; deixou resfriar, elevou a 97 centimetros cubicos e juntou 3^o d'um soluto de nitrato de mercurio a 1 p. 5.

Feita a separação da caseina, filtrou; tirou 40 centimetros cubicos do liquido filtrado, diluiu a 100 centimetros cubicos com agna distillada e doseou o assucar do leite com o licor do Fehling.

Uma porção do mesmo liquido diluido foi examinado no polarimetro. O desvio observado é a somma das divisões determinadas por sua vez pelo assucar do leite e assucar de canna. Como se sabe pela operação precedente quanto

o liquido contém do primeiro dos dois assucares, é facil achar pelo calculo quanto contém do segundo.

Segundo Shenstone, este processo dá bons resultados. Eis em que limites variou a composição dos differentes leites condensados que foram examinados por este chimico:

Agua.....	24,8	a 30,3	p. 100
Substancias gordas...	4,0	11,5	-
Substancias proteicas.	10,67	12,6	-
Cinzas.....	1,90	2,42	-
Assucar de leite.....	14,20	15,75	-
Assucar de canna....	29,95	39,95	-

Segundo Job. Muter, estas analyses podem effectuar-se sem recorrer ao emprego do polarimetro.

Para isto, pezam-se 10 grammas do producto que se misturam com 4 grammas de sulfato de cal hydratada. Evapora-se á secco agitando constantemente para evitar a formação de grumos. Pulverisa-se a massa secco e livia-se com ether no aparelho de Soxhlet. Temos assim um soluto de substancias gordas no ether, evapora-se este e pesa-se o residuo.

O producto lixidado é levado a um vaso de Bohemia, e addicionam-se successivamente 20° d'agua quente (não fervente) e 30° d'alcool diluido (60°). Agita-se, deixa-se resfriar, lança-se sobre um filtro, lava-se com alcool forte até que o liquido filtrado occupe um volume de 120°. Este liquido é dividido em duas partes, uma secco-se a 100° n'uma capsula de platina tarada. A differença dos pesos representa a totalidade das materias assucaradas e as materias mineraes. Incineram-se e pesam-se de novo. O peso das cinzas diminuido do peso achado precedentemente dá as materias assucaradas.

Finalmente a segunda porção do liquido é empregada para a dosagem do assucar do leite, que se effectua com o licor de Fehling.

(*Journ. de Ph. et Ch.*)

Essencia de hortelã pimenta

E' clara, transparente, ao principio esverdeada, depois amarellada. Torna-se espessa, cora-se e resinifica-se á luz, ferve a 190° , tem reacção acida, sabor quente, aromatico e desvia á esquerda o plano de polarisação; dissolve a fuchsina a frio e redul-a a quente. O iodo não reage vivamente sobre ella. O alcool a 90° dissolve-a em todas as proporções. Cincoenta partes d'essencia adicionada d'acido azotico (1 p.) cora-a ao principio em amarello, depois em escuro; torna-se por fim esverdeada ou azul violeta por transparencia e vermelha e acobreada por reflexão. O acido sulfurico dá-lhe uma côr amarello vermelha, tornando-se de framboesa pela addição do alcool.

Coagula se e cora-se em vermelho, pela addição do chromato de potassa. As essencias das outras Labiadas não offerecem esta reacção. O bi-sulfureto de sodio, em solução concentrada, dá-lhe uma côr azulada ou esverdeada ou rosada. As colorisações diversas que offerecem a essencia de hortelã, com os citados reagentes, parece devidas ás differenças d'origem e podem servir para caracterisar certas sortes commerciaes, que o acido azotico não permite distinguir umas das outras.

Submettida a uma temperatura inferior a 0° , a essencia d'hortelã deixa algumas vezes depositar uma sorte de *camphora*, que Oppenheim chamou *Menthol*.

O *Menthol* ($C^{10}H^{20}O$) apresenta-se sob a fôrma de prismas hexagonaes, incolores, brilhantes, fusiveis a 36° , e fervendo a 208° e possuindo o cheiro da essencia. E' pouco soluvel na agua, muito soluvel no alcool, ether, oleos gordos e volateis; a sua dissolução alcoolica desvia á esquerda a luz polarisada. Aquecida com o acido sulfurico, acido phosphorico anhydro ou chloreto de zinco, transforma-se em um liquido mobil, de cheiro agradavel, chamado *Menthène* ($C^{10}H^{18}$). De resto, a sua proporção nas essencias d'origem differentes é muito variavel. A constituição

da parte oleosa ou liquida da essencia, que fica após o deposito do menthol, nã o é ainda conhecida.

Exporta-se da China, sob os nomes d'*Essencia Chinezã* ou d'*Essencia japoneza d'hortelã pimenta*, uma substancia d'aspecto crystallino e que é quasi exclusivamente composta de menthol. Esta substancia é fabricada no Cantão por distillação d'uma planta, que se julga ser a *M. arvensis*, L., var. *javanica* (*M. javanica*, Bl)

A essencia d'hortelã é muitas vezes falsificada, pela adicção do alcool, oleos fixos, essencias de terebinthina, copaiba, mostarda, gengibre.

O alcool revela-se: 1.º agitando o liquido suspeito, com agua, que augmentará de volume, se a essencia contem alcool; 2.º tratando a mistura com acetato de potassa, que se dissolve no alcool e não na essencia.

Os oleos gordos, são reconhecidos: 1.º por distillação com a agua, que arrasta a essencia e deixa o oleo; 2.º lançando uma gotta sobre o papel e deixando evaporar-se; se a essencia contem oleo, deixa uma mancha gordurosa; 3.º tratando a mistura pelo alcool a 90º, que não dissolve os oleos.

O oleo de ricinos, que é solúvel no alcool, determina-se deixando evaporar a essencia suspeita e trata-se o residuo com carbonato de soda e acido azotico; se contem oleo de ricinos, desenvolve-se em cheiro d'acido œnanthylico.

A essencia de copahiba revela-se aquecendo a essencia com acido azotico: se a essencia é pura, escurece, sem se tornar espessa; se contem essencia de copahiba produz-se uma reacção muito viva e o liquido solidifica-se ao menos parcialmente.

A essencia de terebinthina determina-se soprando com a bocca n'um frasco com $\frac{3}{4}$ cheio d'essencia; se é pura, produz-se sómente pequenas gottas claras em rosario; se é impura (mesmo a 5 0/0 somente), o vapor da respiração fórma á superficie da mistura estrias nubelosas, que penetram no liquido e vão ao fundo. Este caracter parece ser d'uma grande sensibilidade.

A *essencia* de *mostarda* reconhece-se, aquecendo-se a mistura com potassa caustica: produz-se então sulfureto de potassio, que os saes de chumbo denunciam claramente.

Segundo Flückiger, o chloral dá á *essencia* d'hortelã pimenta uma colorisação verde escura. Baudrimont diz que esta côr é d'um bello vermelho e que se torna escura pela addicção do acido sulfurico. Esta reacção parece caracteristica.

Applicado este processo á distillação das *essencias* de hortelã franceza, allemã e ingleza, Yehn obteve as colorisações seguintes:

Com a *essencia* franceza: vermelha;

Com a » allemã: amarello-escura;

Com a » ingleza: colorisação ainda mais fraca.

Se tratarmos estas tres sortes d'*essencias* por uma mistura d'acido sulfurico e d'alcool, obtem-se;

Com a *essencia* ingleza: muito turva, amarello escuro, atirando para esverdeado; o liquido filtrado é vermelho escuro;

Com a *essencia* allemã: mistura turva, vermelho-framboesa clara; o liquido filtrado é da mesma côr;

Com a *essencia* franceza: mistura muito turva, escuro d'ocre; o liquido filtrado é escuro.

CHIMICA

Aplicações industriaes do oxygenio

POR L. T. THORNE

Emprego do oxygenio para o branqueamento

Admitte-se geralmente que no branqueamento pelos chloretos descolorantes é o oxygenio nascente o agente activo. Comtudo as tentativas feitas para substituir o chloro pelo oxygenio não tem dado até ao presente nenhum resultado. No branqueamento sobre o campo, a acção do oxygenio do ar effectua-se sob a influencia dos

raios solares. Para operar o branqueamento, é necessario que o oxygenio esteja no estado nascente ou sob a sua fôrma activa, o ozone.

A experiencia mostra, com effeito, que o oxygenio só actuando a alta ou baixa temperatura, á pressão normal, ou a alta pressão, não destrua as materias còrantes.

O oxygenio misturado com o chloro possui um poder descorante muito mais consideravel. Numerosas experiencias tem sido feitas a este respeito e principalmente sobre hastas de papel de diferentes naturezas. Os resultados obtidos foram sempre no mesmo sentido. Se fizermos passar, por exemplo, uma corrente d'oxygenio na pasta de papel diluida com um soluto de chloreto de cal, verifica-se que o branqueamento da pasta é muito mais rapido do que se operarmos sem oxygenio.

Com o ar, o effeito é nullo, é o que se observa com o chloreto de cal só. Com o azote, o branqueamento parece demorado. O oxygenio produz então um resultado favoravel. A sua acção é perfeitamente posta em evidencia pela seguinte experiencia :

Se operarmos n'uma caldeira fechada, munida d'um indicador de pressão, observa-se que fazendo chegar lentamente o oxygenio a uma pasta em suspensão n'um soluto de chloreto descorante a pressão não augmenta no aparelho. Se fizermos passar o azote, a pressão augmenta immediatamente e, se abirmos então um tubo de desprendimento, o gaz que se recolhe contém chloro.

O ar actua do mesmo modo, mas encontra-se pouco oxygenio no gaz que se recolhe do aparelho.

Demonstra isto que o oxygenio é absorvido n'estas condições, mas a absorpção d'este gaz é lenta. Resulta que não é necessario fazê-lo chegar muito rapidamente, sob pena de vermos a sua acção tornar-se prejudicial, por isso que o excesso do oxygenio facilita o arrastamento do chloro. Estas experiencias tem demonstrado, além d'isso, que o oxygenio activa o branqueamento e permite de diminuir consideravelmente a quantidade de chloro descorante ne-

cessario para produzir acção. Pôde-se assim diminuir de 40 a 50 p. 100 a quantidade de chloreto de cal. Mas é importante de dividir bem o oxygenio e de pôl-o em contacto tão intimo quanto possivel com a materia a branquear.

Taes foram os resultados obtidos no laboratorio. Estes ensaios repetiram se em grande escala n'uma fabrica de pasta de papel. Trataram-se por diferentes vezes 50 pipas de pasta de papel de diferentes qualidades, pasta de palha, etc. A substancia estava collocada em cubas abertas de 0,^m50 de profundidade, ao fundo das quaes o oxygenio chegava por uma serpentina com buracos. N'estas condições desvantajosas, fez-se uma economia de proximoamente 30 p. 100 de chloreto de cal, dispendendo-se 680 litros d'oxygenio por barrica de pasta. Comapparelhos melhor installados, a economia seria evidentemente maior e conseguir-se-hia provavelmente o que se obteve nos ensaios do laboratorio.

Fazendo actuar sobre a pasta de papel misturas de chloro e de oxygenio, chegou-se aos mesmos resultados : um branqueamento muito mais rapido e uma economia de 50 p. 100 pouco mais ou menos na quantidade de chloro necessario. Este processo pôde applicar-se ao branqueamento de todas as pastas de papel ; além d'isto, o auctor pretende que as pastas assim branqueadas alteram-se menos e dão um papel mais resistente ; a economia realisada seria assás importante ; calcula de 4 a 5 francos por pipa de pasta.

O auctor procura explicar a acção d'esta mistura de chloro e de oxygenio sobre as materias corantes da pasta e os phenomenos chimicos que se passam n'estas condições. As experiencias porém feitas com este fim não são sufficientemente demonstrativas e as suas explicações repousam ainda sobre hypotheses.

Emprego do oxygenio para a purificação do gaz d'illuminação.—Foi M. Valon o primeiro que propoz o emprego do oxygenio para a purificação do gaz d'illuminação. Sa-

be-se que a mistura de Laming empregada para a purificação do gaz pôde ser regenerada successivamente dez a doze vezes, logo que se torne inactiva, por uma simples exposição ao ar. Esta operação pôde supprimir-se fazendo passar com o gaz uma pequena quantidade d'ar que regenere o oxydo ferrico. Sômente esta pratica diminue o poder illuminante, porque o azote do ar fica misturado com o gaz. M. Valon teve a idéa de substituir o ar pelo oxygenio puro. N'este caso, não só o poder illuminante do gaz não diminuiria, mas, affirma elle, seria augmentado. Além d'isto a revirificação do oxydo ferrico se faria mais regularmente.

Além d'isso, pode-se, d'este modo, supprimir completamente o oxydo de ferro e introduzir nos depuradores sômente cal. A proporção mais conveniente d'oxygenio a juntar ao gaz seria 0,1 p. 100 para 6,5 de enxofre por 100 pés cubicos.

N'estas condições, o enxofre fica nos depuradores em parte combinado á cal, o resto no estado de liberdade.

Saindo dos depuradores, o gaz contem, ao maximo, seis a oito moleculas de enxofre por 100 pés cubicos, quantidade que está muito abaixo da proporção fixada pelas condições do contracto.

Estes factos estão até ao presente sem explicação.

Emprego d'oxygenio para a depuração dos alcools.—Preveem-se ainda outras applicações interessantes do oxygenio, tal é a que tem por fim a depuração dos alcools. O alcool em contacto durante dez dias com o oxygenio fica beneficiado tanto como em tres a cinco annos. As amostras assim tratadas pelo oxygenio foram submettidas á analyse e verificou-se uma grande diminuição na quantidade, que elles continham. Parece tambem que o oxygenio queima os productos secundarios que se acham em pequena quantidade nos alcools e os transforma em productos inoffensivos.

Sobre os vinhos, a acção do oxygenio é de menos vantagem e não parece poder ser-lhes applicada; n'estas condições, tornar-se-biam geralmente acidos.

Emprego do oxygenio para a obtenção de altas temperaturas.—E' necessario recordar o uso bem conhecido do oxygenio e muitas vezes utilizado nos laboratorios. A industria fornece, de resto, para isto, o oxygenio sob uma fórma commoda, comprehendida debaixo d'uma forte pressão, nos cylindros de ferro.

Além d'isto é certo que o oxygenio mesmo com o seu preço actual, terá applicações na metallurgia e outras industrias em que é ensaiado actualmente.

(*Journal de Ph. et Ch.*)

A.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

**Excerpto do «Os climas e as produções,
das terras de Malange á Lunda»**

POR SESINANDO MARQUES
SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

(Continuado da pag. 172)

O fructo é um disco lenticular fibroso, lenhoso com 0^m,04 de diametro, e iriçado de compridos aculeos asperos e picantes, tendo em volta, disposta circularmente, uma folha membranosa ou coriacea, verde tambem, com espinhos, da largura de 0^m,025. É uni-locular e com uma semente amarella um pouco cuneiforme, do tamanho de um chicharo, de albumen branco-amarellado.

Tanto pelo eixo primario como pelos secundarios, quando feridos, verte um liquido viscoso avermelhado, que pouco tempo depois se solidifica e torna friavel, constituindo um kino de bonita côr e poderosa adstringencia.

Os indigenas empregam no curativo de ulceras e feridas as raizes contundidas, em fórma de pasta, e outras vezes em pó.

Muzuco. Arvore de 3 a 6 metros de altura, um tanto copada algumas vezes, outras um pouco esguia, de tronco

cilindrico com a circumferencia media de 0^m,5, que habita nas florestas e prados.

É uma leguminosa que me parece ser da sub-familia das *caesalpineas*, com folhas amplas, bonitas, verdes, compostas de onze foliolos alternos, ovaes, peciolados, glabros na pagina superior e de ligeira pubescencia côr de canella na inferior, que se estende a toda a nervura commum.

Flores axillares, solitarias, muito aromaticas, com o calice gamo-sepalo de pellos côr de canella com quatro lobos; corolla com uma só petala branca, concava, caduca, um tanto circular, laciniada, tendo uma unha estreita e curta; estames indefinidos, livres, amarellos e deseguaes.

Os fructos são vagens cylindricas, da grossura de um dedo, côr de castanha, glabras, lustrosas, tortuosas, tomando ás vezes a fôrma de um S, com 0^m,15 a 0^m,20 de comprimento, e muito parecidas com as da *Cassia fistula*.

Floresce em agosto. Os indigenas empregam as cascas do tronco pisadas, em estado de pasta, como topico nas otites e otorreas.

Ditanga sesse. Planta herbacea, dioica, annual, da familia das *cucurbitaceas*, com os caules verdes de quatro estreas longitudinaes, muito ramosos, muito compridos, rasteiros e trepadores, e pouco mais grossos de que uma penna de ganso.

Habita nos prados junto a vallados, ou nas depressões de terrenos.

Folhas alternas, pecioladas, estipuladas, oppostas ou juntas a gavinhas, grandes e verdes, palmatilobadas, rudes ao tacto, tendo as maiores as dimensões approximadas da palma da mão.

As flores masculas compõem-se de um profundo calice tubuloso, verde, cylindrico, terminado por cinco pequenos dentes com os quaes alternam cinco petalas brancas; estames em numero de tres, reunidos pelos filetes, formando um só corpo conico da grossura de um lapis; as femeas são muito semelhantes a estas, tendo um ovario infero, espherico, verde, do tamanho de uma cereja.

Fructos, bagas perfeitamente esphéricas, do tamanho de laranjas, e às vezes maiores, pluri-loculares e poly-spermas, de epi-carpo coriáceo, verde, sulcado ou ondulado de amarello, meso-carpo cornoso, compacto, duro, de côr esbranquiçada e muito amargo; sementes brancas, chatas, um tanto ellipsoides. São parecidas com as bagas da *Cucumis colocynthis*.

Floresce em setembro; é de bonito effeito ornamental, e os indigenas aproveitam-no no adorno dos tapumes, e com as bagas fazem medicamentos.

Mussegueia. Outra *cucurbitacea* annual, monoica, trepadeira ou rasteira, de caules estriados, herbaceos, levemente pilosos, da grossura de uma penna de gallinha, que habita nos campos humosos e frescos.

Folhas simples, estipuladas, alternas, e oppostas a gavinhos, longamente pecioladas, com sete lobos irregulares, deseguaes e recortados, de cheiro nauseoso, medindo o limbo dos maiores 0^m,06 de comprimento por 0^m,08 de largura.

Flores pequenas e axillares, tendo as masculas um calice verde com cinco sepalas eguaes e lanceoladas; petalas amarellas em igual numero, ellipticas e planas, tres estames de filetes quasi rentes reunidos pelas antheras a constituirem uma pequena esphera amarella e lavrada; as femeas têm petalas como as masculas, sobre um ovario infero, livre, verde, espinhoso e ovoide.

Fructos peponidos pyriformes, angulosos, espinhosos, amarellos, pouco maiores do que cerejas, com sementes brancas, planas, mais pequenas que as de melancia.

Recorda-me ter visto a mesma planta na ilha de S. Thomé em altitude absoluta inferior a 25 metros.

Os indigenas usam-n'a como amuleto em volta do peçoço em algumas doenças provenientes de feitiços.

Calumbi. Parece-me ser a *Rubis pinnatus*, de Oliver, que o sr. conde de Ficalho descreve com o nome vulgar de *Musumo*¹.

¹ *Plantas uteis da Africa portugueza.*
Nona serie—Anno de 1889

Rosacea vivaz, muito espinhosa, de caules cylindricos, da grossura media de um dedo pollegar, com folhas alternas, estipuladas, longamente pecioladas, verde-escuras, aciculares, muito asperas, compostas de cinco a sete foliolos ovaes lancelados, bi-serraedos, e flores em longas espigas terminaes de fórma conico-pyramidaes, com cinco petalas côr de rosa, cinco sepalas verdes, e estames livres indefinidos.

Fructos multiplos, esphericos, vermelhos, de tamanho de cerejas, coroados pelo calice.

Apenas encontrei d'esta planta uma grande moita, muito espessa, da altura de 5 a 7 metros, no pequeno valle do riacho Malange, que ás primeiras impressões a confundi com o *Rubus fruticosus*, tão vulgar em os nossos campos com o nome de *silvas*.

Os indigenas não aproveitam os fructos, que aliás são adocicados, saborosos e muito agradaveis ao paladar.

Constou-me que nos concelhos de Ambaca e Pungo Andongo habita tambem a mesma planta, o que não pude verificar *de visu*.

Muria-candombe, *Mudiangilla* ou *Mudiangombo*. São tres nomes por que se conhece um arbusto bi-annual, que algumas vezes adquire o porte de pequenas arvores, de caules lenhosos, verdes, quadrangulares, fistulosos, da grossura de uma penna de ganso até á de um dedo pollegar, com numerosos eixos secundarios volubilados, flexiveis, intrincados, e formando moitas.

Folhas inteiras, simples, oppostas e alternas, verde-escuras, não estipuladas, ovaes-oblongas ou lanceoladas, espessas e lustrosas, medindo o limbo das maiores 0^m,15 de comprimento por 9 de largura.

Flores em corymbos terminaes, em grupos unidos de tres a seis; calice verde, tubuloso, denteado; corolla vermelha, de cheiro viroso, mono-petala, hypogenia, hypocrateriforme com cinco grandes lobos no limbo; estames em numero de quatro, didynamos, escarlates, filiformes, encaicolados, com antheras oscillantes, côr de castanha e inse-

ridas na garganta; pistillo simples, erecto, vermelho e filiforme; ovario verde e espherico.

Fructos, bagas negras lustrosas, tetra-loculares, tetra-spermas, um tanto discoides, pelo tamanho proximamente de um tremçoço.

Segundo me informaram, emprega-se o cozimento das folhas e raizes em casos de *peste* — creio ser febre biliosa. N'algumas terras dão-lhe o nome tambem de *mucolahembo*.

Lurossa. Asparaginea dioica, rasteira ou trepadora do genero *milax*, que vive nos matos, florestas e finalmente em quasi todos os terrenos incultos.

A raiz—rhizoma — é da grossura de uma penna de ganso, chegando á de um dedo minimo, disposta horisontalmente, fibrosa, succulenta, articulada, radiculada, côr de palha, de sabor insipido ou levemente salino.

Folhas alternas, lustrosas, verde-amarelladas, pecioladas, espessas, oblongas, com tres nervuras arqueadas e longitudinaes, medindo o limbo das maiores cerca de 0^m,14 de comprimento por 0^m,10 de largura.

Os eixos aereos são pouco mais grossos de que uma penna de gallinha, cylindricos, muito espinhosos, e muitas vezes volubilados e annuaes.

Inflorescencia em corymbos esphericos.

Flores femeas com seis sepalas cercando um ovario supero com tres estyletes curtos.

Fructos, bagas esphericas, pouco maiores que pimentas e tri-spermas.

Os europeus e indigenas, debaixo do ponto de vista therapeutico, empregam os cozimentos dos rhizomas nos mesmos casos que se empregariam os da salsa parrilha, *Smilax medica*.

Diluwo. Planta herbacea, annual, de caule ramoso, quadrangular, um tanto lenhoso, da grossura de uma penna de ganso até á de um dedo minimo, que attinge uma altura de 0^m,6 ou pouco mais.

Folhas, simples, inteiras, oppostas, lanceoladas, sesseis, glabras, verde-amarelladas, espessas e muito viçosas.

Flores irregulares, gamo-petalas, infundibuliformes, com cinco lobos roxos no limbo, e tubo amarello, um tanto curvo, inodoro, inserido debaixo do ovario; estames livres, em numero de quatro; pistillo branco, erecto, filiforme com estygma irregular, iniundibuliforme: ovario sepero. O calice é representado por duas grandes sepalas curvas, lanceoladas, terminadas em bico.

Fructos, capsulas bi-valvas, di-spermas, dehiscentes, côr de castanha, espheroides para a base e cuneiformes para o apice.

Os indigenas empregam o cozimento das raizes como lavagem nas pustulas variolosas. Tenho-a como bonita planta para figurar em jardins. Ha outros arbustos a que tambem dão o nome de *diluvo*, cujos exemplares se me perderam.

Muluanda. Arbusto annual ou bi-annual, muito ramoso, de caules delgados, verdes, cylindricos, e cerca de 1^m,5 de altura, que floresce em setembro e habita nos prados e matas.

As flores são oppostas, sem estipulas, compostas de tres foliolos sesseis, ovaes-lanceados com dentes muito miudos. Inflorescencia em longas espigas terminaes. Corolla gamo-petala, irregular, tubulosa, caduca, espessa, amarella, riscada ou pontuada de vermelho-escuro na parte superior do limbo, e inferior do tubo; tem quatro estames livres, didy-namos, curvos, inseridos no fundo do tubo; pistillo simples, com estygma bifido; calice persistente, irregular e esverdeado.

Os indigenas empregam as folhas seccas em pó, no curativo das affecções herpeticas a que chamam sarna.

Dilolo N'bullo. *Anona senegalensis*, de Oliver. Arbustos de raiz vivaz e caules annuaes, cylindricos, da grossura de uma penna de ganso ou pouco mais, lenhosos, da altura de 0^m,2 a 0^m,8 ou 0^m,10.

Folhas ovaes-oblongas, alternas, estipuladas, glaucas, pe-cioladas, ligeiramente pubescentes, asperas, aromaticas, e medem proxivamente 0^m,10 de comprimento, por 0^m,06 a 0^m,07 de largura.

Flores, nascem na parte inferior do caule, e são hermafroditas, completas e regulares; calice com tres sepalas verdes, foliaceas; corola com seis petalas, tres externas, amarellas, da grossura de 0^m,001, triangulares, offerecendo a disposição tri-valve, e as tres internas são quasi rudimentares; pistillo cercado de estames em numero superior a vinte.

Os fructos são bagas amarellas, escamosas, cordiformes, do tamanho de uma pera, com o sarco-carpo molle, muito aromatico, doce e comestivel: as sementes são côr de castanha, lustrosas, um tanto parecidas com as do linho.

O povo emprega o cozimento das raizes em lavagens no eczema e outras erupções de pelle.

E' muito extensa a área da distribuição d'esta planta.

Caboboáta. Pequena *labiada* herbacea annual, que vive nos terrenos seccos, e margem dos caminhos, com caules cylindricos, mais delgados que uma penna de ganso, amarello-esverdeados, e roxos quando novos, pubescentes e muito ramosos.

As folhas são ovaes-oblongas, curtamente pecioladas, com pellos muito curtos e birsutos, oppostas e alternas, denteadas, de aroma penetrante, parecidas com as do *Ouiriganum vulgare* dos nossos campos.

Flores dispostas em espigas na extremidade dos caules, sendo as ultimas cercadas por quatro ou seis bractaes côr de lilaz: são distinctamente labiadas, pequenas e brancas com riscos roxos, de calice tubuloso, irregular, com quatro dentes filiformes na parte superior e um grande lobo na inferior. O fructo é um tetr'akenio amarellado.

O povo usa a infusão das folhas e raizes como estomachico.

Mungue. Arbusto sarmentoso, que me pareceu uma *convolvulacea*, de caules muito delgados, verdes, cylindricos, lenhosos, tortuosos, contorcidos, pouco ramosos, que trepa e se ampara sobre as arvores e outros arbustos visinhos, descrevendo helices de passo muito junto em torno de seus ramos.

Folhas raras, simples, alternas, pecioladas, privadas de estipulas, verde-sombrias, palmatiloba das, com cinco lobos eguaes, dois a dois — os oppostos — e maior o ultimo ou central.

Flores axillares, solitarias, grandes, hermaphroditas, completas, quasi regulares e inodoras; calice com cinco sepals persistentes, grandes, ovaes-lanceoladas, verdes, concavas e imbricadas na perfloração; corolla gamo petala, amarella, campanular, hypogenea, recortada no limbo com cinco dentes eguaes; estames livres em numero de cinco, com filetes muito curtos e antheras amarellas, lanceoladas, estriadas, introrsas, do comprimento de 0^m,012 e inseridos na base da corolla; estylete simples, erecto, filiforme com estygma bi-espherico.

Fructos, capsulas orbiculares, do tamanho de cerejas, côr de palha, um tanto escariosas, translucidas, quadri-valvas, contendo quatro sementes côr de castanha, com o feitio de sector de esphera.

Floresce em setembro, e junto a raiz produz uns pequenos tuberculos semelhantes na fórma ás batatas, dos quaes os indigenas fazem cozimentos, e applicam em clysteres em obstrucções e varias outras doenças do ventre.

Catómbe. Arbustos de caules subterraneos — rhizomas — côr de castanha, da grossura de um dedo, lançando de espaço a espaço um pequeno feixe de eixos secundarios, erectos, cylindricos, sub-lenhosos, verdes, da grossura de uma penna de ganso e altura de 0^m,5 a 0^m,8, que habitam nos prados e florescem em setembro.

Folhas simples, alternas, inteiras, oppostas, ou muitas vezes tri-verticilladas, pecioladas, estipuladas, verdes, ovaes-lanceoladas, espessas, e muito rudes ao tacto, medindo o limbo das maiores, 0^m.09 de comprimento por 0^m,043 de largura maxima.

Flores em pequenas espigas axillares, hermaphroditas, completas, grandes e inodoras; calice gamo-sepalo, com cinco grandes lobos lanceolados; corolla, amarella, epiginea, hypocrateriforme, levemente curva, com um pequeno

limbo quinquefido; estames em numero de cinco, alternos com os lobos da corolla, com os filetes completamente soldados ao tubo em todo o seu comprimento, e antheras livres e lanceoladas; ovario livre, com estylete simples, grosso, verde, sovelado, e estygma conico levemente estriado.

Fructos esphericos do tamanho de ervilhas, verdes na prematuração, e negros lustrosos quando maduros, um tanto carnosos, com tres sementes reniformes e rugosas, coroados pelo calice. Florescem em setembro.

Os rhizomas prophyrisados e suspensos em agna são tomados pelos indigenas nos casos de «peste, na barriga das creanças pelos feiticeiros.» Creio que este monstruoso diagnostico se pôde traduzir por «tísica mesenterica».

Bung'hama. Arbustos de caules sub-terraneos, vivazes, com um feixe de quatro a seis eixos secundarios aereos, lenhosos, annuaes, cylindricos, que attingem a grossura maxima de uma penna de ganso, e 0^m,4 a 0^m,6 de altura. Florescem em setembro e outubro e habitam nos prados.

Folhas simples, inteiras, em tres ou quatro-verticilladas, ovae-lanceoladas, glabras, estipuladas, pecioladas, medindo limbo dos maiores cerca de 0^m,07 de comprimento por 0^m,038 a 0^m,040 de largura. Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores mindas, hermaphroditas, completas, quasi regulares; corolla gamo-petala, hypogenea, amarella, com um longo tubo hypocrateriforme, um pouco curvo, e um limbo com cinco lobos regulares e obliquos ao tubo; estames livres, em numero de quatro, didynamos, filiformes, encaacolados, compridos, amarellos, adherentes á garganta com antheras escuras e mono-loculares; estylete simples, verde, um tanto sovelado, com estygma rente; ovario verde, livre, supero e espherico; calice verde, concavo, com cinco dentes muito regulares.

Fructos espheroidaes, mono-loculares, negros, lustrosos, pouco maiores que ervilhas, de sarco-carpo escarlata, molle, esponjoso, pouco succolento, cercando um caroço cen-

tral, pyriforme de epi-sperma escuro, delgado, sub-lenho-so, com o albumen branco.

Propriedades therapeuticas: os indigenas empregam os rhizomas prophyrisados por via da agua, e suspensos na mesma, tomados como anthelmintico.

Quéza. Arbusto de caules cylindricos, volubilados, da grossura de uma penna de gallinha ou pouco mais, muito flexiveis, que se enroscam nos arbustos visinhos em espiras muito curtas, vertendo um succo lacteo e viscoso, abundante em caut-chuc, e attingindo o comprimento de 2 a 3 metros, que vivem nas matas e prados.

Folhas inteiras, lisas, oppostas, glabras, glaucas, pecioladas, sem estipulas, ovaes-lanceoladas, cujo comprimento medio regula por 0^m,06 e 0^m,025 de largura.

Flores em pequenos grupos axillares, muito miudas, brancas, com o calice mono-sepalo, verde, de cinco lobos e corolla gamo-petala regular, infundibuliforme, penta-lobada, e inserida em roda do ovario; estames livres, quasi rentes na base do tubo, em numero de cinco; pistillo quasi sessil, verde, com estygma conico; ovario verde, supero, livre e um tanto espherico.

Os indigenas tomam tisanas das raizes nas dôres de ventre. Não é para desprezar como planta decorativa.

(Continúa)

Alfaces

Muitas especies do genero *Lactuca* fornecem productos usados em medicina. Taes são as seguintes:

Alface officinal (*Lactuca sativa*, L.).— E' emolliente e sedativa. O succo obtido por expressão da sua casca, na epoca da floração, serve para preparar um extracto muitas vezes empregado, como sedativo, sob o nome de *Thridace*. O succo leitoso d'esta planta, secco ao sol, constitue o *Thridace* do dr. François e o *Lactucario* do dr. Duncan.

Alface gigantesca (*L. altissima*, Bieb). Originaria do

Caucaso, cultivava-se actualmente nas proximidades de Clermont-Ferrand, para a extracção do *Lactucario* d'Aubergier.

Alface virosa (*L. Virosa*, L.)—O succo leitoso, obtido por incisão d'esta planta, é acre, muito amargo e dotado d'um cheiro viroso, *muito nauseabundo*. Se quizermos procurar, diz Guibourt, entre estas alfaces, um succedaneo do opio, é esta especie que deve ser preferida.

Todas as especies de alface parecem idoneas para fornecer o lactucario. Maish obteve-o da *L. elongata*, Muhl.

Thridace.—O succo da alface cultivada (*L. sativa*) foi experimentado em primeiro logar por Coxe (da Philadelphia), que fez conhecer as suas propriedades, em 1799, sob o nome de *opio da alface*. Este estudo foi continuado, na Escossia, por Duncan, Young, Anderson. Scudamore, etc.; em França, por diversos medicos, principalmente por Bidauld de Villiers. O succo era obtido por incisão dos caules d'esta planta.

Era chamado Thridace.

O thridace era então, na origem, uma substancia perfeitamente analogo ao preparado que Aubergier obteve da alface gigantesca, mas talvez menos activo, pois que provinha exclusivamente da alface cultivada. Era considerado como um hypnotico precioso e frequentemente usado. Caiu em desuso e foi abandonado, como sendo quasi inerte, logo que o Codex francez, seguindo as indicações de Caventou, prescreveu a sua preparação com o succo dos caules. Pela evaporação do succo tirado da casca, como quer Bèral, prepara-se, como quer Magnes-Lahens, um thridace infinitamente mais activo, mas menos efficaz, algumas vezes, que o obtido pela incisão directa dos caules, assim como recommenda o Codex. A incisão directa dos caules não fornece, como effeito, senão o latex, enquanto que por expressão da casca dá, ao mesmo tempo, todo o succo existente no parenchyma cortical ou libèrien. E' sem duvida n'um tal thridace que Magnes-Lahens achou 18 a 20 % da glucose.

O thridace é principalmente prescripto, sob a fórma de xarope ou de pilulas, como um calmante e um hypnotico ligeiros.

Lactucario.—Esta substancia tem sido principalmente exaltada por Aubergier, (1841) que o obteve do seguinte modo: Feitas incisões transversaes nos caules da alface gigantesca, na epoca da floração, recolhe n'um vidro o succo leitoso que escorre; deixa coagular o succo, tira-o do vidro e divide-o em rodellas pouco expessas, que depois secca.

Na occasião em que se effectuam as incisões, o succo tem a côr e a consistencia do creme. Coagula-se immediatamente, cora-se em amarello, depois em escuro e secca-se muito depressa, perdendo 71 % do seu peso e cobrindo-se algumas vezes de efflorescencias de mannite.

O lactucario d'Aubergier apresenta-se em pães de 30 a 50 grammas e de côr mais ou menos escura e de quebra-dura resinosa amarellada ou d'um escuro mais ou menos pronunciado; o seu cheiro é forte; o sabor extremamente amargo. Dissolvido na agua, o liquido toma, sob a influencia dos alcalis, um côr de rosa caracteristica e perde o seu amargo.

E' pouco soluvel na agua; o alcool a 56° dissolve a parte activa.

O lactucario é preparado tambem na Escossia e na Allemanha, onde é chamado *Lactucarium germanicum*, em opposição á substancia que Nothnagel chama sem rasão *Lactucarium gallicum* e que é o thridace ou succo da alface cultivada.

O *Lactucario d'Allemanha* apresenta-se em pedaços angulosos, mais ou menos contrahidos e irregulares, d'um escuro-avermelhado carregado exteriormente, opacos e como ceroses por dentro. Quando recente, a sua quebra-dura é d'um branco de creme; exposto ao ar, torna-se amarello, depois escuro. Tem sabor muito amargo, cheiro forte, desagradavel, similhando o do opio. (Flückiger),

O *Lactucario d'Allemanha* obtem-se da *Latuca virosa*.

cultivada perto de Zell, sobre o Moselle, entre Coblentz e Trèves. Obtem-se da seguinte maneira: em maio, quando a planta começa a florir, corta-se a 30 centímetros pouco mais ou menos abaixo da parte superior e recolhe-se o succo ao principio branco, depois escuro, que escorre. Aviva-se todos os dias a superficie da secção, até setembro. O succo assim obtido deita-se em vasos hemisphericos de barro. Quando está assás duro, tira-se do vaso e secca-se ao sol. Finalmente, quebra-se em pedaços e acaba-se de seccar ao ar sobre grades. Segundo Flückiger, este lactucario vende-se, em Zell, por 12 a 30 marcos o kilogramma e exporta-se d'elle annualmente 300 a 400 kilogrammas.

O Lactucario da Escossia apresenta-se sob a fôrma de massas terrosas, irregulares, de côr escura carregada tendo mais de 25 millímetros de comprimento. O cheiro é egual ao do lactucario de Allemanha.

Existe, parece, um Lactucario da Russia, mas que não vem a França e cujo preço é muito elevado. Esta substancia é talvez a mesma que o *Tchingel de Malatia*.

Segundo Aubergier, o Lactucario contem uma substancia neutra, crystallisavel, que é chamada *Lactucina*, asparagina, mannite, uma materia crystallisavel corando-se em verde pelos saes de ferro, uma resina electro-negativa combinada com a potassa, uma resina indifferente, acido ulmico (?), myricina, pectina, albumina, saes de potassa, de cal, de magnesia, etc. Ch. Magnes-Lahens encontrou n'elle 8 a 9 % de glucose.

A *Lactucina* é um producto mal definido, que foi em primeiro logar isolado por Buchner (1832), depois por Walz (1837), em seguida por Aubergier, finalmente por Louis. A lactucina obtida por estes differentes chimicos está longe de ser identica; este principio empregado como medicamento não pôde por isso apresentar nenhuma garantia.

Segundo Aubergier, a lactucina é o principio activo do lactucario. Dissolve-se com difficuldade a frio, na agua, mais a quente e separa-se, pelo resfriamento, em palhetas

nacaradas fazendo lembrar o acido borico; é solúvel no alcohol forte ou fraco e carbonisa-se pelo calor, sem se sublimar; a sua solução altera-se sob a influencia dos alcalis e o seu amargo desaparece sem voltar.

Segundo Lenoir, a lactucina d'Aubergier é uma substancia impura, que não deve ser considerada como o principio activo do lactucario: este principio será, segundo elle, um alcaloide organico, não descoberto, a que chamariamos *Lactucina* Lenoir separou do lactucario uma substancia crystallina, inodora, insipida e sem acção sobre a economia animal, a que chamou *Lactucone*.

Na opinião de Kromayer, a lactucina crystallisa em laminas rhombicas ou em escamas nacaradas; tem sabor amargo, é amarella, fusivel, solúvel em 80 partes d'agua fria, um pouco solúvel no alcohol e no acido acetico, pouco solúvel no ether. O acido nitrico converte-a em uma substancia resinosa e o acido sulfurico escurece-a. A sua formula será $C^{22}H^{28}O^8$ (Kromayer) ou $C^4 \text{ } \frac{1}{2} \text{ } H^{18}O^{13}$ (Walz).

Diz Louis que o lactucario contem, além da *Lactucone* de Lenoir (*C. Lactucarina* de Walz), *acido Lactucico* e *Lactucina*, que será realmente o principio activo e *Lactucario*.

Mouchon, pharmaceutico em Lyon, pretende ter obtido a *Lactucina* pura, que propõe substituir ao lactucario, cujas propriedades possui. Mouchon não tem ainda, que saibamos, publicado o processo que emprega para a extracção da sua *Lactucina*; assim as formulas que tem proposto, para a sua administração, não podem ser adoptadas. Pensamos, como Reveil, que não pôde merecer confiança um principio immediato imperfeitamente definido.

FORMULARIO

Preparações contra as frieiras

As mais efficazes são o nitrato de prata, oxido de zinco e o collodio iodado ou chloroformio.

1.º *Soluto de nitrato de prata.*

Nitrato de prata	0,5 ^{gr} 20
Agua distillada	30 grammas

Applica-se com pincel. (Billroth)

2.º *Pomada de nitrato de prata.*

Nitrato de prata.....	0,5 ^{gr} 10
Pomada corada.....	10 grammas

Em fricções sobre a região doente.

3.º *Vaselina de oxydo de zinco.*

Oxydo de zinco.....	3 grammas
Vaselina.....	20 »

Para o mesmo uso,

4.º *Collodio iodado.*—*M. Billroth emprega a seguinte formula:*

Collodio	40 grammas
Iodo	1 gramma

Applica-se em compressas imbebidas na mistura:

Agua de canella	20 grammas
Auga distillada.....	60 »

5.º *Collodio iodoformado.*

Iodoformio.....	1 gramma
Collodio.....	20 grammas

da Ordem dos Farmacêuticos ^{A.}

Pilulas purgativas do dr. Ball

Aloes socotrino	1	gram.
Resina d'escamonéa	0,50	»
« de jalapa.....	0,50	»
Calomelanos	0,50	»
Extracto de belladonna.....	0,25	»
» de meimendo	0,25	»

Sabão amygdalino q. s. (pouco mais ao menos dois gram para 50 pilulas).

Para tomar 3 a 5 por dia.

D.

Sabão e petroleo

PELO DR. CONSTANTINO PAUL

Petroleo.....	50 gram.
Cera.....	40 »
Alcool.....	50 »
Sabão amarello.....	500 »

Aquecem-se n'um matraz a banho-maria as trez primeiras substancias, e quando a fusão está completa, junta-lhe o sabão por pequenas porções. Logo que esteja dissolvido o sabão, retira-se o matraz, agita-se até ao resfriamento e lança-se em moldes a massa, quando tenha chegado á consistencia xaroposa. Esta preparação contem a quarta parte do seu peso de petroleo. Este sabão póde prestar grandes serviços pelo seu alto poder parasitica, no tratamento da sarna. Quatro fricções por dia, repetidas durante dois dias, são sufficientes geralmente para destruir o parasita com tanta energia e muito menos inconveniente do que o processo da fricção.

VARIEDADES

Falsificação da pimenta.— M. Stoddart indica no *The analyst* uma nova falsificação da pimenta, que consiste na addição d'uma mistura fina e intimamente pulverisada d'amido d'arroz, de sulfato de baryta, de carbonato de cal e de *chromato de chumbo*, este corpo nas proporções de pouco mais ou menos de 10 p. 100 da mistura. Juntando proxivamente 5 p. 100 d'esta mistura á pimenta ordinaria, a côr d'esta é de tal modo melhorada que o seu preço commercial augmenta sensivelmente.

A incineração accusa as substancias mineraes pela exaggeração da quantidade das cinzas, e a agua iodada denuncia, operando por comparação, a addição da fecula.

A.

Com o findar do anno de 1889 terminam tambem os nossos trabalhos n'esta redacção.

Ao tomarmos conta da direcção do jornal, seguimos o caminho traçado pelos nossos illustres antecessores na distribuição das materias.

Não tendo meio facil de haver á mão a legislação que se ia publicando, concernente á pharmacia, lembrámos á sociedade a conveniencia de fazer aquisição da folha official do governo; como ella hesitasse perante a despeza, não insistimos, e assim ficou o jornal privado da continuação da «Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes etc. relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza.» Parece-nos uma falta de alguma importancia, como subsidio para a historia, e para os trabalhos da nossa commissão de direito pharmaceutico. Outrem, em condições mais favoraveis, remediará o mal, se o julgar conveniente.

Despedindo-nos dos nossos leitores, a todos dirigimos os protestos da nossa muita estima e consideração, e os felicitamos pela substituição que hão de ter, toda a seu favor.

Aos nossos collegas da imprensa, que nos dispensaram attensões e estima, os nossos cordeaes agradecimentos; aos nossos collegas Alfredo da Silva Machado e Augusto d'Oliveira Abreu, um aperto de mão pela constante e valiosa cooperação que nos dispensaram.

24 de dezembro de 1889.

JOSÉ RIBEIRO GUIMARÃES DRACK.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 30 DE OUTUBRO DE 1889.—Presidencia do sr. EMILIO FRAGOSO,
1.º secretario

Na ausencia justificada do sr. presidente, o sr. 1.º secretario abriu a sessão ás 8 horas e meia da noite, estando presente numero legal de socios. Foram convidados os socios Oliveira Abreu e Reya Campos, para 1.º e 2.º secretarios.—Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. *presidente* (Fragoso) propoz, que se lançasse na acta um voto de sentimento pela infausta morte do socio protector Sua Magestade El-rei o sr. D. Luiz.—Approvado.

Participou á sociedade o fallecimento do nosso collega Alves Ferreira (fallecido em Paris), propondo um voto de sentimento.—Approvado.

O sr. *dr. Alves* pediu a attenção da sociedade para uma conversação praticular, que ha tempos teve com o sr. Alves Ferreira, em que este sr. manifestou desejos de proteger a classe pharmaceutica e lembrava que seria conveniente indagar, se este sr. teria feito algumas disposições n'esse sentido.—O sr. presidente disse que tomava nota e cumpriria os desejos da sociedade.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia e dois officios dos socios Silva Nogueira e Mendes Jára, justificando a sua falta.

O sr. *Antonio Augusto Mendes* pediu um voto de louvôr ao Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, pela attitude energica que tomou na questão ali levantada contra os droguistas—foi approvado—e ao mesmo tempo pediu ao sr. presidente informações sobre a resposta do advogado, da consulta que se lhe havia feito a proposito da sua proposta sobre pharmaceuticos e droguistas, acompanhando o seu pedido com algumas observações sobre o assumpto.

Respondeu o sr. presidente, que se esperava que a associação dos advogados reunisse, para se lhe enviar a con-

sulta, que já estava formulada, e que, desde que esta deliberação tinha sido tomada, ainda a associação não tinha reunido.

O sr. *Silva Machado* leu uma carta do sr. João Joaquim da Costa Junior, pharmaceutico em S. Miguel, em que pedia á sociedade o seu parecer sobre o seguinte—E' permittido legalmente ao proprietario d'uma pharmacia ter um consultorio na mesma, para que as receitas que o medico ahi passa, sejam aviadas na mesma pharmacia?

Fallaram sobre o assumpto os srs. Mendes, Mattos Miranda e dr. Alves.

Por deliberação da sociedade foi encarregado o sr. 1.º secretario de lhe responder.

ORDEM DA NOITE

Eleições de todos os cargos da sociedade

Foram eleitos por maioria os srs.

Presidente—João José de Sousa Telles.

1.º Vice—Alfredo da Silva Machado.

2.º Vice—Augusto d'Oliveira Abreu.

1.º Secretario—Joaquim Antonio Vaz Leirinha.

2.º Secretario—Filippe de Mattos Miranda.

1.º Vice—Domingos da Silva Nogueira.

2.º Vice—José Maria Reya Campos.

Os srs. thesoureiro, bibliothecario, e commissões, foram reconduzidos.

O sr. *Oliveira Abreu* propoz um voto de louvor á mesa transacta.—Foi approvedo.

O socio Reya Campos agradeceu á sociedade a honra do cargo para que acabava de o eleger.

Não havendo mais nenhum assumpto a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão ás 11 horas da noute.—Pelo sr. 2.º secretario, *José Maria Reya Campos*.

SESSÃO DE 12 DE NOVEMBRO DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK
presidente

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Não se fez a leitura da acta da sessão antecedente, por não estar presente o socio que desempenhara o logar de 2.º secretario.

O sr. 1.º *secretario* deu conta da correspondencia.

Achando-se na sala o sr. João José de Sousa Telles, eleito presidente na sessão anterior, o sr. Drack convidou o illustre socio a occupar o logar da presidencia, e em phrase levantada declarou que ao deixar o logar da presidencia só o acompanhava o desgosto de não o ter desempenhado com a intelligencia de que tinham dado sobejas provas os seus antecessores. Fez o elogio do seu successor, o sr. Telles, de quem a sociedade tinha muito a esperar, attendendo as preclaras qualidades que s. ex.^a reunia, e agradeceu aos secretarios, que o tinham acompanhado na direcção dos trabalhos da sociedade, a valiosa cooperação com que o tinham coadjuvado.

O sr. *Sousa Telles*, tomando em seguida a palavra, agradeceu as phrases amaveis que o sr. Drack lhe tinha dirigido, e poz bem em relevo a passagem do sr. Drack pela presidencia, que assignalou com um trabalho de altissimo valor historico e de actualidade scientifica e economica, qual foi o discurso pronunciado por s. ex.^a na penultima sessão solemne. Pediu para não tomar ainda na presente sessão a presidencia, por isso que não estavam na sala nenhum dos srs. secretarios, que o deviam coadjuvar nos trabalhos do anno que ia decorrer.

Consultada a assembléa, resolveu que o sr. Drack continuasse na presidencia durante a sessão.

O sr. *Mendes* propoz um voto de louvor á mesa demissionaria, sendo approvado unanimemente, depois de se retirarem da sala os socios sobre quem recaia o voto.

Depois da votação agradeceram os srs. Drack, Fragoso e Nogueira o voto da assembléa.

O sr. *Mendes*, referindo-se ao que se passou com a comissão de recenseamento, sentiu que por deliberação do tribunal da relação os pharmaceuticos não fossem considerados como diplomados com um curso superior.

Sobre este assumpto fallaram os srs. *Fragoso*, *Telles*, e o sr. *Mendes*, que prometteu apresentar na proxima sessão o *accordam* da relação.

O sr. *Fragoso*, tratando d'uma questão de pratica pharmaceutica, propoz que na proxima sessão se desse para assumpto de discussão os seguintes quesitos:

1.º.—A *poção* de *Jaccoud* deve filtrar-se?

2.º.—Quando se prescreva um medicamento em que entre o *vinho* e o *extracto* de *quina* deve aquelle filtrar-se?

Trocando-se explicações sobre este assumpto, foi resolvido dar-se uma sessão extraordinaria para a sua discussão.

—O 2.º secretario, *Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 19 DE NOVEMBRO DE 1889.—Presidencia do sr. SOUSA TELLES

Abrindo-se a sessão ás 8 ¹/₂ horas da noite e não estando presente o 1.º secretario, o sr. presidente convidou o sr. D. F. da Silva Nogueira a occupar aquelle lugar.

Foram lidas e approvadas as actas das duas sessões anteriores.

O 1.º *secretario* leu um officio do sr. Vaz Leirinha, em que pede escusa do cargo para que foi eleito ultimamente.

O sr. *presidente* pediu á assembléa que resolvesse sobre esse officio, se queria ou não que a Sociedade pedisse ao digno socio que não insistisse na sua recusa.

O sr. *Fragoso*, usando da palavra, mandou para a mesa uma proposta, auctorisando o 1.º secretario a procurar o sr. Vaz Leirinha e em nome da sociedade pedir-lhe que desista do seu pedido de recusa.

Foi approvada.

O sr. *M. Fernandes Pessoa* desejou saber o que se havia resolvido com referencia ás propostas que a so-

cidade, depois d'alguma discussão, deliberara enviar á associação dos advogados.

Respondeu o sr. Fragoso que ainda não havia resolução alguma, pois se tinha de esperar pela primeira reunião da referida associação.

O sr. *Reya Campos* apresentou á sociedade uma observação curiosa que, sobre a digitalina, encontrou no jornal da academia franceza.

O sr. *Reya Campos* disse:

Existe uma grande incerteza nas nações, com respeito aos productos activos derivados da digitalina.

E' por isso que se considera a digitalina amorpha como dez vezes menos activa que a digitalina crystalisada. Além d'isso o nome de digitalina é applicado na Allemanha a um producto que em França se chama *digitaleina* e que difere chimicamente e physiologicamente da *digitalina*. O dr. Bardet, illustre medico do hospital Cochin, apresentou hoje o resultado de numerosas experiencias que provam:

1.º Que a digitalina amorpha tem a mesma energia que a digitalina crystalisada, desde que o Codex exige para os dois productos a mesma solubilidade no chloroformio.

2.º Que a digitalina allemã ou *digitaleina*, insolvel no chloroformio e soluvel na agua, é irregular na sua energia, que é vinte a quarenta vezes menor do que a verdadeira *digitaleina*. E', pois, util não prescrever senão a digitalina chloroformica, visto que a sua actividade, pôde ser considerada como igual, quer o producto seja amorpho ou crystalisado.

O sr. *presidente* agradeceu a communicação do illustre socio, mas parecia-lhe que visto a pharmacopêa portugueza indicar a digitalina como muito soluvel no chloroformio, não haveria pharmaceutico, que, tratando-se de uma substancia tão importante debaixo de todos os pontos de vista, não fosse submettel-a a um pequeno ensaio como prescreve a pharmacopêa.

O sr. *Fragoso*, obtendo em seguida a palavra, mandou

para a mesa a seguinte proposta, que justificou exuberantemente e pediu para ella a urgencia, que foi approvada.

«Parecendo-me *incoherente* o procedimento da classe pharmaceutica, quando pede o cumprimento da lei de saude, na parte em que só aos pharmaceuticos é permittida por lei a venda de medicamentos, ao passo que — muitos dos seus membros annunciam publicamente que as suas especialidades podem ser procuradas nas drogarias de *Fulano e Sicrano*; e

«Tomando em consideração a necessidade que a classe tem de seguir uma norma de proceder consoante com as deliberações tomadas por esta *sociedade*, que deseja que os pharmaceuticos não figurem ao lado dos droguistas como vendedores avulso de especialidades pharmaceuticas:

«Proponho que se dirija uma *circular* a todos os pharmaceuticos do paiz, na qual se faça sentir a conveniencia de se acabar com um tal estado de cousas, porque assim o exigem o decoro da classe e a auctoridade que ella precisa manter nas reclamações que venham de futuro a fazer-se sobre o exercicio illegal da pharmacia por droguistas.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica, 19 de novembro de 1889.»

O sr. *Mendes* leu e mandou para a mesa uns documentos que a seu ver justificam a declaração que havia feito na sessão anterior com respeito ao tribunal administrativo não ter considerado o curso de pharmacia como curso superior.

O sr. *Fragoso*, vendo que n'um d'esses documentos, o sr. *Mendes* lera o seu nome, declarou que não tinha assignado esse documento, nem tinha auctorizado ninguem a fazer uso do seu nome.

O sr. *Carvalho* lamentou o facto da Relação não considerar o curso de pharmacia como superior, negando assim ao pharmaceutico o direito de voto nas eleições dos membros d'instrucção publica; todavia parece-lhe que a sociedade não fará bem em recorrer ao supremo tribunal.

O sr. *presidente*, julgando o caso um tanto melindroso, lembrou, apoz considerações sensatissimas, que a sociedade podia eleger uma commissão de dois ou mais socios, que se encarregasse de colligir tudo quanto possivel, capaz de esclarecer este assumpto.

Por proposta do sr. Mendes, attendendo a indicação do sr. presidente, ficaram encarregados de estudar o assumpto a mesa e os srs. Silva Machiádo e Emilio Fragoso.

ORDEM DA NOITE

Discussão dos seguintes quesitos:

1.º A poção de Jaccoud deve filtrar-se?

2.º Qualquer medicamento em que entrar o extracto de quina e o vinho deve ser filtrado?

O sr. *Mendes* é da opinião que a poção de Jaccoud, seja feita com extracto alcoolico ou aquoso, sempre deve ser filtrada. Parece-lhe que o precipitado é constituído apenas por mucilagens.

O sr. *Silva Machado*, a quem coube em seguida a palavra, reconhece que a tendencia aliás louvavel da pharmacia moderna é tornar os medicamentos o mais agradaveis possivel; mas é preciso que essa tendencia tenha limites, quando se trata de medicamentos que, como este, não se pôde tornar mais agradável pela filtração sem perder parte importante de principios activos.

O sr. *Reya Campos* é tambem de opinião que o medicamento em questão deve ser filtrado, pois parece-lhe que não se perdem principios apreciaveis quando se emprega o extracto hydro alcoolico de primeira qualidade de quina.

O sr. *Francisco D. Nogueira* diz que na sua pratica tem notado que o precipitado é insignificante, empregando um extracto alcoolico e vinho branco generoso.

O sr. *Silva Machado*, usando de novo da palavra, disse que era sabido por todos que no commercio appareciam extractos de quina de magnifica apparencia e até alguns absolutamente soluveis no vinho. Mas certamente estes extractos eram obtidos de quinas já extractadas, porque sendo

o tannino um reagente de muitos alcaloides, entre os quaes se contam os das quinas, se admirava como havia alguem que fosse capaz de preparar um extracto de quina, por processos os mais aperfeiçoados d'esse mundo, que não dêsse precipitado em solução no vinho tinto, que tem geralmente 0,1 a 0,3 % de tannino. Poz em evidencia que em conformidade com a formula do auctor o extracto deve ser aquoso.

O sr. *Fragoso* abunda nas rasões apresentadas pelo sr. S. Machado e acrescenta que o extracto a empregar deve ser o de quina cinzenta, que é o extracto official do *Codex*.

O sr. *Alberto Veiga* é de opinião que se deve filtrar.

Ainda fallaram a este respeito os srs. Silva Machado, *Fragoso*, Mattos Saraiva, Mendes e F. Nogueira.

O sr. *presidente* confirmou a importancia da questão, e no meio das mais judiciosas considerações, lembrou que a sociedade pôde, antes de resolver, pedir á sociedade das sciencias medicas para dar o seu parecer sobre a actividade therapeutica da poção filtrada ou não, e por seu lado a sociedade podia mandar á sua commissão de chimica que analysasse o residuo obtido por filtração.

O sr. *Mendes* apresentou uma proposta n'esse sentido, que foi approvada. O sr. Machado pediu para que a commissão de pharmacia seja convidada a dar o seu parecer sobre a questão dos extractos fluidos.

Não havendo mais assumpto a tratar, o sr. *presidente* encerrou a sessão eram 11 horas da noite.— Pelo 1.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

Parecer da commissão de chimica sobre uma amostra de magnesia alva, que lhe foi apresentada a ensaio; approvado em em sessão de 10 de dezembro de 1889.

A' vossa commissão de chimica foi enviada, por intermedio do digno 2.º secretario, sr. Silva Nogueira, uma caixa, contendo dois pães d'uma substancia branca, insipida e ino

dora, com a declaração de serem de magnesia alva, e de-sejar o seu remettente que fossem submittidos a ensaio chimico, por os suppôr inquinados de substancia estranha.

Sendo a magnesia alva uma das substancias medicinaes que teem indicadas na pharmacopêa official as reacções comprovativas de pureza, entendeu a commissão que devia submeter a essas reacções, de preferencia a quaesquer outras, a amostra em questão. Pesou, pois, 1 gramma da magnesia suspeita e tratou-a em tubo de ensaio por 40^{oo} de acido chlorhydrico diluido, vendo que era soluvel totalmente, com effervescencia. Addicionou a 2^{oo} d'este soluto 20^{oo} de chloreto de ammonio, para conservar a magnesia em solução; neutralisou em seguida o licor pela ammonia e tratou-o pelo oxalato de ammonia, o que produziu a formação de precipitado relativamente abundante, indicativo da presença de cal. Para contraprovar o resultado d'esta reacção, a commissão submetteu 1 gramma da magnesia á acção de 40^{oo} de acido sulfurico diluido, e como não se formasse precipitado immediatamente, misturou o soluto com equal volume de alcool, que produziu logo grande turvação.

Em vista do que fica exposto, a vossa commissão de chimica é de parecer que a referida magnesia alva está inquinada de cal em quantidade que a torna impropria para uso pharmaceutico, especialmente para a preparação das limonadas de citrato de magnesia, que, como sabeis, precipitam se forem preparadas com magnesia não isenta da supracitada impureza.

Lisboa e laboratorio chimico da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 13 de agosto de 1889.—*José Ribeiro Guimarães Drack*, 2.^o operador.—*Alfredo da Silva Machado*, 3.^o operador.—*Emilio Fragoso*, supplente.

**Parecer da commissão de chimica sobre a
poção de Jaccoud, lido em sessão de 10
de dezembro de 1889.**

Em officios de 22 e de 26 do corrente mez, assignados pelos srs. 1.^o e 2.^o secretario da sociedade, foi pedido á commissão de chimica que com a maior brevidade manifestasse a sua opinião sobre a natureza do deposito que se produz no preparado pharmaceutico magistral, conhecido pelo nome de poção de Jaccoud.

A commissão, reunida no proprio dia em que recebeu o ultimo officio, depois de apreciar e discutir detidamente o assumpto, resolveu fazer á sociedade as seguintes ponderações:

1.^o Que se julga dispensada de proceder á analyse do deposito que se fórma na dita preparação, quando feita com o vinho indicado na fórmula: pois em presença dos componentes, e das regras aconselhadas por todos os compendios elementares de pharmacotechnia, fundadas nas leis que presidem ás incompatibilidades chemicas, se vê o que se pôde e deve passar, entre o tannino do vinho tinto e os saes, com os alcaloides e mais principios contidos na quina cinzenta, que é, segundo a pharmacopéa franceza, a variedade empregada para se obter o extracto respectivo.

2.^o Que não haveria vantagem na analyse a que houvesse de proceder-se em um medicamento que não é novo, por quanto não iria esclarecer-se mais os pharmaceuticos, que, habituados desde muito a preparal-o, conhecem as principaes reacções que ali se devem passar, e porque, desejando-se consultar a sociedade de sciencias medicas sobre o assumpto, poderia suppôr-se que a classe medica desconhece a natureza de um preparado, cuja composição prevê sufficientemente pela qualidade dos corpos que entram na sua constituição, o que a auctoris a prescrevel-o para obter certos e determinados effeitos therapeuticos.

3.^o Quando mesmo houvesse de proceder-se a uma analyse rigorosa, o que exigiria muitissimo tempo, atten-

dendo á multiplicidade de principios que compõem as diferentes substancias que entram na poção de Jaccoud, esse resultado não avançaria mais, nem apresentaria outra condição que não fosse a de se reverificar, que o referido precipitado é principalmente formado de algum tannato de quinina, e de chinchonina, e de varios principios, uns já existentes e outros que se possam formar, de inportancia muito secundaria, e cuja composição com muita difficuldade e só por hypothese se poderia determinar.

Eis as considerações que sobre o assumpto apresenta a commissão de chimica, sobre melhor opinião da sociedade, que acata.

Sala de commissão de chimica da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 26 de novembro de 1889.—*Dr. Joaquim José Alves.*—*José Ribeiro Guimarães Drack.*—*Alfredo da Silva Machado.*

Parecer da commissão ad hoç encarregada de apreciar a validade de uns impressos remettidos á sociedade para concurso ao «premio José Dionysio Corrêa»; approved em sessão de 10 de dezembro de 1889.

Na sessão de 31 de julho d'este anno consultou o sr. presidente a sociedade sobre o destino, que se deveria dar a um maço de periodicos cintados e lacrados, que tinham sido enviados á sociedade com a indicação de n'elles estar contido um trabalho destinado ao concurso para o premio José Dionysio Corrêa; e, depois de pequena discussão resolveu-se que sobre o caso fosse ouvida uma commissão, a qual vem hoje apresentar-vos o seu parecer.

É condição indispensavel para que qualquer memoria possa ser submittida ao concurso para o premio José Dionysio Corrêa:

- 1.º que seja remettida á sociedade por todo o mez d'abril do anno, em que tiver de ser julgada;
- 2.º que traga o nome do auctor em carta fechada, na

qual se lerá por fóra como divisa, a mesma epigraphé da memoria, para ser aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada.

A nenhum d'estes requisitos satisfêz o remettente, e por isso a vossa commissão entendeu logo, que os artigos enviados á sociedade não poderiam considerar-se nas circumstancias de serem considerados como trabalho para o concurso ao premio José Dionysio Corrêa.

E ainda que aquelles periodicos tivessem vindo acompanhados da carta cerrada que o programma exige, e os artigos não estivessem assignados pelo auctor, a commissão e talvez esta sociedade, teriam de ventilar, se um escripto publicado n'um periodico estaria no caso de ser admittido ao concurso, de que se trata.

Parece, pois, a vossa commissão, que os artigos publicados pelo nosso collega João Cardoso em os n.^{os} 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 138, 143, 144, 145, 146, 147, 187, 188, 189 e 190 do *Correio d'Aveiro*, de janeiro a setembro de 1888, sob o titulo:—*A Pharmacia militar no Ultramar*—não podem ser considerados nas condições, a que devem satisfazer os trabalhos, que hajam de ser accêites para o concurso supra mencionado.

Como porém n'aquelles artigos se revelem amor da classe, desejo de que ella adquira a importancia, a que tem jus, e conhecimento da organisação do serviço pharmaceutico militar no ultramar e das imperfeições do mesmo; e como ali se apontam as prescrições legaes, que ao auctor se afiguram, de certo com razão, prejudiciaes aos interesses moraes e materiaes dos pharmaceuticos militares, que nas nossas possessões d'alem mar exercem a sua profissão, parece á vossa commissão, que será um acto de justiça e gratidão, que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, consigne na acta da sessão, em que este parecer fôr approvado, se o fôr, um voto de louvor ao nosso intelligente e estudioso collega João Cardoso, pelo empenho, que mostra, em que melhorem as condições dos pharmaceuticos em geral, e especialmente as dos pharmaceuticos navaes.

Tambem á vossa commissão parece conveniente, a commissão de redacção seja convidada a extractar alguns trechos do trabalho do nosso collega João Cardoso, especialmente os que se referem á subordinação completa dos pharmaceuticos navaes aos medicos tambem navaes; ao decreto de 2 de dezembro de 1889, no que diz respeito aos quadros de saude do ultramar; á existencia de duas classes de pharmaceuticos como inconveniente para as promoções; ao exercicio da pharmacia por medicos e enfermeiros; á conveniencia dos pharmaceuticos terem um camarada e habitação no edificio da botica; e, principalmente ás reformas.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 10 de dezembro de 1889—*Augusto d'Oliveira Abreu*—*Pedro Fernandes da Cunha*—*João José de Sousa Telles*, relator.

PHARMACIA

Remedio para os nossos males

Desde certo tempo a esta parte, o Centro pharmaceutico do Porto anda empenhado, como os nossos leitores hão de saber, em fazer prevalecer os nossos direitos de classe, os quaes estão justa e perfeitamente garantidos... no papel.

A execução da lei de saude pelo que respeita ao exercicio da pharmacia tem sido objecto de estudo, e principalmente de representações, por parte da nossa Sociedade; a *brandura dos nossos costumes*, porém, como agora se diz, tem feito com que as coisas continuem sempre no mesmo estado, ou pouco menos.

A indifferença das nossas auctoridades administrativas tem animado os infractores na continuação dos seus abusos, e, não contentes com isso, já pedem a sancção legal para os seus actos!

O Centro pharmaceutico do Porto, pela sua parte, para reter a inanidade da argumentação dos droguistas, acaba

de dirigir ao governo uma importante representação, concebida em bons termos e com mui valiosos argumentos, representação, que publicamos adiante, e para a qual chamamos a attenção dos leitores.

A avaliarmos o presente pelo passado, podemos suppor que tanto o requerimento dos droguistas, como a representação dos nossos collegas da cidade do norte, hão de ter a mesma sorte — a indiferença, senão o desdem — o que é verdadeiramente triste e lamentavel.

E' indispensavel que de entre nós se levante em alguma casa do parlamento uma voz competente e auctorizada, como lá as ha e tem havido, que trate esta questão detidamente, proficientemente, e pacientemente, com a larguesa que ella requer, e com a insistencia necessaria a aclarar e definir a nossa situação scientifica e social.

O actual estado de coisas tem-nos fatalmente impellido para um campo pouco invejavel a mais de um respeito, e que se vae tornando insustentavel.

Esperar o remedio das medidas que hão de emanar do poder central, vae-nos parecendo insania—tantas tem sido as nossas diligencias (de classe), tantas vezes inutilisadas quantas vezes tentadas.

Porque não dirigiremos a nossa attenção para outro caminho? ou para outro caminho simultaneamente?

Se Dorvault, com a creação da *Pharmacia central* em França, não conseguiu completamente arrancar ás garras da usura e do commercio illicito a classe pharmaceutica e o povo do seu paiz, é incontestavel que vibrou um golpe fundo e formidavel aos nossos adversarios impertinentes, que impassivelmente e todos os dias nos vão minando a existencia social. Entretanto, é de justiça que se diga, que não são os negociantes de drogas, de grosso trato, quem verdadeiramente nos prejudica. São os pseudo-droguistas, que, abeirando-se das pharmacias, e a titulo de negociarem em drogas e tintas, e mantendo pequenos estabelecimentos, vivem apenas da venda, quasi exclusiva, a retalho, de todas as drogas e medicamentos, cujo commercio é por lei clara,

expressa, e terminantemente destinado ao pharmaceutico, a fim de que este seja materialmente habilitado a satisfazer regular e conscienciosamente as exigencias da medicina no tratamento dos doentes.

Da subversão d'estes principios, que por todos os titulos consideramos salutaes e indispensaveis em uma sociedade bem constituida, tem resultado uma serie de males, que tende a alastrar-se, dos quaes se queixa a propria medicina, e que se reflectem tanto na classe pharmaceutica, como na propria sociedade; porque é necessario que nos convençamos de uma vez por todas «que na casa onde não ha pão, todos peejam e ninguem tem rasão.»

A classe pharmaceutica, desde o momento em que vê os seus direitos ultrajados e os seus interesses justos e rasoaveis fundamente lesados, hade fatalmente resvallar uma ou outra vez para o campo da illegalidade, aonde os máos exemplos e a estreitesa das circumstancias a convidam a entrar.

Se o pharmaceutico vê o fisco engrossar os seus redditos com o imposto immoral dos medicamentos estrangeiros de formula desconhecida; se elle vê distribuir profusamente os prospectos de todas as panaceas que o commercio importa livremente e que teem livre curso no paiz; se vê o droguita, que vem acolher-se á sua sombra, como a era se enroscava ao tronco que hade alimentar-a, preparar, vender e fazer larga propaganda, como é notorio, dos especificos da sua lavra e da alheia; se elle vê muitas vezes o proprio medico, triste mas forçoso é dizel-o, evadir a esphera da sua profissão a mais de um respeito, e preferir, sem rasão scientifica ou justificavel, aos medicamentos nacionaes os estrangeiros — como resistir á tentação, no meio d'este verdadeiro pandemonio?

A vida profissional é hoje muito outra do que era ha vinte ou trinta annos, e varios factores concorrem para isso. Por um lado a illustração geral; por outro o nosso retardamento em acompanhar passo a passo o movimento scientifico, como as classes similares dos outros paizes, de-

sajudados como nos achamos de todos os elementos que cercam os nossos collegas no estrangeiro.

Acrescente-se a estas causas do mau estar que nos opprime, a feição commercial e industrial que a profissão vae adquirindo cada vez mais acentuadamente, e teremos a explicação por completo do estado pouco lisongeiro da nossa classe.

A França dá-nos bons exemplos, assim nós soubessemos aproveitá-los. Os nossos collegas de Puy-de-Dome e dos departamentos limitrophes acabam de constituir-se em syndicato, adoptando os estatutos do syndicato de Isere e, inspirados pelo exemplo d'este departamento, esperam fazer cessar o exercicio illegal da pharmacia no centro da França.

Porque não faremos nós outro tanto? E porque não avocaremos a nós o commercio das drogas, que, para exercel-o, temos mais e melhores elementos do que ninguem?

Alguns collegas do Porto organisaram uma companhia pharmaceutica. Já n'isso se tinha fallado em Lisboa em tempos, e n'esta propria sociedade; parece, porém, que interesses particulares prejudicaram o pensamento. Porque não havemos de desenvolver e fortificar com os nossos capitães a instituição do Porto, alargando-lhe a esphera de acção, installando uma filial em Lisboa? Porque não crearemos para o sul uma companhia commercial, como a que os nossos collegas do norte fundaram?

Ha muito tempo que pensamos assim e temos expellido a nossa opinião publica ou particularmente.

Aqui tem os homens que podem influir nos destinos da classe, concatenados os topicos principaes que é preciso estudar, desenvolver, e discutir, se tanto for necessario, para obter a regeneração da classe: tratem d'isso, se que-rem prestar um serviço assignalado ao paiz e tornarem-se benemeritos de uma classe, que merece alguma coisa mais do que aquillo que actualmente lhe dão.

Representação do Centro pharmaceutico do Porto dirigida ao governo de Sua Magestade contra a pretensão dos droguistas da mesma cidade, a proposito da venda de medicamentos.

Senhor ! O Centro Pharmaceutico Portuguez, associação legalmente constituida na cidade do Porto, vem, muito respeitosamente perante vossa magestade dizer da sua causa e justiça:

Ao governo, pelo secretario d'estado dos negocios do reino, requerem os droguistas do Porto a derogação dos artigos 79.º e 80.º do decreto com força de lei de 3 de dezembro de 1868, com o singular fundamento, de que as disposições de taes artigos são um estorvo aos seus interesses e um impeditivo ás suas relações commerciaes com o publico.

Se foi um acto inconstitucional e incorrecto requerer ao poder executivo a derogação de uma lei sancionada e promulgada, ousado e incorrectissimo foi o facto de se pedir ao ministro d'estado, a quem as leis do paiz encarregam da superintendencia e fiscalisação dos regulamentos sanitarios, que faça suspender a execução de uma parte importantissima da lei de saude, a qual está em vigor ha mais de vinte annos com utilidade comprovada—sendo para notar que as disposições que se querem suspensas ou derogadas se encontram na legislação sanitaria de todos os povos civilizados, e n'estes são executadas com mais escrupulo e rigor do que infelizmente tem sido no nosso.

E' verdade que a letra e o espirito legislativo d'aquelles artigos é prohibir, muito acertadamente, que qualquer individuo, não sendo pharmaceutico legalmente habilitado em Portugal, prepare ou venda medicamentos, bem como drogas medicinaes; é verdade tambem que as disposições contidas nos citados artigos, quando executadas pelas autoridades e pelos tribunaes, impedem que muitos individuos, e entre esses principalmente os droguistas, arrecadem criminosamente proventos, que a lei, não por favor especial, mas por conveniencias da sociedade e em troca

de serviços valiosos e importantes—determina só pertencerem aos pharmaceuticos.

Senhor: o Centro Pharmaceutico Portuguez julga que os droguistas requerentes ultrapassaram os limites do direito de petição, porque um tal direito não pôde nem deve ir além de causas ou cousas justas, sérias e rasoaveis, e no seu requerimento ao ministro pedem o que não lhe pôde ser concedido sem prejuizo grave da saude publica e offensa da lei.

Não é com certesa, senhor, causa justa, séria e rasoavel—por interesse e ganancia propria, prejudicando-se e offendendo-se uma classe, cujos membros teem habilitações praticas e scientificas, determinadas por lei, para poderem exercer e praticar os respectivos actos e funcções profissionaes—o pedir-se que estes actos e funcções se tornem porto franco para os habilitados e não habilitados.

E' esta, senhor, nem nada mais, nem nada menos a protenção dos droguistas, pedindo ao governo de vossa magestade a abolição ou suspensão dos artigos 79.º e 80.º do decreto de 3 de dezembro de 1868.

Os droguistas, como negociantes que são, só avaliaram os lucros, que poderiam tirar da liberdade commercial e industrial da preparação e venda de medicamentos, não cuidando, porém, como cidadãos, de saber e de conhecer:

—das vantagens que ha para o estado e para o bem publico da boa regulamentação de todos os ramos sociaes, que se ligam ou prendem com a saude publica;

—das razões porque o estado creou e sustenta escólas para habilitar pharmaceuticos.

—dos motivos porque o estado remunera com soldos valiosos, concede patentes e recompensa na velhice com reformas vantajosas, aos pharmaceuticos que têm no exercito, na marinha e nas colonias;

—e dos direitos adquiridos pelos alumnos de pharmacia nos bancos escolares e nos laboratorios e dispensatorios pharmaceuticos.

Se preciso fosse, senhor, argumentos para provar a ne-

nhuma seriedade e o nenhum valor da pretensão dos droguistas, bastaria os seguintes termos de comparação de obrigações e encargos profissionais:

—o pharmaceutico é obrigado a estudar theorica e practicamente, e a dar por ultimo uma prova da sua capacidade para lhe ser passado um diploma que o habilite a poder legalmente preparar e vender medicamentos e a abrir o seu estabelecimento. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a toda a hora do dia e da noite a servir o publico. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a vender por um regimento official, mandado organizar e approvar pelo ministerio do reino. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a responder pela pureza dos artigos que vender e pela boa e exacta preparação dos medicamentos. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a ter na sua pharmacia certos e determinados agentes medicinaes. O droguista não;

—o pharmaceutico está sujeito a visitas policiaes, sanitarias, na sua pharmacia e no seu laboratorio. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado antes de abrir a sua pharmacia a participal-o á auctoridade. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado na sua qualidade de homem scientifico a prestar serviços como perito e analysta tanto nos tribunaes judiciaes como nas repartições administrativas. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a ter no seu estabelecimento um exemplar de pharmacopeia e do preçario official em vigor. O droguista não;

Por consequencia quando, attendida a pretensão dos droguistas, fosse decretada a liberdade da preparação e da venda dos medicamentos, equivalia ao decretar-se:

—a extincção da classe pharmaceutica e das escolas de pharmacia;

—a derogação de todas as obrigações que a lei estatue para exercicio de pharmacia;

- a abolição do regimento de preços;
- a annullação da pharmacoopia legal no paiz, e a liberdade da escolha de formulario para a preparação de medicamentos;
- a auctorisação dos mesinheiros e das mulheres de virtude, etc.

Bastará, senhor, de mais argumentos e considerações, e mesmo porque o Centro Pharmaceutico Portuguez não vem perante vossa magestade com esta exposição, por ter o menor receio de que seja attendida a absurda e infundada pretensão dos droguistas do Porto, sendo d'isso garantia bastante para esta associação e para todos os membros da classe pharmaceutica, não só a muita illustração e saber do augusto chefe do estado, como tambem a certesa de que nenhum dos nossos estadistas apoiaria, nem nenhum ministro portuguez praticaria o erro governativo de levar á assignatura régia um documento ou diploma que deferisse pretensão tão desajudada de justiça e razão como prejudicial á saude publica, e á boa administração d'este ramo tão importante de serviço publico.

O fim principal com que esta associação pharmaceutica vem junto ao throno, é pedir a vossa magestade que se digne proteger a util e trabalhadora classe pharmaceutica, fazendo com que pelo ministerio do reino, aos governadores civis do districto e pelo ministerio da marinha e ultramar, aos governadores geraes das provincias ultramarinas, se transmittam ordens, recommendando-lhes a exacta observancia dos artigos 79.º e 80.º do decreto com força de lei de 3 de dezembro de 1868, e tambem com que pelo mesmo ministerio do reino se faça saber ao governador civil do Porto, que não havendo fundamentos justos para ser attendida a pretensão dos droguistas, deve continuar com o mesmo zelo, a fazer cumprir pelos seus subordinados o que se determina nos citados artigos 79.º e 80.º

Esperando que um pedido tão justo e tão legal como é o feito n'esta representação será attendido, os corpos ge-

rentes e todos os associados do Centro Pharmaceutico Portuguez fazem votos para que:

Deus guarde a preciosa vida de V. M. como a todos é mister.

Porto e assembléa geral do Centro Pharmaceutico Portuguez, aos 30 de outubro de 1889.—O presidente, *Henrique Mauricio Jorge de Lima*; o 1.º secretario, *Custodio Nunes Pereira*; o 2.º secretario, *Francisco Alves Peixoto*.

CHIMICA

Meio pratico para descórar o iodeto d'ammonio decomposto

O iodeto d'ammonio é, como se sabe, um sal muito instavel: o ammoniaco separa-se com extrema facilidade da sua combinação com o iodo, facto este que é denunciado pela côr amarella que adquire o sal, que é normalmente branco.

Para regenerar o iodeto de ammonio, assim alterado e restituir-lhe a côr branca primitiva, recommenda Falk um processo simples. Colloca-se um fragmento de carbonato de ammonia, embrulhado em papel de filtrar, no frasco que contem o iodeto d'ammonio alterado e deixa-se estar até que este tenha adquirido a brancura normal. O tempo necessario para isto se conseguir, está naturalmente subordinado á quantidade do producto alterado e ao respectivo grau de decomposição. O gaz ammoniaco, que se evolve constantemente do carbonato, combina-se com o iodo livre e fórma iodeto de ammonio.

Este processo não altera em cousa alguma o iodeto de ammonio, e restitue-lhe a côr primitiva e todas as suas propriedades.

Para descórar um soluto de iodeto de ammonio córado por excesso de iodo, o pharmaceutico Soucheire, preparador de pharmacia da escola de Toulouse, propõe a adicção

d'um excesso de feculã de batata, que agita durante alguns minutos. Forma-se assim iodeto de amido azul, insolvel, que fica sobre o filtro com a fecula que não se combinou, e o soluto do sal ammoniacal fica descórado. Para um soluto de 20 grammas de iodeto de ammonio em 500 grammas d'agua distillada basta ordinariamente cerca de 7 grammas de fecula.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

«Os climas e as produções, das terras de Malange á Lunda.»

POR SESINANDO MARQUES

SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

EXCERPTO

(Concluido da pag. 212)

Cabolle-bolle. Planta arbustiva, annual, que habita nas matas e prados, de caules lenhosos, cylindricos, amarello-esverdeados, chegando raramente á grossura de uma pena de pato, variando a sua altura de 0^m,2 a 0^m,5, constituindo por vezes pequenas moitas.

Folhas lanceoladas, espessas, glabras, macias ao tacto, pecioladas, oppostas ou em tres-verticilladas, com o comprimento de 0^m,07.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, miudas, com quatro petalas brancas, e estames indefinidos, de calice mono-sepalo com quatro dentes avermelhados e foliaceos; seu pistillo é curto ou rente, e só visivel á vista armada.

O fructo é vermelho, mono-sperma, e tem quasi a fórma e tamanho de um murtinho.

Esta planta tem um rhizoma horisontal á superficie da terra, que é bi-annual ou vivaz, lenhoso e mais grosso que

os caules aereos. Todas as suas partes são aromaticas, e recordam o cheiro do rosmaninho.

Os naturaes empregam as infusões bem concentradas em clysteres nos casos de diarrheas ou dysenterias das creanças, com bons resultados; applicações que parece serem ra-soaveis, porque a planta não é toxica, e é dotada de poderosa adstringencia, o que lhe deve dar a propriedade hemostatica.

Mucólo ou *Tauhi*. Arbusto sarmentoso, da família das *ampelideas*, genero *ampelopsis*, muito ramoso, de longos caules verde-amarellados, mais ou menos cylindricos, nodosos, que attingem a grossura de um dedo minimo, e habitam nos valles humidos.

Folhas estipuladas, e algumas oppostas a gavinhas, e compostas de tres foliolos, inseridos na extremidade e sobre o mesmo ponto de um longo peciolo, denteados, falsiformes os lateraes e ob-oval o do centro, verdes na pagina superior e côr de canella pubescente na inferior.

Inflorescencia em pequenos corymbos oppostos ás folhas.

Flores muito miudas, com um calice concavo, côr de canella, pubescente, e corolla com cinco petalas avermelhadas, abrindo de cima para baixo.

Os indigenas tomam as raizes raladas, suspensas em agua, em algumas doenças.

Quichibua. É uma *ampelidea*, creio que do genero *ampelopsis*, muito semelhante á nossa vinha, *Vitis vinifera*, com a qual a certa distancia se confunde, não obstante ter as folhas compostas de cinco grandes foliolos recortados e denteados, dispostos em roda do peciolo commum, e mais verdes que os das videiras. Habita pelas matas e valles.

Flores em pequenas espigas esphericas, são miudas, com cinco petalas carmesins, valvares, abrindo de cima para baixo e cinco estames amarellos.

Nas *Plantas uteis da Africa portugueza*, do sr. conde de Ficalho, vem descripta uma *quixibua*, *Vitis schimperiana*, que creio ser outra especie que não esta. O nome *quichi-*

*bu*a parece-me ser dado pelos indigenas a varias especies de *vitis*.

N'zonzo.⁴ Malvacea arbustiva, muito semelhante ao *cabodi*, da qual parece uma variedade de especie.

Folhas simples, glaucas, sub-cordiformes, serreadas, muito macias ao tacto, e avelludadas, longamente pecioladas, medindo o limbo das maiores 0^m,05 a 0^m,06 de comprimento por quasi egual largura. Inflorescencia em espigas axillares e terminaes.

Flores com 0^m,02 de diametro; calice verde, gamo-sepalo, concavo, e quinquefido; petalas em numero de cinco, amarellas e planas, estames indefinidos, da mesma cor, soldados ao tubo que reveste o pistillo.

Floresce em setembro e outubro, e as folhas com a ve-lhibice matisam-se de amarello, o que a torna bonita planta decorativa.

Suas folhas são empregadas como emollientes nos mesmos casos que a *Malva sylvestris* dos nossos campos; e com o liber—egual ao do *cabodi*—fibroso e tenaz, fabricam cordoalha.

N'bunze. Planta arbustiva annual—creio ser uma malvacea—de caules simples, herbaceos, verdes, quasi cylindricos, um tanto estriados, cotanilhosos, erectos, mais delgados que um dedo minimo, que attingem proximamente a altura de 1 metro, e vivem em sociedade ou em pequenas moitas nos valles. Folhas inteiras, simples, alternas, estipuladas, longamente pecioladas, verde-amarelladas, sombrias, espessas, cordiformes, denteadas, de pubescencia rente e muito aspera, cujo limbo das maiores mede cerca de 0^m,15 de comprimento por largura egual.

Inflorescencia em pequenos corymbos alternos e quasi oppostos ás folhas. Flores miudas, hermaphroditas, completas, regulares: calice com cinco sepalas lanceoladas; petalas em egual numero, amarellas, ellipticas, inseridas debaixo do ovario; estames livres, indefinidos, eguaes, ama-

⁴ E uma segunda planta com o mesmo nome.

rellos, com antheras esphericas tambem inseridas debaixo do ovario, sendo este livre, conico, esverdeado, pilloso; estylete sovelado com stygma verde bi-lamelar.

Usos therapeuticos: os indigenas empregam as raizes raladas, suspensas em agua, como lavagens aos olhos, em casos de conjunctivites.

Catori. É um arbusto bi-annual ou vivaz, que habita nos quintaes abandonados e em logares humosos; caule cylindrico, com a circumferencia de 0^m,25 a 0^m,30, altura de 2 ou 3 metros, com muitos eixos secundarios erectos e curvados na base, cheios de cicatrizes das folhas caducas; tem todos os caracteres herbaceos e um grosso tubo medullar.

Folhas dispersas, lanceoladas, verdes, grossas, algum tanto lustrosas, pecioladas, succulentas, muito fetidas e abundantes em chlorophylla.

As flores são em grandes espigas terminaes, apetalas, com estames em numero superior a onze, livres cercados de uns pellos brancos e sedosos tenuissimos: calice verde, carnoso, tubular, com ranhuras longitudinaes.

Os naturaes empregam as folhas cozidas sobre as emplas das queimaduras.

Quinzunguilla. Arbustos leguminosos, esguios, da altura de 10 a 12 decimetros, de caules sub-lenhosos, pubescentes e cylindricos, ou pequenas arvores da mesma altura, mesmo porte, um pouco mais ramosas, e tronco quasi da grossura de um pulso, que habitam nos prados e matas, e florescem nos principios do inverno.

Folhas alternas, estipuladas, longamente pecioladas, caducas, compostas de tres foliolos, sendo o do centro oval e falsiforme os lateraes, peciolados, glaucos, de pubescencia muito rente, cinzenta, lustrosa e avelludada, medindo o limbo dos maiores cerca de 0^m,10 de comprimento por 0^m,055 de largura.

Flores papilionaceas, grandes, sobre o comprido, nascendo na parte nua dos eixos; calice concavo, irregular, verde com cinco dentes; corolla roxa-escura.

Fructos, vagens muito pilosas, um tanto curvas e leve-

mente estranguladas, com o tamanho das de ervilhas, contendo duas a cinco sementes semelhantes a um pequeno feijão.

Quinzongé. É uma leguminosa arbustiva, ás vezes cultivada, bi-annual ou vivaz, que attinge a altura de 2 metros ou mais, de caule lenhoso, da grossura maxima do dedo pollegar, e muito ramoso.

Folhas alternas, compostas de tres foliolos lanceolados e flores amarellas papilionaceas.

O fructo é uma vagem de 0^m,04 ou 0^m,05 de comprimento por 0^m,007 a 0^m,008 de largura, contendo duas a cinco sementes do tamanho de um feijão frade, um tanto mais redondas, esbranquiçadas, com pintas amarellas; são comestiveis, de sabor agradavel e dizem ser muito alimentares.

Quizunda. Planta leguminosa arbustiva, que vive nas matas e tambem junto aos terrenos cultivados, de caule herbaceo, da grossura de uma penna de ganso, attingindo a altura de 7 a 10 decimetros.

Folhas largas, lanceoladas, oblongas, verde-claras.

Flores em espigas papilionaceas, inodoras, côr de rosa e brancas.

Fructos, pequenas vagens um tanto deprimidas, polyspermas.

Cafóto. Planta leguminosa arbustiva, vivaz, quasi sempre cultivada, de caules ordinariamente curtos e delgados, mas que algumas vezes chegam a attingir a grossura de um pulso, muito ramosos, e com 2 metros de altura.

Folhas alternas, estipuladas, pecioladas, compostas de seis a onze pares de foliolos com impar, pequenos, ellipticos, glaucos e pubescentes.

Flores em espigas, papilionaceas, brancas, grandes e de bonito effeito.

Fructos, vagens semelhantes ás de feijão, contendo seis a oito sementes pequenas, côr de castanha, com o hilo branco.

Esta planta é muito coberta de pellos côr de canella, tor-

nando-se hirsutos e picantes nas cascas dos fructos novos.

E' usada para tapumes de quintaes, como ornamental; e empregam na pesca as folhas pisadas, que têm a propriedade venenosa para o peixe; è muito vulgar por toda a provincia de Angola.

Católi. E' um arbusto leguminoso muito ramoso, com caules cylindricos, altura de 0^m,5 a 0^m,6, e grossura de uma penna de gallinha ou pouco mais, que habita nos terrenos frescos e humidos.

Folhas muito verdes, oppostas, lanceoladas, glabras, muito aquosas, com o peciolo quasi rente do comprimento medio de 0^m,04.

Flores papilionaceas, amarellas. Vagens muito pequenas, roliças, formadas de uma pellicula delgada e muito tenaz, contendo dezeseis a dezoito sementes reniformes com o hilo relativamente comprido.

E' annual e suas raizes são delgadas e fibrosas. As folhas são comestiveis, e muito usadas pelos indigenas, cosinhadas com alguns condimentos.

Dizombolle ou *Lumbombo.* Arbustos leguminosos —às vezes pequenas arvores— de caules cylindricos e grossos, que variam entre a de um dedo e um braço, mais ou menos tortuosos ou contorcidos e curvos, com muitos eixos secundarios de 3 a 4 metros de comprimento e mais, de pubescencia curta e côr de canella, muito ramosos, intrincados e volubilados, cobrindo e occultando muitas vezes as outras arvores e arbustos visinhos.

Folhas amplas, alternas, pecioladas, compostas de quatro a oito pares de foliolos com o impar, ovaes-lanceolados, peciolados, verde-amarellados, muito pubescentes na pagina superior, macios e lustrosos.

Inflorescencia, em espigas terminaes, compostas, muito abertas, chegando a medir 0^m,5 a 0^m,6 de comprimento.

Flores miudas, papilionaceas, côr de palha, de cheiro herbaceo.

Fructos, vagens indehiscentes, planas, fulvas, avelludadas, pouco mais grossas que folhas de papel almasso, do

comprimento de 0^m,10 por 0^m,025 de largura, contendo ao centro uma, e ás vezes duas sementes reniformes, planas, rugosas, côr de canella, medindo as maiores 0^m,017 de comprimento por 0^m,007 de largura.

Florescem em agosto, e seu liber é de natureza textil, muito bom para cordoaria. Os troncos feridos exsudam uma seiva branca agglutinativa, que se solidifica ao ar, tornando-se vermelha e muito adstringente.

Mundianhoca dos n'bundos ou *Fedegoso* dos portuguezes. E' a *Cassia occidentalis*, leguminosa bem conhecida para que nos abstenhamos de longas descrições organographicas.

Habita por toda a provincia de Angola, e as suas raizes são reputadas pelos indigenas como poderoso anti-febril.

As sementes torradas, moidas e excipiadas pela agua fervente constituem uma bebida muito semelhante ao café, com o qual se chega a confundir.

Não sei se representa todos ou parte dos principios immediatos do *Coffea arabica*, porque não fiz a analyse, nem me consta que se houvesse feito; no emtanto afirmo tão sómente que é uma bebida agradável e inoffensiva, que ao paladar substitue perfeitamente o café.

Já foi esta a impressão do missionario Lewigston e dr. Nicholls ¹.

Mussandeira sange. Arbustos leguminosos, herbaceos, annuaes, de caules cylindricos, verdes, muito ramosos, que attingem a grossura de um dedo pollegar, e altura de 1 metro—especie muito proxima da *Cassia occidentalis*—que habita nos prados, nas ruas e largos das povoações.

Folhas alternas, longamente pecioladas, estipuladas, compostas de tres pares de foliolos verdes, pubescentes, quasi rentes e ovaes, medindo 0^m,028 de comprimento por 0^m,012 a 0^m,014 de largura.

Flores axillares, hermaphroditas, completas, quasi regu-

¹ *Plantas uteis da Africa portugueza*, pelo sr. conde de Ficalho.

lares; calice verde com cinco sepalas foliaceas, irregulares; corolla com cinco petalas amarellas, ob-ovaes, hypogeneas; estames livres muito curtos, em numero de dez, sendo geralmente sete ferteis, e estereis os restantes.

Fructos, vagens um tanto quadrangulares, curvas, da grossura de uma penna de ganso; e comprimento de 0^m,08 a 0^m,16; sementes côr de castanha, muito juntas, umas vezes cylindricas de base obliqua, e outras offerecendo a figura pararellipeda.

Acha-se como a antecedente difundida por toda a provincia de Angola. A infusão de suas sementes torradas substitue perfeitamente a das do *fedegoso*, não se lhe conhecendo differença ¹.

Féto. É o *Pteris aquilina*, de Linn. Cryptogamia de tige lenhosa, avermelhada, pouco mais grossa do que uma penna de ganso, muito ramosa, com bonitas frondes, tomando o porte de pequenas arvores.

Habita nas matas e ao longo dos caminhos desde Pungo Andongo até Malange, sendo ainda muito maior a area da sua distribuição geographica no continente africano; e tambem é planta muito conhecida nos campos incultos e matas da nossa provincia da Extremadura.

São vulgares ainda as beldroegas, *Portulaca oleracea*; agriões, *Sysimbrium nasturtium*, *Datura stramonium* e *D. fastuosa*, *Ricinus communis*, *Amomum grana paradisi* e erva tostão, *Bæheravia hirsuta*. ²

Kolas africanas

Sob o nome de *Kola*, *Gourou*, *Omboné*, *Nangoné*, *Kok-korokou*, designam-se na Africa tropical os grãos d'uma

¹ O exemplar d'esta planta e de varias outras da flora de Malange, foram remettidos ao herbario de Coimbra, e muitos d'elles por determinar: fazendunos o ex.^{mo} sr. dr. Julio Henrique a fineza de tomar a seu cargo tão importante trabalho, e restando-nos a esperanza que o distincto professor nol-o remetterá a tempo de figurar n'esta pequena obra.

² Mais uma vez fazemos a declaração de que transpomos para este jornal a descripção das plantas que simplesmente interessam, ou mais parece interessarem, a materia medica. D.

arvore da familia das Malvaceas, a *Cola acuminata*, R. Br. (*Sterculia acuminata*, P. Beauv. *S. nitida*, Vent, *Siphoniopsis monoica*, Karst). Esta arvore encontra-se no estado espontaneo em toda a costa occidental d'Africa, entre 10° de latitude norte e 5° de latitude sul, sobre a parte comprehendida entre a Serra Leôa e o Congo, adeantando-se até 800 kilometros para o interior. Os grãos são oblongos, obtusos, subtretagons, de tunica exterior membranosa, vermelha ou branca amarellada. O embryão, que quasi todo o grão, é mais ou menos globoso, carnudo, de 4, 8 cotyledones espessos, de côr variando de rosa a amarello claro. Os indigenas empregam-os como dinheiro corrente, fazendo d'elles idolos, e attribuindo-lhes propriedades as mais diversas. O sabor ao principio assucarado, é depois amargo, adstringente e a sua mastigação, no dizer dos indigenas, torna fresca e agradável a agua a mais quente e a mais salobra.

Chimica.—Os grãos contem, segundo Heckel e Schlagdenhanffen, que fizeram d'elles um estudo completo:

Cafeina, 2,348; Théobrolina, 0,023; Tannino, 1,618; Materias proteicas, 6,761; corpos gordos, materias corantes, etc.

Pharmacologia.

EXTRACTO AQUOSO

Prepara-se tratando os grãos, a frio, pela agua distillada. Tiram-se proximate 10, 50 %.

Convém accrescentar que o extracto aquoso é muito difficil de preparar por causa da abundancia d'amido existente nos grãos e que, durante a maceração, um magma de que é difficil desembaraçar se.

EXTRACTO ALCOOLICO

Sementes de kola.....	1 parte
Alcool de 60°.....	5 partes

Macere durante quinze dias.

Os grãos dão pouco mais ou menos 17 % d'este extracto.

VINHO DE KOLA

Sementes frescas.....	100 gram.
Vinho branco doce.....	500 »

Macere por quinze dias.

Os grãos podem ser reduzidos a pó e administrados em pilulas ou melhor ainda sob a fôrma d'elixir feito com o alcoolato.

PILULAS

Extracto alcoolico de kola.....	10 gram.
Pó de kola.....	q. s.

F. s. a. 100 pilulas, de 8 a 15 pilulas por dia.

POÇÃO

Agua.....	50 gram.
Tinctura de kola (a $\frac{1}{5}$).....	10 »
Tinctura de baunilha.....	0, ^{gr} 50 centigram.
Xarope simples.....	15 »

Para tomar durante o dia.

Todas estas formulas teem sido dadas por M. Heckel.

Therapeutica.— A grande quantidade de cafeina que contem a noz de kola aproxima as suas propriedades physiologicas das do café. E' um tonico do coração que pôde ser util nas affecções cardiacas com ædema e anasarca, pela diurese que ella determina.

Modifica certas fôrmas de dyspepsias com bastante successo para que se possa aconselhar o seu uso. A kola dá tambem excellentes resultados nas diarrheas chronicas.

Pode-se administrar em infuso na rasão de 50 a 100 grammas de pó de noz torrada, preparada como o café negro. Dois grammas d'extracto alcoolico correspondem pouco mais ou menos a 10 grammas de pó, a dóse correspondente é então de 10 a 20 centigrammas d'extracto.

(Nouv. Rem.)

TINCTURA DE KOLA

Noz de kola secca pulverisada...	50 gram.
Alcool a 80°.....	1.000 »

Macere por 15 dias; administra-se na dôse de 2 a 10 grammas por dia.

INFUSO DE KOLA

Prepara-se lançando 1 gramma de noz de kola secca, grosseiramente pulverisada; n'uma chicara de café d'agua fervente; depois d'uma hora de contacto, passa-se; esta preparação administra-se depois da refeição.

EXTRACTO ALCOOLICO DE KOLA

Trata-se a noz secca pulverisada, por lixiviação, pelo alcool a 60°; prescreve-se este extracto em pilulas ou em poção, na dôse de 1 a 2 grammas por dia.

VINHO DE KOLA

Noz de kola secca pulverisada...	50 gram.
Vinho de Malaga.....	2.000 »

Macere por 15 dias. Prescreve-se na dose de 2 a 5 colheres de sopa por dia, depois da refeição.

(*Journ. de Pharm. et Chim.*)

FORMULARIO

Poções de naphtol

O sr. Maimiel depois de varias tentativas para obter solutos estaveis do naphtol, fixou a sua attenção sobre o soluto oleoso ao decimo, com o qual preparou um loch re-tendo o naphtol em perfeito estado de solubilidade.

Em resultado dos seus trabalhos o auctor propõe para as poções de naphtol a formula seguinte:

Soluto oleoso de naphthol, ao decimo (oleo de am.)	20 gram.
Goma arabica	20 »
Xarope simples	300 »
Agua de flor de laranja	200 »
Agua distillada	600 »

Prepare uma mucilagem com a goma e duas vezes o seu peso de agua; junte o soluto oleoso por pequenas porções, afim de o dividir com o auxilio de uma trituração prolongada, e dilua emfim com o resto dos liquidos.

D.

Pilulas de creosota

Desde que se começou a prescrever a creosota sob a fórma pilular tem sido indicadas diversas formulas com o fim de obter pilulas relativamente pequenas e com a creosota bem dividida. De todas as formulas que conhecemos, parece-nos preferivel a seguinte devida a Martindale:

Creosota de faia	5 gram.
Sabão neutro em pó	5 »

Introduz-se a creosota e o sabão n'um frasco de boca larga, rolha-se, agita-se bem, aquece-se em banho de agua até á fusão completa do sabão e deixa-se esfriar.

A massa pilular contem 50 % de creosota, mistura-se facilmente a qualquer outra substancia e não é alterada, como acontece quando se emprega a magnesia calcinada ou a cal extincta.

O sabão deve ser neutro e secco; o sabão animai parece preferivel; dá uma massa mais consistente.

VARIÉDADES

Até que ponto ó Catalina...?— Acaba de inventar-se um novo processo para recompensa do merito em

pharmacia. A penitenciaria de Lisboa, precisando de um pharmaceutico para o seu serviço, poz o logar *em leilão* ! Aonde todos teem larga fatia, tornava-se necessario que alguem pagasse a boda; esfolou-se por tanto o pharmaceutico para haver carne para os bifes.

E lá está o logar preenchido, por quem se viu forçado a desempenhal-o por menor preço.

Abstemo-nos de classificar factos d'esta ordem.

Ignacio José Franco. — Damos os parabens ao nosso illustre collega pelo seu ingresso no parlamento pela primeira vez.

Na força da vida, cheio de esperanças como é attributo da mocidade, e com talento, chamamos a sua attenção, para as necessidades e aspirações da classe pharmaceutica, a qual precisa dos exforços de todos os seus membros, especialmente d'aquelles que, podendo influir pela sua posição social nos destinos da nação, mais podem coadjuval-a.

Projecto de lei sobre o exercicio da pharmacia em França. — O ex-ministro da republica o sr. Lokroy acaba de renovar na camara a iniciativa do seu projecto de lei que na legislatura anterior submettera á apreciação parlamentar, quando era ministro do commercio sobre o exercicio de pharmacia.

Quantes projectos de lei sobre ensino e exercicio da pharmacia se teem discutido em França, desde que nós prégamos no deserto, a pedir reformas n'este serviço, em harmonia com o caminhar da humanidade?

Em França são os homens notaveis e importantes da politica que se occupam d'estes assumptos, entre nós o caso é muito differente.

Com vista aos nossos governantes. — Os ministros do commercio e da fazenda de França, conformando-se com o parecer da escola superior de pharmacia de Paris, decretaram a livre entrada em França do *sulfonal* e da *phenacetina*, mediante o imposto de 4 % *ad valorem*, e prohibiram a importação das *pastilhas* das referidas

substancias, fabricadas por Fried Boyer e C.^a. Foi igualmente prohibida a importação do vinho de Brovil, composto de vinho de Hespanha, extracto de carne, quina e ferro, cuja formula não se acha publicada em nenhuma pharmaco-*pea*.» (*Da Gaz. de pharm.*)

O governo francez, em questões de pharmacia, ouve os especialistas na materia, os pharmaceuticos; o nosso governo, de certo com mais criterio, entende que nós só temos cabeça... para pagar contribuições.

D.

O acido chromico contra a transpiração

—Na Allemanha, a direcção de saude do ministerio da guerra acaba de recommendar o emprego do acido chromico, como um remedio pouco custoso, seguro e sem perigo, para prevenir a transpiração exaggerada dos pés. Cobre-se a pelle dos pés com um soluto d'acido chromico de 5 ou 40 p. 100, e a operação não necessita renovar-se antes de duas ou tres semanas, e algumas vezes mesmo sete ou oito semanas.

A administração mandou previamente ensaiar o remedio, com os melhores resultados, em 18000 soldados.

Causticidade do acido phenico.—Quando se dissolve o acido phenico puro em glicerina pura ou alcool concentrado as suas propriedades causticas são consideravelmente diminuidas; a causticidade reaparecerá, porém, logo que n'esses solutos se faça intervir a agua, ainda que seja em fraca proporção.

Em consequencia, no caso de queimadura pelo acido phenico concentrado deve ser empregado o alcool e não a agua para lavar a parte affectada.

S. M.

Alcaloides. — Anunciamos aos nossos collegas um trabalho importante, que acaba de vêr a luz publica, em Paris, devido ao trabalho assiduo, pre severante, e indagador do sr. Dupuy, pharmaceutico de 1.^a classe, official da Academia, etc. etc.

A obra divide-se em duas partes: a primeira compre-